

Jorge Durand  
Carmem Lussi

**METODOLOGIA E  
TEORIAS NO  
ESTUDO DAS  
MIGRAÇÕES**

PACO  EDITORIAL

---

Conselho Editorial

**PACO**  **EDITORIAL**

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

Profa. Dra. Andrea Domingues  
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi  
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna  
Prof. Dr. Carlos Bauer  
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha  
Prof. Dr. Fábio Régio Bento  
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa  
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes  
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira  
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins  
Prof. Dr. Romualdo Dias  
Profa. Dra. Thelma Lessa  
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

---

©2015 Jorge Durand; Carmem Lussi

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

---

D9485 Durand, Jorge; Lussi, Carmem  
Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações/Jorge Durand; Carmem Lussi.  
Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

136 p. Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8148-908-7

1. Migrações 2. Mobilidade humana 3. Ciências sociais 4. Economia.  
I. Durand, Jorge; II. Lussi, Carmem.

---

CDD: 300

**Índices para catálogo sistemático:**

Ciências sociais	300
Migração	325
Trabalho do Imigrante	331.62

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
Foi feito Depósito Legal

Aos homens, às mulheres, jovens e crianças,  
adultos e idosos migrantes  
que esperam contar com  
pesquisadores e pesquisadoras  
capazes de interpretações do fenômeno migratório,  
que além de corretas e inteligentes,  
sejam também sábias e humanizantes.



# Sumário

## I

### **A ARTE DE PESQUISAR SOBRE MIGRAÇÕES**

<i>Pressupostos metodológicos para a pesquisa em ciências sociais...</i>	<i>7</i>
1. Introdução.....	7
2. A profissão de pesquisar: a abdução a retrodução e o pensar de reverso.....	10
3. A imaginação sociológica.....	19
4. A obra mestra e o esboço.....	23
5. A entrada no tema e a importância da porta de ingresso.....	26
6. O olho clínico.....	30
7. O trabalho de campo e o trabalho do diário.....	35
8. A arte de narrar.....	38

## II

### **TEORIAS DA MOBILIDADE HUMANA**

<i>Revisão bibliográfica.....</i>	<i>43</i>
1. Introdução.....	43
2. Teorias para o Estudo da Mobilidade Humana.....	55
3. Elementos de história das teorias das migrações.....	62
4. As abordagens econômicas.....	76
4.1 A teoria neoclássica.....	78
4.2 A teoria da nova economia das migrações.....	82
4.3 A teoria da migração familiar e da seletividade da migração.....	84
4.4 A teoria do duplo mercado de trabalho (ou mercado segmentado).....	86
4.5 A World Systems Theory.....	89
5. Outras abordagens clássicas das principais disciplinas afins.....	92
5.1 Abordagens de perspectiva: top-down e bottom-up.....	94
5.2 Abordagens de processualidade.....	97
5.3 Abordagens por mosaico ou estudos por tópicos emergentes.....	104
6. Exemplos de leituras teóricas mais recentes.....	112
<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<i>117</i>



# I

## A ARTE DE PESQUISAR SOBRE MIGRAÇÕES<sup>1</sup>

### *Pressupostos metodológicos para a pesquisa em ciências sociais*

*Jorge Durand<sup>2</sup>*

*Evidente, meu querido Watson.  
Arthur Conan Doyle.*

#### 1. Introdução

Os principiantes copiam e colam e, com o tempo, entram em um processo de produção padronizado. Finalmente, se têm capacidade, podem criar sua própria versão, sair dos moldes, desenvolver seu estilo. É um processo. Neste texto pretende-se analisar as características essenciais desse processo.

No decorrer do tempo e com os avanços da tecnologia, os métodos qualitativos se tornam mais completos e as técnicas mais

1. O autor agradece os comentários e as sugestões de Jesús Martín Barbero, Jorge Alonso, María Eugenia Anguiano, Cynthia Hewitt e Patricia Arias. O presente texto é a tradução de um artigo publicado no volume organizado por Marina Ariza e Laura Velasco. “Métodos cualitativos y su aplicación empírica: Por los caminos de la investigación sobre migración internacional”. Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM e El Colegio de la Frontera Norte, México, D.F., 2012. A presente é uma versão ampliada, corrigida e revisada pelo autor.
2. Centro de Investigación y Docencia Económicas, Universidade de Guadalajara.



sofisticadas se complicam. No entanto, o método científico, em termos gerais, e a capacidade de pesquisar são, antes de qualquer coisa, o exercício de uma profissão, um artesanato, uma arte. E como tal aprende-se a partir da observação, com a tentativa e o erro. Como em qualquer outra profissão, a prática cotidiana e a sábia orientação de um mestre são fundamentais. A profissão se adquire com horas de voo, que não exige certificação porque não é um curso.

Porém, são necessárias habilidades especiais, já que todo tipo de pesquisa requer um envolvimento pessoal do pesquisador. A pesquisa exige suas habilidades individuais para a observação e a sistematização; sua capacidade para a análise, a introspecção e a reflexão; sua única, pessoal e peculiar maneira de conseguir, obter, perseguir, processar e interpretar a informação.

Portanto, nos métodos qualitativos, especialmente no método etnográfico, acontece uma simbiose, uma mestiçagem de todos os métodos clássicos de pesquisa, seja científica ou policial, no laboratório ou no campo. O método era pré-moderno, como diria Ángel Palern em sua “Historia de la Etnología”, como no exemplo dos viajantes, missionários e funcionários coloniais; moderno, como na aparição dos profissionais e nas diferentes escolas antropológicas, e, pós-moderno, como nas modas atuais, que ele não teve a oportunidade de analisar. Da mesma maneira opinava Albert Einstein: “O pensamento científico é uma evolução do pensamento pré-científico”<sup>3</sup>. É possível ir ainda mais além, como diria August Comte, conhecido como “o pai da sociologia”: “o método não é suscetível de ser estudado separadamente das pesquisas nas quais é utilizado”<sup>4</sup>. Com efeito, não se trata de um saber separado, não se pode ensinar separadamente; a aprendizagem do método deve estar ligada a pesquisas concretas, a exemplos reais e a experiências pessoais.

---

3. Miller. *Einstein y Picasso. El espacio, el tiempo y los estragos de la belleza*. p. 224. Todos os textos citados de volumes em outro idioma são de tradução livre – n.d.t.

4. Bourdieu. Chamboredon. e Passeron. *El oficio del sociólogo*.



Nisto se fundamenta a importância de recorrer à experiência dos pesquisadores e não tanto a formulas pré-estabelecidas. Os manuais clássicos de metodologia nos dizem o que fazer e como devemos fazer, porém neste artigo preferimos privilegiar a perspectiva dos pesquisadores, dos que exercem a profissão, para que nos digam como a praticam.

O método de pesquisa da Escola de Chicago está perfeitamente definido e delimitado, a partir da obra pioneira de Palmer<sup>5</sup>, na qual ele indica os sete passos que o pesquisador deve realizar para estudar um grupo de migrantes. Porém, talvez seja mais útil analisar *in vivo*, a partir de seu diário de campo, como fez o estudante de antropologia Robert Redfield, ao desenvolver sua pesquisa entre os mexicanos residentes em Chicago em 1924<sup>6</sup>.

Além da prática da profissão e da liberdade de improvisar que o método etnográfico oferece, se requer um enquadramento, coordenadas espaciais, temporais, teóricas e temáticas para poder montar o quebra-cabeça. É necessário um marco no qual se possam definir os limites e os alcances da pesquisa. Um marco metodologicamente delimitado, explicitado; que seja, ao mesmo tempo, intelectualmente aberto para incorporar dados, informação, leituras, interpretações, ideias que surgem no trabalho de campo e que não seria possível imaginar ou prever. Como diria C. Wright Mills<sup>7</sup>, o projeto de pesquisa deve estar em constante processo de revisão e adequação à realidade que é pesquisada. Como sugere Carlo Ginzburg<sup>8</sup>, as pesquisas de um historiador da arte (Morelli), de um psicanalista (Freud), de um detetive (Holmes), de um pesquisador multidisciplinar (Peirce) ou de um historiador (ele mesmo) partem dos mesmos pressupostos meto-

5. Palmer. *Field Studies in Sociology. A Students Manual*.

6. Arias. Durand. *Mexicanos en Chicago. Diario de campo de Robert Redfield, 1924-1925*.

7. Mills. *La imaginación sociológica*.

8. Ginzburg. *Mitos, emblemas, indicios*.

dológicos, da mesma maneira de pensar. Todos eles utilizam o método indicial.

## 2. A profissão de pesquisar: a abdução, a retrodução e o pensar de reverso

O detetive de Los Angeles Harry Busch, personagem central de Michael Connelly, ao revisar velhos expedientes de homicídios, comentava:

Evidentemente foram alcançados avanços tecnológicos incríveis nos últimos trinta e cinco anos, porém eu pensava que tinha coisas que eram sempre as mesmas e que não iriam mudar. O trabalho de campo, a arte de interrogar e escutar, de saber quando confiar em um instinto ou numa intuição. Estas eram coisas que não mudavam, que não podiam mudar<sup>9</sup>.

Os princípios básicos da pesquisa científica são sempre os mesmos, normalmente não mudam apesar do transcurso do tempo e são válidos para a maioria dos casos. Mudam as técnicas e a metodologia. Segundo Bourdieu<sup>10</sup>, “os métodos se distinguem das técnicas pelo fato que os primeiros são suficientemente gerais para ter valor em todas as ciências ou em um de seus setores importantes”.

Claude Lévi-Strauss, em “Tristes trópicos”<sup>11</sup>, explica como, nos primeiros anos do descobrimento da América, tanto os índios como os espanhóis se interrogavam sobre a “humanidade do outro”. Para os espanhóis era fundamental desvendar o problema porque isso significava para eles a possibilidade de escravizar os

---

9. Connelly., *El último coyote*, p. 42.

10. Bourdieu. Chamboredon. PASSERON. *El oficio*, p. 13.

11. Lévi-Strauss. *Tristes trópicos*.

índios e de tratá-los como animais. O autor se refere a uma “pesquisa” realizada pela Ordem de São Jerônimo, em 1517, junto aos colonos espanhóis, para saber se os índios “eram ou não capazes de viverem por si mesmos”, como os agricultores de Castillas. Todas as respostas foram negativas: os índios eram cheios de vícios, perversos e indomáveis. Um testemunho posterior dá por concluído o assunto indicando que “os índios comem carne humana, não têm justiça, vivem completamente nus, comem pulgas, aranhas e vermes crus e não têm barba e se por ventura lhes cresce, se apressam em cortá-la”. Obviamente, eram diferentes, porém a conclusão a que chegam é que “para os índios valia mais ser homens escravos, que animais livres”<sup>12</sup>.

Imediatamente depois, Lévi-Strauss comenta que em Porto Rico “os índios se esmeravam em capturar brancos e fazê-los parecer por imersão; depois, durante semanas faziam a guarda junto aos afogados para saber se eram ou não submetidos a putrefação”. Comparando os dois métodos, diz o autor, se poderia concluir que “os brancos confiavam mais nas ciências sociais, enquanto que os índios confiavam mais nas ciências naturais”. Deste modo, os espanhóis concluíam que os índios eram bichos e estes suspeitavam que os espanhóis eram deuses: “à mesma ignorância, o último procedimento era certamente mais digno de homens”<sup>13</sup>.

De fato, a suspeita, a incerteza, a pressuposição que os descobridores e os descobertos tinham quando se encontraram pela primeira vez eram as mesmas. E se pode recorrer a uma pesquisa com os especialistas (os conquistadores) ou ao método por tentativa e erro. A primeira tentativa é conhecida como o “Método de Delfos”, no qual se fazem perguntas aos especialistas e estes opinam a partir de sua habitual sabedoria. Nos estudos migratórios, quando não existia um modo para contabilizar os migrantes indocumentados, se usava perguntar aos conhecedores do tema (cônsules, patrulheiros, acadêmicos, pre-

---

12. Idem, p. 61.

13. Idem, p. 62.

feitos) que arriscassem uma cifra a partir de seu entendimento e então se obtinha uma média, procedimento normal nas ciências sociais. Contrariamente, os primitivos ou aborígenes preferiam o método por tentativa e erro, como citado no caso dos índios Tainos de Porto Rico.

Nessa mesma perspectiva, em um documentário filmado em Nova Zelândia na segunda década do século XX, se apresenta o primeiro contato entre o homem branco e os aborígenes da região. Entre os detalhes grotescos que aparecem no primeiro encontro, se destaca que os indígenas seguiam os brancos quando esses iam fazer suas necessidades, e em seguida, analisavam com muito cuidado seus excrementos. Buscavam a prova de que eram iguais e tão humanos quanto eles, que tinham necessidades fisiológicas, produtos e detritos semelhantes.

Segundo definição de Tzvetan Todorov, os bárbaros “são aqueles que negam a plena humanidade aos demais”. No primeiro encontro entre o homem branco e os aborígenes, cada um utiliza seu método pessoal para comprovar a humanidade do outro, porém os dominadores usam comportar-se “como se os demais não fossem humanos, ou não o fossem totalmente”<sup>14</sup>.

O método da comprovação empírica parece ser tão antigo quanto moderno. De fato, a pesquisa científica parte do mesmo princípio de sempre. O método por tentativa e erro continua sendo válido; até mesmo indispensável. A tecnologia ajuda, facilita, resolve problemas práticos, porém não aporta contribuições, porque, na realidade, se requer uma mente criativa para qualquer tipo de pesquisa, alguém que veja mais além, que seja capaz de imaginar, intuir e encontrar uma solução, uma explicação. Alguém que possa descobrir a verdade, reinterpretar a realidade e aportar um conhecimento novo, que não é outra coisa mais do que um pequeno passo no longo e penoso processo da pesquisa científica.

---

14. Todorov. *El miedo a los bárbaros*, p. 33.

Assim, são necessárias pessoas com experiência, com profissionalismo, como diriam Pierre Bourdieu<sup>15</sup>, Luis González<sup>16</sup>, Claude Lévi-Strauss<sup>17</sup> e C. Wright Mills<sup>18</sup>. Toda pesquisa é um lento processo de construção, que pode ser considerado quase manual, para coletar informação e sistematizá-la, que requer, ao mesmo tempo, imaginação. É um ato criativo. Por isso Wright Mills falava do “artesanato intelectual”, que, a primeira vista, parecia uma contradição ou até mesmo uma desvalorização da atividade humana por excelência.

Não é suficiente coletar informação e nem mesmo classificá-la, apesar desta atividade já ser um avanço. Luis González contava que quando ele e sua equipe estavam trabalhando na “Historia moderna de México”, um dos pesquisadores apresentou o trabalho final a Daniel Cosío Villegas. Este, após ler o escrito, ficou furioso e disse ao historiador que o texto era uma sequência de fatos, realizado como se alguém tivesse ido ao mercado para buscar uma série de produtos. A questão era preparar uma salada, não simplesmente fazer o trabalho de arquivo, erro este muito generalizado no meio acadêmico, no qual existem historiadores que são permanentes colecionadores de anotações, cientistas políticos que são eternos fãs de recortes de jornais, sociólogos que nunca terminam de analisar suas pesquisas e antropólogos aos quais sempre faltam três meses de trabalho de campo para terminar sua pesquisa.

De fato, a mesma ciência ou disciplina passa por um processo de aprendizagem, por tentativa e erro, até que se defina a profissão, o método. Lévi-Strauss<sup>19</sup> menciona esse processo referindo-se aos britânicos que, com seu peculiar humor, falam de duas fases primitivas na antropologia: os antropólogos catalogados

15. Bourdieu. Chamboredon. Passeron. *El oficio*.

16. González. *El oficio de historiar*.

17. Lévi-Strauss. *Le métier d'ethnologue*, p. 5-17.

18. Mills. *La imaginación sociológica*.

19. Idem Lévi-Strauss. *Le métier*.

como *armchair*, que se dedicavam a colecionar dados e notícias sobre lugares e culturas distantes e nunca haviam deixado seus assentos, seu lugar de origem (James Frazer, por exemplo); e os antropólogos do período colonial, *rocking chair*, que iam a lugares remotos e se instalavam na varanda da casa do administrador colonial ou da missão religiosa, aos quais se aproximavam indígenas que eles podiam interrogar e entrevistar. Bronislaw Malinowski rompeu com esse ciclo, em 1914, indo viver com os Trobriand e instalando sua própria tenda no meio da aldeia. Foi então que finalmente se definiu o método antropológico e se constituiu a disciplina como tal.

Cada disciplina recorre às próprias técnicas e em cada uma existem certas chaves, recomendações ou procedimentos considerados clássicos. Na investigação policial se recomenda seguir o estilo francês do *cherchez la femme*, que tem sua contraparte ou complemento no *modus operandi* dos investigadores estadunidenses *follow the money*, procedimento que serve também nas ciências sociais.

Pedro Armillas<sup>20</sup> conta que preferia a arqueologia pedestre, com suas longas caminhadas para observar as paisagens. Em seus passeios noturnos se encontrava com os operários que tinham trabalhado na escavação e conversava com eles. Estes, que viviam naquela região desde sempre e a conheciam melhor que ninguém, lhe transmitiam informações valiosíssimas. Assim descobriu um importante conjunto de murais em Teotihuacan. Só então entrava Alfonso Caso, o cacique da pesquisa arqueológica daqueles tempos, que os interpretava sem delongas e os dava a conhecer à imprensa. Naquele tempo se valorizava somente o que era espetacular e se desprezava a informação secundária, como as áreas urbanas, as moradias e os recintos menores. Armillas aprendeu de Fernando Gamboa que era fundamental encontrar informações sobre “a base econômica”, como diriam os marxistas daquele

---

20. Durand. La aventura intelectual de Pedro Armillas (entrevista). *Caminos de la antropología*, 15-56.

tempo, e começou a revalorizar a informação arqueológica que fornecia dados sobre a cultivação, os sistemas de irrigação, as ferramentas e os produtos de consumo.

Para o mundo andino, John Murra, depois de ler as tediosas “visitas” ou censos para cobrar impostos no Peru, descobriu a chave da verticalidade ou complementaridade dos diferentes patamares ecológicos, que caracteriza a organização social, política e econômica do império Inca. A partir de então, Murra<sup>21</sup> estabeleceu um princípio indispensável para entender o passado e o presente do mundo andino e que representa sua chave interpretativa, que não é outra coisa que a altitude.

Trata-se de princípios, regras ou, pode-se afirmar, de “leis” básicas que funcionam para uma porção específica de um dado universo. Segundo Umberto Eco, “são modelos especiais de certos fatos que possibilitam a explicação dos mesmos”<sup>22</sup>. Para pesquisar sobre o tema migratório, não se pode deixar de lado o contexto do mercado de trabalho, da oferta e da demanda.

Porém, quando as regras não funcionam e o panorama está confuso, é necessário tentar encontrar a peça perdida que permite de terminar de montar o quebra-cabeça. Quando eu dava meus primeiros passos como pesquisador, perguntei ao meu mestre Jorge Alonso, quais dados eram importantes e quais não. A resposta foi contundente como era usualmente o mestre: “Tudo é importante”. Na realidade, não existe um modo para saber o que é importante e o que não o é, até que não se termina a pesquisa; e mesmo neste caso a pessoa sempre fica com muitas ideias entre suas anotações.

Para Wright Mills, os dados marginais tem valor muito especial, normalmente são a chave para encontrar a explicação, porém, como tendencialmente são deixados de lado, é difícil encontrá-los e revalorizá-los. Por isso, o autor recomenda aos pesquisadores de

21. Murra. *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*.

22. Eco. Cuernos, cascos, zapatos: algunas hipótesis sobre tres tipos de abducción. *El signo de los tres: Dupin, Holmes, Peirce*, p. 274.

pegar todas as anotações, jogá-las ao alto e voltar a colocá-las em ordem. Um método um pouco radical para quem gosta de manter tudo muito ordenado, porém muito eficaz para despertar a imaginação sociológica e encontrar conexões inesperadas.

Estas conexões emergem como sendo fundamentais e são descobertas no momento menos esperado. Os velhos sábios têm muitos contos sobre o momento e as circunstâncias em que “acendeu a luz” e conseguiram visualizar algo que vinham buscando e que não conseguiam ver ou concretizar. Esse tipo de abordagem lembra o velho Arquimedes, o qual descobriu na banheira seu famoso princípio sobre o volume dos corpos e saiu emocionado e nu pelas ruas de Siracusa, gritando “Eureka!”.

O pesquisador Harry Bosh, quando sentiu a necessidade de formular uma nova teoria, recomendou:

coletar os fatos e agitá-los para formar hipóteses. A chave era não sentir-se sempre em dívida com uma teoria. As teorias mudam e a pessoa tem que mudar com elas<sup>23</sup>.

Outra fórmula recomendada é conhecida como retrodução, “pensar para trás” ou “pensar ao contrário”. O comissário sueco Wallander, personagem de Henning Mankell, em momentos de desespero lembrava o que seu mestre e companheiro Rydberg lhe havia recomendado: “pode acontecer que a causa apareça depois do efeito. Como policial, deve-se estar preparado para pensar ao contrário”<sup>24</sup>.

Apesar de aparecer uma irreverência comparar o detetive Wallander com Fernand Braudel, os dois parecem tomar o mesmo caminho. Pelo menos é o que afirmou seu devoto discípulo Immanuel Wallerstein sobre o mestre, quando escreveu:

---

23. Connelly.. *El último*, p. 236.

24. Mankell. *El hombre sonriente*.



Braudel via o capitalismo de uma maneira que, aos olhos da maior parte de seus colegas, podia ser expresso somente como ‘ver ao contrário’.

De fato, a posição de Braudel vai contra o liberalismo e o marxismo clássicos e propõe ver o capitalismo como o sistema do “antimercado”, que não é outra coisa que o reino da confusão e o direito do mais forte. Nesse sentido o capitalismo começa muito antes, com o comércio a longa distância, a concentração e os monopólios, muitos dos quais estatais<sup>25</sup>.

No campo das ciências da comunicação, Jesús Martín-Barbeiro propôs algo semelhante: “é preciso mudar o lugar das perguntas, para tornar investigáveis os processos de constituição da mídia de massa que opera a chantagem culturalista que os transforma inevitavelmente em processos de degradação cultural”. Para o autor, é necessário “pesquisá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir da articulação das práticas de comunicação com os movimentos sociais”. Trata-se, usando suas próprias palavras, de um “deslocamento metodológico para rever o inteiro processo da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências intrínsecas, o da apropriação, a partir do uso”<sup>26</sup>. Martín-Barbeiro define seu trabalho de pesquisa como o do cartógrafo, que requer um trabalho complexo e muitas horas de voo e que “se situa na confluência entre a ciência e a arte”.

Segundo Charles Peirce, a ciência se desenvolve a partir das artes consideradas como sendo úteis: “a astronomia se desenvolveu a partir da astrologia e a química a partir da alquimia, a fisiologia e a medicina se apoiaram na magia”<sup>27</sup>. O pensamento conjectural é básico para o diagnóstico em medicina; não é em vão que o modelo que Conan Doyle toma para seu personagem

25. Wallerstein. Braudel sobre el capitalismo y todo al revés. *Primeras Jornadas Braudelianas*, p. 71 e 73.

26. Martín-Barbeiro. *De los medios a las mediaciones*.

27. Sebeok. *Sherlock Holmes y Charles Peirce. El método de investigación*, p. 51.

Sherlock Holmes é seu mestre de medicina Joe Bell. Por sua vez o historiador Carlo Ginsburg estabelece a relação entre o crítico de arte Giovanni Morelli (médico italiano), que se baseava na análise dos detalhes para autenticar pinturas, e Sigmund Freud: “seu procedimento tem grandes afinidades com a psicanálise”, no qual o método interpretativo se baseia na busca por detalhes insignificantes como indícios reveladores<sup>28</sup>.

Este modo de proceder é próprio do pensamento abdutivo, in-dicial ou conjectural, que se distingue do indutivo. Portanto, resulta pertinente distinguir entre indução e abdução. Segundo Pierce:

A abdução se enraíza nos fatos sem ter inicialmente nenhuma particular teoria em vista, apesar de estar motivada pela sensação de que é necessário uma teoria para explicar determinados fatos surpreendentes. A indução se enraíza em uma hipótese que parece recomendar-se a si mesma sem ter, originalmente, nenhum fato particular em vista, mesmo com a sensação de precisar de fatos para sustentar a teoria. A abdução busca uma teoria. A indução busca fatos. Na abdução a consideração dos fatos sugere a hipótese. Na indução o estudo da hipótese sugere os experimentos que trazem à tona os fatos autênticos que a hipótese havia apontado<sup>29</sup>.

Para Thomas Sebeok, o pensamento abdutivo se distingue por três elementos: 1. Sua “falta de fundamento”, quer dizer, se situa em nível conjectural, embora não conte com todas as provas. 2. A “onipresença”, quer dizer, aquilo que se intui ou conjectura se baseia em uma série de elementos, indícios, dados. 3. Sua “valiosa confiança”, o que se entende como a sensação de estar seguros, de que se tem razão. A seguir, quando se está consciente da concatenação de fatos, de elementos ou de indícios, pode-se passar a elaborar a hipótese.

---

28. Ginsburg. *Mitos, emblemas*, p. 120.

29. Apud Sebeok. *Sherlock Holmes*, p. 47.

De fato, de modo contínuo e cotidiano desenvolvemos pensamentos de tipo abduativo, conjecturando a partir de indícios. É por isso que quando se acende a luz, quando se consegue estabelecer a conexão, “*Eureka!*”, surge um sentimento, uma emoção. Nesse sentido, a expressão mexicana de alguns anos atrás, “*me cayó el veinte*”<sup>30</sup>, quando se conseguia a conexão no telefone, é muito reveladora desses momentos de emoção diante de uma pequena ou grande descoberta.

Popularmente, acredita-se que a maioria dos grandes resultados se deve à casualidade, porém estes sempre requerem uma pessoa capaz de estabelecer a relação, de fazer a conexão, de ler entre as linhas. O ponto de partida é uma suspeita, uma conjectura, porém tem que ser um Louis Pasteur para descobrir o mundo microbiano e é preciso a sabedoria e a paciência de um cientista para navegar contra a corrente<sup>31</sup>.

A casualidade do mau funcionamento da calefação no laboratório de Alexander Fleming e da entrada de mofo pela janela que contaminou uma cultura de micro-organismos levou ao descobrimento da penicilina. Porém, depois que a primeira suspeita fez iniciar a ligar os fungos com a cultura do estafilococo, foram necessários muitos anos até que Fleming chegasse a estabelecer, de maneira definitiva, sua grande descoberta. Outras grandes descobertas incríveis consideradas “casuais”, como os raios X, o LSD, o Viagra, etc., sempre partem de uma conjectura e a seguir se desenvolvem com trabalho árduo, sistemático e imaginativo.

### 3. A imaginação sociológica

Nesse sentido, resulta fundamental a imaginação sociológica, como diria Wright Mills em um bom livro, com um grande título, um ótimo apêndice e uma péssima tradução. É a imagi-

30. Em português a expressão mais próxima a “*me cayó el veinte*” seria “caiu a ficha” (n.d.t.).

31. Latour. *Pasteur, una ciencia, un estilo, un siglo*.

nação sociológica “a que distingue um pesquisador social de um mero técnico”. Esta consiste, em grande parte, “na capacidade de passar de uma perspectiva a outra e no processo do formar-se de uma opinião adequada de uma sociedade total e de seus componentes”. Fundamentalmente, é “a combinação de ideias que ninguém esperava que pudessem ser combinadas”<sup>32</sup>. A imaginação permite conjecturar, base fundamental do processo de abdução.

Assim confirma Guillermo D. Baskerville, personagem de Umberto Eco em “O nome da rosa”, quando recomenda a seu discípulo Adso o modo para resolver o mistério:

[...] que não é como deduzir a partir de certos princípios. E também não é coletar um monte de dados particulares para, depois, inferir uma lei geral. Equivale mais a dispor de um, dois ou três dados particulares que aparentemente não tem nada em comum e tentar imaginar se podem ser um entre os tantos casos de uma lei geral que ainda não se conhece e que talvez nunca tenha sido enunciada<sup>33</sup>.

O autor retoma o tema em outro texto de recorte acadêmico no qual se refere à forma de pensar de Aristóteles sobre as diferentes espécies de animais com chifres (Eco, 1989).

Ou como diriam Pierre Bourdieu e seus colegas no livro *A profissão de sociólogo*:

Não existe intuição que não possa receber uma função científica quando, controlada, sugerir hipóteses... dessa forma a intuição não só contribui para a descoberta, como também ao controle epistemológico, na medida em que, controlada, lembra à pesquisa sociológica seu objetivo de recompor as inter-relações que determinam as totalidades construídas<sup>34</sup>.

32. Mills. *La imaginación*, p. 222.

33. Eco. *El nombre de la rosa*, p. 372.

34. Bourdieu. Chamboredon. Passeron. *El oficio*, p. 84.

Braudel era um apaixonado por documento direto, pois este constituía “a grande porta aberta para a imaginação”. Sua esposa chegou a afirmar que ele tinha imaginação “para dar e vender”. Quando estava no campo de concentração escreveu a ela: “felizmente minha imaginação nunca me deixa só; tu a conheces, ela me serve como um lindo recurso”<sup>35</sup>. Porém, antes de poder terminar sua obra, Braudel tinha mudado de perspectiva, tinha vivido na Argélia e visto o Mediterrâneo do outro lado e, a seguir, também tinha visto à distância a Europa e a França, a partir do Brasil. Ele mesmo analisou aquela experiência ao afirmar:

Se uma pessoa passa um ano em Londres, provavelmente chegará a conhecer muito mal a Inglaterra. Todavia, comparado ao espanto experimentado, compreenderá rapidamente algumas das características mais profundas e originais da França, aquelas que não se conhecem à primeira vista. Para conhecer o presente, o passado outorga igualmente uma perspectiva.<sup>36</sup>

A imaginação é uma condição fundamental para as ciências e as artes, mesmo nas piores circunstâncias. A esse respeito o pintor zacatecano Pedro Coronel indicava:

No Instituto de Ciências de Zacatecas, onde estudei, havia uma biblioteca. Nos livros de arte já não se encontravam mais as fichas, somente o nome do pintor e o título da obra. Eu preenchi estes espaços vazios com a imaginação. A segunda reconstrução, eu a fiz nos museus da Europa. (Placa na entrada do Museu Pedro Coronel em Zacatecas)

Uma maneira prática para despertar a imaginação sociológica, segundo Wright Mills, é mudar de perspectiva. Muitas vezes

35. Braudel. Braudel antes de Braudel. *Primeras Jornadas Braudelianas*, p. 88.

36. Braudel. *La historia y las ciencias sociales.*, p. 80.

se consegue isso quando se escolhe por uma perspectiva multi ou interdisciplinar. Segundo John Murra:

[uma de suas obsessões foi] mostrar tanto a etnógrafos como a arqueólogos que existe um lado documental que pode apoiar sua pesquisa, seja esta etnográfica ou arqueológica. É assim que aos arqueólogos falava de documentos que ajudam na arqueologia; e aos etnólogos de documentos que ajudam na etnografia. Eu nunca quis separar essas coisas, para mim existe uma só disciplina, que é a antropologia, com diferentes táticas...<sup>37</sup>.

Algo similar foi proposto por Carlo Ginzburg em seu texto sobre Piero della Francesca, no qual trata o tema e o problema da datação das obras desse pintor: “na realidade, para a datação, o fio da leitura estilística se atrela sempre com resultados mais ou menos convincentes aos dados documentais que se dispõe”. Nesse caso, propõe que os historiadores da arte apoiem suas conclusões em documentos mais do que em pesquisas iconográficas. Justifica sua incursão no campo da arte fazendo referência a Lucien Febvre, o qual convidava historiadores a examinar “ervas, formas dos campos, eclipses da lua”. Nesse sentido, os quadros “são documentos de história política e religiosa”<sup>38</sup>.

Nos estudos migratórios também é indispensável a interdisciplinaridade. Trata-se de um fenômeno dinâmico que é necessário medir, quantificar, com métodos quantitativos, porém são os próprios envolvidos nos processos, os migrantes, que aportam as explicações. Para tanto se requerem métodos qualitativos. Nesse sentido, o “Mexican Migration Project” teve êxito com sua aposta na complementaridade de enfoques, na qual a sociologia, a demografia, a história, a geografia e a antropologia se complementam e favorecem uma visão integral do fenômeno.

37. Castro. Aldunate. Hidalgo (org.). *Nispa Ninchis. Conversaciones con John Murra*, p. 88.

38. Ginzburg. *Pesquisa sobre Piero*, p. XVII.

Outro exemplo no campo dos estudos migratórios é a análise que Durand e Massey<sup>39</sup> realizaram sobre os ex-votos relativos à temática migratória, na qual aportam um olhar novo ao fenômeno e reconstróem o processo migratório a partir dos testemunhos votivos que os migrantes deixaram em diversos santuários do país. Trata-se de uma análise qualitativa de outro nível, na qual o autor e o leitor se envolvem na análise de uma expressão religiosa e artística do fenômeno migratório, que deixa o processo de interpretação livre.

#### 4. A obra mestra e o esboço

O historiador de Michoacan Luis González, autor de *El oficio de historiar*, tinha no escritório de sua biblioteca em San José de Gracia uma pilha de folhas de tamanho grande (três vezes a folha de ofício) que utilizava para fazer suas “savianas”, como ele as chamava. Ali estabelecia a estrutura de um artigo em um intrincado “mapa mental”, um quadriculado cheio de flechas, listas, globos e referências. Uma vez terminada a “savana”, iniciava a escrever com uma facilidade e um prazer de que somente ele era capaz.

O pesquisador hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero construiu intrincados mapas com maestria de cartógrafo, usando lápis de diferentes cores (marcadores, hoje em dia) que “marcam a relação de ideias com lugares e acontecimentos, nomes fortes com frases atravessadas por desenhos de movimentos entre autores e temas”. E concluiu: “somente depois, ao digitar o texto, o reescrevi de modo que as costuras e os remendos ficassem do avesso”.

Assim como muitos escritores e pesquisadores, o pintor mexicano Enrique Climent começava fazendo rascunhos:

---

39. Durand. Massey. *Miracles on the Border. Retablos of Mexican Migrants to the United States.*

Cada pintor tem sua maneira pessoal de desenvolver sua arte. Alguns se deparam com a tela e começam a trabalhar; há outros que necessitam de um esboço. Eu pertencço a essa última categoria. Ambos os sistemas são válidos, pois o que conta é o resultado. Assim, partindo de um pequeno rascunho começo meu quadro. Às vezes a obra é fiel ao esboço até o final, porém em outras ocasiões, que são a maioria, o quadro resiste e começa a luta<sup>40</sup>.

Entretanto, Braudel ia muito mais além. Durante os cinco anos em que permaneceu em um campo de concentração refez totalmente sua obra mestra em várias ocasiões. E o fazia a memória, porque não dispunha de suas anotações. Sua esposa o reprendia pelo desperdício de tempo e esforço, porém ele “não podia fazê-lo de outra maneira”. E mais: para defender seu método, em certa ocasião, lhe disse:

Foi precisamente você quem me contou, sem criticá-la por nada, a maneira com a qual Matisse refazia, a cada dia, os mesmos rascunhos, do mesmo retrato, da mesma modelo. Disseste-me que a cada dia, regularmente, jogava no lixo seus rascunhos, até que chegasse o momento em que encontraria, finalmente, a linha que o agradasse verdadeiramente. Pois bem, no final das contas, em certo modo, o que eu faço é a mesma coisa<sup>41</sup>.

A obra mestra de Picasso “As Senhoritas de Avinhão” foi realizada a partir de centenas de esboços e várias versões, até que o pintor conseguiu expressar sua proposta final, que é considerada uma das primeiras e fundamentais obras do cubismo e da arte contemporânea. Por tentativa e erro, depois de múltiplas tentativas fracassadas e depois de entrar em dezenas de becos sem saída,

---

40. Climent. *Climent*, p. 15.

41. Braudel. Braudel antes, p. 96.



finalmente o trabalho tenaz permitiu ver a luz e revelou outra maneira de representar a realidade. São reconhecidas múltiplas influências nessa obra, incluindo pintores consagrados como Cézanne, Toulouse-Lautrec, El Greco, Ingres, antiguidades ibéricas e egípcias e as estruturas africanas que Picasso admirava nas coleções do Museu do Homem, no Trocadero. Além disso, foi documentada uma influência direta da geometria, do cinema, da fotografia e dos postais africanos de Edmond Fortier<sup>42</sup>.

A obra mestra é, finalmente, uma síntese de influências múltiplas e diferentes. No caso de Braudel, sua obra magna do Mediterrâneo se forjou longe das aulas e fora do contexto universitário. Segundo sua esposa Paule, a obra “é o fruto de um lento amadurecimento”, de uma vida muito caótica:

...composta por diversos fragmentos, cada um dos quais constituiu uma espécie de aventura e de experiência muito peculiares... de uma experiência camponesa, seguida por uma experiência africana, mais exatamente magrebina, mais tarde por uma experiência brasileira e, finalmente, por uma experiência de prisão<sup>43</sup>.

Segundo Arthur Miller, “qualquer obra artística ou científica bebe necessariamente de muitos campos aparentemente não conexos entre si”. Para Albert Einstein, a música e a física estavam profundamente relacionadas:

...as verdades musicais e físicas são formas platônicas que a mente deve intuir. A música de alto nível não pode “criar a partir de si mesma”, do mesmo modo que a física com a F maiúscula também não pode construir-se deduzindo estritamente dos dados experimentais. Em ambos os casos é necessária certa concepção estética do universo<sup>44</sup>.

42. Miller. *Einstein y*.

43. Braudel. Braudel antes, p. 86.

44. Miller. *Einstein y*, p. 223.

## 5. A entrada no tema e a importância da porta de ingresso

No contexto antropológico mexicano, lembro ter escutado uma frase que se repete recorrentemente aos estudantes quando estão iniciando a trabalhar em um projeto de pesquisa: “Não existem temas bons ou ruins, existem pesquisadores bons ou ruins”. Qualquer tema pode se transformar em objeto de estudo, o problema está no enfoque, na perspectiva, no ângulo que a pessoa queira adotar para desenvolver seu estudo.

Nesse sentido, os grandes temas são enganosos e, geralmente, já foram muito trabalhados. Entretanto, existe sempre um subtema que ficou sem ser analisado, uma pista que outro pesquisador deixou insinuada, que não teve oportunidade de desenvolver e que se pode retomar. Dizem os historiadores estadunidenses que é muito temerário para um estudante trabalhar nos temas clássicos mexicanos: a reforma, a revolução, o cardenismo, inclusive o grande período colonial. Porém se o estudante insiste, tem que encontrar um resquício, uma fenda através da qual possa descobrir uma nova maneira de abordar a temática, um novo enfoque analítico, documentos inéditos ou arquivos que aportem nova luz a uma trama já muito revelada.

Todavia, mesmo tendo definido as coordenadas metodológicas da pesquisa, nas quais se estabelecem os parâmetros espaço-temporais e temático-teóricos, pode acontecer que o pesquisador se sinta perdido, que não encontre a chave ou a porta de entrada para desenvolver, entender ou explicar os temas que está trabalhando.

Nigel Barley, em “El antropólogo inocente” – um dos melhores livros de metodologia qualitativa, mesmo sem o pretender –, narra seu desespero porque “estava ao ponto de jogar no lixo tudo o que tinha conseguido entender até aquele momento sobre o ‘mapa cultural’ dos Dowayos”<sup>45</sup>. Não conseguia entender

---

45. Barley. *El antropólogo inocente*, p. 163.

a relação que os Dowayos estabeleciam “entre as etapas do ciclo do milho e os processos sexuais da mulher”. Desesperado, foi encontrar com uma “informante chave” que esclareceu para ele o assunto dizendo que “as grávidas não podiam entrar na área onde se cultivava o milho até que a criança não estivesse totalmente formada e ao ponto de nascer”. Disse que esta afirmação “lançou uma luz totalmente nova sobre o assunto”. E acrescentou:

Se uma grávida entrasse na área de cultivo do milho daria à luz cedo demais. Dessa forma se salvava minha teoria da relação entre as etapas do desenvolvimento do milho e a fertilidade feminina.

É impossível explicar a um leigo a profunda satisfação que uma informação tão simples como aquela pôde produzir. Foram assim validados anos ensinando obviedades, meses doente, solidão, tédio e horas e mais horas de perguntas bobas. Na antropologia as ratificações são poucas e esta veio muito bem para recuperar minha moral<sup>46</sup>.

Um dos pontos-chaves da pesquisa de Barley era o tema da circuncisão. Teve que resolver o quebra-cabeça “pouco a pouco e no decorrer de meses”. Muitos elementos simbólicos estavam relacionados com a circuncisão e “mediante um constante processo por tentativa e erro, a pessoa vai abrindo caminho em um mar de dados confusos” (160). Porém a chave para ele poder pesquisar um tema, não simplesmente em modo elusivo, mas no nível reservado à conversa entre os iniciados, foi demonstrar publicamente sua masculinidade, já que os “homens não circuncidados têm uma área de feminilidade”. Então, teve que baixar as calças e “o encarregado da circuncisão pôde certificar que estava ‘honrosamente circuncidado’, pagando previamente com seis garrafas de cerveja”<sup>47</sup>.

Por vezes, o pesquisador não encontra uma saída honrosa, uma nova abordagem e tem que buscar de modo indireto a entra-

46. Idem, p. 165.

47. Idem, p. 98.

da no tema. Foram assim os casos de Detlef Berthelsen e Ignasi Terradas. O primeiro se atreve a propor uma nova biografia do muito biografado Sigmund Freud e o outro fez uma incursão nas muito bem estudadas condições da classe operaria na Inglaterra, nos tempos de Marx e Engels.

O jornalista alemão Detlef Berthelsen começou a se interessar por Freud depois de ler um artigo sobre o fundador da psicanálise em que se fazia referência a sua casa em Maresfield Gardens, onde ainda vivia sua filha Anna, famosa analista infantil. A curiosidade para conhecer a casa por fora o tomou pela mão e lhe deu a chance de entrar e vê-la por dentro. Enquanto dava voltas ao redor do local, se encontrou com a empregada Paula Fichtl, que o fez entrar, o convidou para um chá com biscoitos, lhe apresentou o famoso escritório e a coleção de figurinhas femininas do professor Freud. Ali iniciou uma relação de curiosidade mútua, que se tornou uma amizade. A relação levou a várias sessões nas quais sentavam juntos para conversar e tomar chá com bolinhos.

Anos mais tarde foi encarregado de realizar uma entrevista formal com a Anna Freud, que inicialmente não aceitou e depois só concedeu 50 minutos. Para além da entrevista, a ocasião serviu para restabelecer a relação com a Paula Fichtl e trabalhar em uma biografia íntima ou doméstica de Freud, a partir das memórias e das experiências vividas por Paula, como governanta da casa por mais de 40 anos. Destes fatos surgiram o livro “A vida cotidiana de Sigmund Freud e sua família” e o apêndice “Na cozinha dos Freud”, em que foram registradas algumas de suas receitas e ficou confirmado que Freud preferia os pratos rurais de origem judaica checa e que ele não apreciava, por nada, a comida Koscher.

Pela porta da cozinha, Berthelsen conseguiu ingressar em um ambiente de intimidade que nenhum biógrafo influente tinha conseguido penetrar. Através da governanta, sabemos que Freud passava suas horas de lazer “sentado com um livro na sala de estar, enquanto sua esposa e sua cunhada se ocupavam com algum trabalho”. “Freud tem preferências por Wilhelm Busch

e as novelas inglesas”; Paula observa que “quase sempre lia uma novela policial de Sherlock Holmes”. Freud usava escolher autores ingleses como G. K. Chesterton, Agatha Christie e Dorothy Sayers. “O senhor professor sabia sempre quem era o assassino, porém se depois resultava que era outro, se irritava”<sup>48</sup>.

O interesse de Freud em descobrir a trama da novela policial nos remete à leitura que havia feito do especialista em arte Morelli, o qual descobria a autenticidade de uma obra a partir dos detalhes que para outros passavam despercebidos, como indicava Ginzburg<sup>49</sup>. A anedota de Paula Fichtl sobre a leitura diligente de Freud das obras de Arthur Conan Doyle confirma a pertinência de vários autores em relacionar o método indicial com as obras de Morelli, Peirce, Holmes, Poe e Freud<sup>50</sup>. Mais ainda, foi afirmado que Freud, em seus exemplos de análises psiquiátricas, recorria à maneira com a qual Sherlock Holmes usava expor suas deduções. Inclusive foi acusado de copiá-lo<sup>51</sup>.

Ignasi Terradas, antropólogo da Universidade Autônoma de Barcelona, por sua vez, parte de uma nota de rodapé de uma das edições do livro de Engels “A condição social da classe operária na Inglaterra”, para rastrear historicamente o caso da costureira Elisa Kendall e para colocar o que ele chama de “antibiografia” ou a revelação das “condições sociais de desconhecimento de uma pessoa”. Engels se refere ao caso de uma costureira que pertencia ao último nível social da Inglaterra de meados do século XIX e que teve que optar pelo suicídio porque o sistema de exploração extremo ao que ela, sua família e seu entorno social estavam submetidos não lhe deixava outra saída<sup>52</sup>.

48. Berthelsen. *La vida cotidiana de Sigmund Freud y su familia. Recuerdos de Paula Fichtl*, p. 39.

49. Ginzburg. *Mitos, emblemas*.

50. Ginzburg. *Mitos, emblemas*; Sebeok. *Sherlock Holmes*; Eco. *Cuernos, cascos*. Parece que Ginzburg e Sebeok não tiveram acesso à obra de Berthelsen, sobre a vida cotidiana de Freud e as revelações da sua governanta.

51. Reve. *El doctor Freud y Sherlock Holmes. El Malpensante*, v. 97, p. 37-45.

52. Terradas. *Elisa Kendall. Reflexiones sobre una antibiografía*.

A partir do juízo que se faz sobre seu caso, Terradas revela “o silêncio, o vazio e o caos que uma civilização projetou sobre uma pessoa”<sup>53</sup>. O caso de Kendall ajuda Engels a colocar em destaque o último grau de exploração capitalista, em um sistema estremo de subcontratação, que impedia a própria reprodução da classe trabalhadora e que recaía sobre as mulheres, porém sua reflexão e sua análise sobre o caso particular ficaram em uma nota de rodapé.

Terradas entra por uma porta única para revisitar em modo original um tema clássico, como o das condições da classe operária na Inglaterra, e de uma maneira magistral dá vida ao caso anônimo da nota de Engels, que lhe serve como pretexto para tratar o tema da alienação em Marx e fazer um paralelismo com dois autores clássicos do romantismo: Goethe, em “Fausto”, e Giacomo Leopardi em sua poesia. Antropologia, história, filosofia e análise literária se reúnem em um pequeno volume que descobre o geral – o sistema capitalista – a partir do particular: um caso, uma operária anônima à qual se restitui vida, que foi utilizada e descartada pelo sistema e marginalizada em uma nota de rodapé.

Em muitas ocasiões, o descobrimento da fresta para entrar em um tema trilhado é o resultado de anos de reflexão e de leitura sobre um tema. Terradas tinha estudado as colônias industriais inglesas e espanholas do século XIX (1979, 1994) e conhecia profundamente a questão operária industrial a partir de uma perspectiva histórica e antropológica. Porém, é a suspeita, a curiosidade inata, a capacidade de fazer conjecturas as que o levaram a buscar mais informações sobre o tema.

## 6. O olho clínico

Os temas novos e os fios condutores não se encontram por um ato da sorte, nem por acaso. Aparecem repentinamente e é a capacidade do pesquisador, como a do garimpeiro, a que pode

---

53. Idem, p. 13.

reconhecer a mina. Carey McWilliams conta em seu famoso livro “Al norte de México”<sup>54</sup> que na década dos anos cinquenta do século XIX um garimpeiro estadunidense de sobrenome Comstock se queixava de “metais baixos e materiais azuis”, que lhe dificultavam o trabalho de isolar o ouro. Um garimpeiro mexicano que passava por lá, ao ver as pedras azuladas, começou a gritar emocionado: “Prata, muita prata, muita prata”. Somente então Comstock se deu conta de que estava diante de uma das minas de prata mais ricas do mundo. Uma pessoa pode ir em busca de ouro, porém não é nada mal se encontra prata. A diferença entre olhar e ver é fundamental no processo de pesquisa. Para qualquer atividade exploratória, busca ou pesquisa.

De fato, Henning Mankell coloca nos lábios de Kurt Wallander, seu célebre detetive, esta mesma situação, em que a pessoa tem a solução em sua frete e não consegue vê-la:

Sentia que me encontrava nos arredores da incógnita, muito próximo do grande segredo e, mesmo assim, não conseguia alcançá-lo; ao menos ainda não. A explicação deve ser, sem dúvida, muito simples, eu dizia, tanto que consigo vê-la. Algo assim como quando alguém vai buscar os óculos e descobre que já estava usando-os<sup>55</sup>.

Algo parecido foi dito pelo sábio franciscano Guillermo de Baskerville (o Sherlock Holmes medieval criado por Umberto Eco) a seu discípulo Adso quando refletiam sobre a busca sem êxito do livro que já tinha ceifado quatro mortes na abadia de Melk:

- Um momento. Dizíamos que não está porque não o encontramos. Porém, quem sabe, não o encontramos porque não vimos onde está.
- Olhamos em todo lugar!

54. McWilliams. *Al norte de México*, p. 162.

55. Mankell. *Pisando los talones*, p. 374.

- Olhamos, mas não o vimos. Ou então, o vimos, porém não o reconhecemos...<sup>56</sup>.

No campo da fotografia, conta Pedro Valtierra:

A competência era tal na redação que cada dia era uma luta para ser o primeiro, para ser o melhor, para ser o mais original. Era um jornalismo vivo, era *unomásuno*.

Então mudou a fotografia no México e os repórteres gráficos passaram a ser verdadeiros fotógrafos. Iniciou uma escola e havia um mestre:

Durante os seis anos que trabalhei no *unomásuno* de Bercerra Acosta, falei umas dez vezes com ele. Mas ele me marcou. Ele largava uma frase que te deixava com a cabeça ocupada por vários dias, procurando o significado do que ele queria dizer.

Valtierra narra que Bercerra Acosta, em certa ocasião, fixou uma de suas fotos. Ficou em silêncio. Levantou-se. Caminhou. Dirigiu-se ao fotógrafo, para quem o preâmbulo silencioso do diretor é um suplício, e disse:

- Valtierra! Você não foi ao evento?
- Sim, fui. Aqui estão as fotos.
- Pedro Valtierra.... Você foi, porém não estava lá!<sup>57</sup>.

O mesmo acontece no campo das ciências sociais. Lembremos que o velho Émile Durkheim dizia, no *O método sociológico*, que os

---

56. Eco. *El nombre*, p. 447.

57. Malvido. *Fotógrafos del unomásuno*. La mirada de Manuel Bercerra Acosta, detonador para el nuevo fotoperiodismo. *Cuarto Oscuro*, v. 66, nº 13, p. 21.



fatos sociais, o objeto de pesquisa dos sociólogos, aparecem diante do observador com elementos exteriores ou capas que eles distorcem, e o científico tem que descobrir, desvendar o que realmente são e significam. Ou no campo da história, como afirma Braudel.

O problema está colocado. Todavia, em meu modo de ver, a surpresa, a desorientação, o distanciamento e a perspectiva – todos estes são métodos insubstituíveis para o conhecimento – são necessários para compreender aquilo que nos rodeia muito de perto que é difícil para nós conseguir enxergar com clareza<sup>58</sup>.

Pedro Armillas foi um dos muitos refugiados espanhóis que chegaram ao México e aportaram seu conhecimento e trabalho ao crescimento e à profissionalização das ciências sociais. Ao resumir sua “aventura intelectual”, dizia que tinha conseguido integrar sua formação inicial como arquiteto, continuando com sua experiência como artilheiro durante a guerra, quando teve que aprender topografia e a ler mapas e gráficos, e, finalmente, a arqueologia.

Todas as coisas têm relações umas com as outras. O que me ajudou muito na arqueologia é a artilharia; como oficial de artilharia, antes de tudo, é preciso se orientar no terreno e saber observar o inusitado. Isso se aplica também à arqueologia: é preciso ter uma ideia de onde pode estar uma jazida arqueológica em relação à totalidade da paisagem, onde podem estar as trincheiras inimigas que se deve combater. E o inusitado é ver que existe um aglomerado de arbustos em uma paisagem, onde normalmente não se encontram arbustos muito concentrados. Porque existem arbustos que crescem nas pedras das ruínas, pode ser que sim ou que não, mas pode acontecer

---

58. Braudel. *La historia.*, p. 67.

que a pessoa se aproxima e descobre que existem fragmentos no local. O mesmo se descobria fixando o horizonte na frente inimiga. Se descobria então uma mancha isolada, ou um monte de ramas ou alguns arbustos que não tinham para quê estarem naquele lugar e que podiam ser a camuflagem de uma fileira inimiga<sup>59</sup>.

O olhar de Armillas, capaz de ver o inusitado na paisagem, o distinguiria por seu trabalho sobre a paisagem asteca e o reconhecimento a partir do ar do antigo sistema *chinampeiro* do Valle do México. Armillas utiliza a fotografia aérea para, a seguir, descer ao terreno e caminhar sobre os antigos canteiros das *chinampas*<sup>60</sup> pré-hispânicas<sup>61</sup>.

No mundo da arte o olho clínico é fundamental. Julian Brooks, curador de desenhos italianos da Renascença no Museo Paul Getty de Los Angeles, conta que sofreu em modo indescritível durante um leilão realizado em Sotheby's onde se oferecia um desenho da primeira Renascença (1470) atribuído a Piero del Pollaiuolo, que era o retrato de um jovem de frente. Naquela época se iniciava a abandonar a tradição de pintar retratos de perfil e se começava uma grande transformação nesse sentido.

A obra de arte era rara, autêntica e tinha vários proponentes. Entretanto, o detalhe importante para o curador era o botão da camisa que aparecia à esquerda do colarinho, algo totalmente insólito e incomum nas pinturas da Renascença. Sua interpretação foi que se tratava do reverso do espelho, quer dizer, não era um retrato, mas um autorretrato, talvez o exemplar mais antigo que se conhece. Daí a importância de conseguir obter essa peça para o museu. À conjectura inicial do curador seguiram muitas horas de pesquisa e vigília que finalmente deram fruto e permitiram a aquisição de uma obra de um valor excepcional, a partir de um simples detalhe.

59. Durand. *La aventura intelectual*, p. 134.

60. Canteiros flutuantes astecas (n.d.t.).

61. *Ibidem*.

Finalmente, nos tempos remotos da escola de Antropologia da Universidade Iberoamericana, com Ángel Palerm encabeçando o grupo, os professores revisavam o diário de campo dos alunos e, geralmente, viam, descobriam ou estabelecia conexões de temas, problemáticas e discussões que o estudante não havia conseguido estabelecer. O olho clínico que vê o que os outros não vêem, que descobre conexões novas, deve-se ao exercício da profissão. Nem sempre o mestre acerta tudo, porém muitas vezes pode entrever uma conjectura que permite buscar por outros caminhos ou a partir de outras perspectivas.

O olho clínico do médico, a suspeita do detetive, o olhar do artilheiro, a olhada experimentada do garimpeiro, a conjectura do filósofo, são maneiras de pensar que requerem experiência em áreas específicas do conhecimento; são parte da profissão que permitem abordar a realidade a partir de uma ótica que já está treinada para ver, descobrir, revelar, fazer conexões, imaginar, conjecturar.

## 7. O trabalho de campo e o trabalho do diário

Os antropólogos se formam no trabalho de campo, como os historiadores no arquivo. Sem tal experiência vital não há profissionalização. Entretanto, não basta a experiência: é necessário também contar com certas habilidades ou qualidades pessoais. Lembro que um estudante me confessava que ficava apavorado quando tinha que bater à porta para começar a falar com a pessoa que queria entrevistar. O conselho era evidente: para ele, seria melhor se dedicar à história. Com a mudança ele foi feliz: agora passa o tempo revisando documentos sem ter que falar com ninguém, nem ter que provar bocadas amargas ou dormir no chão como os antropólogos.

De fato, a imagem que alguns antropólogos dão do trabalho de campo pode ser um pouco deprimente, mas não deixa de ter certo exotismo. Segundo Lévi-Strauss:

É preciso levantar-se com o sol e permanecer acordado até que o último indígena caia no sono. Inclusive, às vezes, é necessário observá-lo enquanto dorme. A pessoa deve se esforçar para passar despercebida, e ao mesmo tempo, tem que estar sempre presente. Deve ver tudo, notar tudo, dar prova de uma indiscrição humilhante, mendigar para obter informação como uma criança<sup>62</sup>.

Ele afirmou em outra ocasião:

Quando se perdem quinze dias com um grupo de indígenas sem conseguir tirar nada claro deles, simplesmente porque a eles a coisa não interessa, se chega a detestá-los<sup>63</sup>.

A mesma experiência e o mesmo desespero são evidentes no famoso diário pessoal de Malinowski.

Entretanto Lévi-Strauss também reconhece que a curiosidade é mútua, como a de seu informante, o chefe Nambiquara:

[Cuja] curiosidade para com nossos costumes e as que eu havia conseguido observar em outras tribos não perdia em nada pela minha. Com ele o trabalho etnográfico nunca era unilateral, ele o concebia como um intercâmbio de informações e as que eu fornecia eram sempre bem vindas...<sup>64</sup>.

O caráter holístico da etnografia requer uma visão abrangente, uma curiosidade infinita e um exercício sistemático de coleta de informação, no qual se parte do princípio que tudo é importante. Na realidade, não se sabe o que é importante e o que não o é; somente depois, como diria Lévi-Strauss, quando:

---

62. Lévi-Strauss. *Tristes trópicos*.

63. Barley. *El antropólogo*, p. 7.

64. Lévi-Strauss. *Tristes trópicos*, p. 307.

toda a massa de materiais acumulados é tal que não se entende nada, tudo se transforma em uma bagunça, em uma desordem que não se consegue controlar... faz-se necessário uma pausa para assimilar a massa de materiais e colocá-los em ordem<sup>65</sup>.

Uma primeira fase no processo de organização ou classificação se faz com a revisão do diário de campo. Neste ficaram plasmadas as conversas, as observações e as entrevistas tal como se realizaram. No diário se trata de ser fiel ao que se escutou e ao que se observou. Normalmente tudo está contido aí. As notas de campo são o tesouro mais precioso do antropólogo; se as perde, está perdido.

Já tive um companheiro que era famoso por sua obsessão em cuidar dos diários, que praticamente dormia com eles. Lembro outro colega que trabalhava com os Aguarunas junto ao rio Maranhão. Ele passou seis meses coletando canções, mitos e contos. Concluído o trabalho, decidiu regressar e foi ao rio para esperar uma canoa ou uma lancha que o levasse de volta. Como se pode imaginar, nesses lugares não há um serviço de transporte muito corrente. Depois de dias de angústia e de espera, viu uns indígenas em uma balsa e decidiu viajar com eles rio abaixo. Não havia outra opção, e também poderia conseguir alguns novos materiais, nessa viagem tão longa e tediosa. Em um tripé no meio da balsa estavam seus diários, notas e gravações. Ao chegar em um posto (rápido), a balsa se desfez e milagrosamente o colega salvou a vida, porém suas notas foram parar no fundo do rio. Obviamente ele nunca conseguiu concluir sua tese de doutorado.

O diário é a obsessão do antropólogo, assim como o é, para o sociólogo, o acúmulo de pesquisas não sistematizadas. O material de campo é algo que se consegue com trabalho árduo, suor, desespero e lágrimas. Lembro-me de Brian Roberts quando pesquisava de maneira febril por semanas. Finalmente, um dia

---

65. Mergier. Lévi-Strauss, cien años. *Proceso* 1673, p. 17.

sentou-se em uma sala, pediu um adesivo e disse que tinha concluído a fase de coleta. Sua felicidade era visível.

## 8. A arte de narrar

A fase final de toda pesquisa é a apresentação dos resultados, que não precisa seguir a ordem da pesquisa. Trata-se também de uma competência, uma prática, uma arte, que lamentavelmente é muito difícil de ensinar e complicado de aprender a qualquer hora. Se não se dispõem de habilidades mínimas para a redação, esta fase pode se tornar um verdadeiro suplício. Não se trata de fazer literatura, senão de apresentar de maneira coerente e legível um argumento. É necessário aprender a dar estrutura a um artigo, a uma tese. Tem que saber introduzir um tema, discutir com autores, apresentar um argumento e concluir.

Na antropologia se reconhece em Malinowski um dos maiores pesquisadores de campo, por ter desenvolvido o método etnográfico a partir de sua própria prática de pesquisa, de sua profissão. Todavia, ele é conhecido também pela caneta. Segundo Lévi-Strauss, seus trabalhos “são verdadeiras obras mestras, pela sensibilidade aguda e o dom literário com que consegue perceber e descrever a vida das sociedades indígenas”<sup>66</sup>. De fato, são duas competências necessárias: a de perceber e observar, a de descrever e narrar.

No campo da história também existem estupendos narradores, e em algumas instituições são apreciadas tanto o conhecimento e a sabedoria nas diversas matérias quanto a boa caneta. Este foi o caso de Alfonso Reyes, no *El Colegio de México*, que se destacou por sua obra literária, assim como por suas incursões na história, na arte e no cinema. De acordo com José de la Colina, Reyes

---

66. Mergier Lévi-Strauss, p. 18.

soube trazer essa cultura universal às páginas mexicanas. E o fez com um estilo bom, fácil de ler e agradável. Creio que essa foi sua maior virtude, sua capacidade de colocar em uma prosa extraordinária uma cultura universal.

E segundo Francisco Prieto, Reyes

é um autor muito clássico que não requer um dicionário à mão para lê-lo e compreendê-lo. Estou convencido que para curtir os textos de Reyes é preciso somente prestar atenção<sup>67</sup>.

Luis González, o discípulo literário mais famoso de Reyes conta que, no *El Colegio de México* daquele tempo se insistia muito na redação e se utilizavam os textos de Azorín, claros e diáfanos, como modelos narrativos para os que tinham que aprender.

Uma das virtudes dos trabalhos de Einstein se deve precisamente à sua maneira direta, clara e concisa de escrever e de apresentar um argumento. Isto ele aprendeu no escritório de patentes, onde trabalhou por anos revisando propostas cuja principal virtude deveria ser a clareza.

Por vezes é necessário aprender a ler autores consagrados que não se distinguem propriamente pela clareza de sua prosa, mas têm coisas importantes a dizer. Segundo Enrique Serna isto pode ser afirmado de Carlos Monsivais, “o cronista mais lido e respeitado do México”. Ele já foi considerado a consciência crítica da nação, fundador da “hermenêutica do folclore urbano”, que nunca escrevia em primeira pessoa, talvez para que seus textos se tornassem verdades infalíveis: “Muita gente admirava Monsivais sem entendê-lo, ou o admirava precisamente porque não o entendia”. Octavio Paz parece confirmar Serna ao afirmar que o estilo de Monsivais era “confuso, profuso e difuso”<sup>68</sup>.

67. Cf. <http://www.barrio.com.mx/index.php?ver=noticia&id=4223&secc=perf>.

68. Serna. *Genealogía de la soberbia intelectual*, p. 200.

Acontece também que alguns temas requerem um esforço maior para a compreensão por parte de quem lê. Há casos de autores, cujos leitores têm que ler o texto duas ou três vezes para entender, o que é diferente de reler. Neste caso, a pessoa volta a um texto quando desfrutou de sua leitura e quer voltar a experimentar o gosto e a suspeita que ainda há muita sabedoria da qual alimentar-se. Todavia, a paciência do leitor tem limites e, ainda mais, a dos professores e examinadores. Se um artigo não foi bem escrito, as probabilidades de que seja lido são muito menores e maiores as possibilidades de que seja rejeitado.

Ocasionalmente é preciso aprender a ler autores consagrados que não se distinguem precisamente pela clareza de sua prosa, mas têm coisas importantes a dizer. Também pode acontecer que alguns temas requeiram um esforço maior de compreensão por parte de quem lê.

Neste tema, não existem fórmulas mágicas, só a prática permite melhorar e avançar até chegar a ter, no melhor dos casos, um estilo próprio. Os modelos no campo das ciências sociais são poucos. Uma das canetas mais sofisticadas do meio acadêmico é a do historiador Luis González, que desenvolveu um estilo muito próprio, no qual a profundidade se fundamentava exatamente na simplicidade e na clareza. O rigor histórico e o estilo campestre dão como resultado um estilo próprio, digno de admiração, mas não dá para ser imitado.

Obviamente, existem regras, truques, estruturas básicas e conselhos mínimos. Um professor lembrava a receita e a estrutura elementar de “sujeito, verbo e complemento”, que muitos estudantes usam evadir, com péssimos resultados. A frase inicial de uma novela é chave para o leitor, mas pode ser uma tortura para o escritor. Se o tema parece tedioso, críptico ou mal colocado desde o título, não se darão muitas possibilidades de agregar leitores. Por isso se recomenda que para começar um artigo ou capítulo “é preciso quebrar com os automatismos”; deste modo pode-se cativar o leitor.



Lembro-me de artigo do “Le Nouvel Observateur” que iniciava mais ou menos assim, em tradução livre e com memória remota: “A ejaculação precoce fez para a psicanálise o que a psicanálise não fez para a ejaculação precoce”. A frase não só chamava a atenção, mas ia ao cerne e condensava desde o início uma crítica mordaz.

O mesmo acontece com a oratória. Lembro que um mestre começava sua palestra com um volume de voz muito baixo, que se conseguia ouvir com dificuldade e isto nos forçava, como ouvintes, a prestar atenção. Os estadunidenses recomendam iniciar e terminar uma conferência com uma anedota ou uma piada; às vezes eles ficam rindo de si mesmos, o que é melhor do que rir dos espectadores. Saber começar e terminar um artigo é questão chave, já que muitos leitores só acedem a estas duas partes. Saber introduzir corretamente e concluir sabiamente são segredos da profissão. De acordo com Mills, é preciso exigir de si mesmos e dos demais “a simplicidade do enunciado claro”<sup>69</sup>.

Para concluir é preciso voltar ao início e reler W. Mills<sup>70</sup> que recomenda ser “bons artesãos e fugir de todo procedimento rígido”, evitar “o fetichismo do método e da técnica”. Que cada “indivíduo seja seu próprio metodólogo, que cada indivíduo seja seu próprio teórico, que a teoria e o método voltem a ser parte do exercício de uma profissão”. Para tanto, precisa-se de tempo, esforço e muitas horas de voo, mas é um processo e é preciso iniciar a modelar o barro do qual somos feitos.

---

69. Mills. *La imaginación*, p. 233.

70. *Idem*, p. 234.



## II

# TEORIAS DA MOBILIDADE HUMANA

## Revisão bibliográfica

Carmem Lussi<sup>1</sup>

### 1. Introdução

As migrações internacionais, segundo dados da OIM – Organização Internacional para as Migrações<sup>2</sup>, compreendem mais de 3% da humanidade, considerando somente as pessoas que vivem fora do país onde nasceram, sem incluir, portanto, todas aquelas pessoas que nasceram em países onde seus pais viviam como imigrantes, cujas leis não reconhecem a cidadania *jus soli*. Tais sujeitos, de fato, nascem com o estatuto de imigrantes apesar de nunca terem emigrado. Os dados da OIM não contam também os migrantes de retorno, que depois de viverem períodos, por vezes até muito longos no exterior, regressam a seu país de origem como migrantes. A identificação de migrante como a pessoa que vive fora do país onde nasceu inclui também as pessoas que adquiriram cidadania do país para onde imigraram, sendo, portanto, considerados migrantes nas estatísticas da OIM, mas já não mais considerados estrangeiros nas estatísticas dos respectivos países. A porcentagem era

1. Consultora sobre migrações e direitos humanos. Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

2. Cf. <<http://www.iom.int>>.

de 2%, há uma década<sup>3</sup>, e está crescendo, apesar das restrições das políticas migratórias e das leis restritivas de imigração e de reconhecimento/aquisição de nacionalidade de muitos países.

Além dos mais de 200 milhões de migrantes, ainda segundo dados da OIM<sup>4</sup>, devem ser consideradas com especial atenção, na perspectiva da mobilidade humana, todas aquelas pessoas e populações implicadas diretamente pelos fluxos de saída ou de chegada de migrantes e refugiados como as famílias *left behind*, as aglomerações ou cidades de onde partem e onde chegam os que se deslocam, assim como muitos cidadãos e cidadãs que vivem de modo intenso amizades, relações de trabalho ou até relações familiares com os principais atores da mobilidade humana, que são os que migram de um país para outro.

Antes de iniciar um breve panorama sobre as teorias para o estudo da mobilidade humana, em especial no que se refere às teorias sobre as migrações econômicas, também denominadas migração para trabalho, segue uma breve apresentação da aproximação entre mobilidade humana e mobilidades que a globalização evidencia nos mecanismos sociais e econômicos contemporâneos.

Não obstante a delimitação do objeto desta pesquisa é necessário considerar a complexidade que o tema das migrações envolve,

---

3. Em 1997, uma equipe interdisciplinar na Suécia publicou um volume onde um dos focos principais da análise era sobre as razões da não-mobilidade de 98% da população mundial, frente à mobilidade de contingentes que não superavam, então, 2% da mesma população: Hammar. *International Migration, immobility and development: multidisciplinary perspectives*.

4. Cf. <<http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/lang/en>>. Na abertura do Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento de Atenas, Outubro de 2009, o Secretário Geral das Nações Unidas afirmou que “estima-se que em 2009 cerca de 200 milhões de pessoas, quer dizer 3% da população mundial, residiam fora de seu país de nascimento”. Segundo a OIM, em 2012 o número de migrantes internacionais era de 214 milhões. Cf. [www.iom.int/jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/fr](http://www.iom.int/jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/fr). Todas as traduções deste estudo são de minha autoria.

nas conexões que estabelece com outros fenômenos. Muitas mobilidades de pessoas, meios de transporte e comunicação, ideias e instituições estão estreitamente relacionadas com a mobilidade humana e se configuram como variáveis da mesma, porque apesar de não se referirem a esta especificamente, a implicam. Tal complexidade é um dado empiricamente relevável, a qual é sempre mais resultado e expressão das relações que as pessoas e os grupos que compõem os fluxos migratórios ativam em seus percursos, enquanto articuladores e multiplicadores de mobilidade. Tais mobilidades existem e se multiplicam também independentemente do fato migratório. Os mecanismos complexos acenados acontecem sempre mais como processos globalizantes, mesmo onde não se registram deslocamentos migratórios; todavia, em contextos de mobilidade humana, estes a determinam. Por exemplo, muitos migrantes viajam regularmente, alimentando o giro de turistas, e chamam familiares e amigos para visitá-los, fortalecendo o mesmo movimento. Alguns migrantes multiplicam seus endereços de e-mails, seus números telefônicos celulares e os canais com os quais estão em constante comunicação e interação cultural e comercial em nível transnacional, não necessariamente com o lugar de origem. Outros, enfim, ampliam e qualificam o domínio de idiomas, de ferramentas de comunicação e de circulação de bens e serviços. Tais mobilidades, próprias da globalização contemporânea, segundo Adey<sup>5</sup>, são indicadores e podem ser motores de mobilidade social, uma vez que a exclusão das várias formas de mobilidade, mesmo da mobilidade humana, pode ser uma forma de não participação ao desenvolvimento econômico de uma determinada sociedade. A migração, tradicionalmente, foi entendida como uma mobilidade social ou indicador desta. O mesmo autor, citando Bauman, sugere que a “a globalização revela a sociedade dividida pelos modos nos quais se move”<sup>6</sup>, pois a liberdade de movimento para alguns, hoje, “só pode tornar-se possível através

5. Adey. *Mobility*, p. 102.

6. Idem, p. 95.

da exclusão organizada de outros, forçados a circular como irregulares, “outros”, migrantes ou refugiados”<sup>7</sup>. As mobilidades que permeiam a vida das pessoas e das sociedades atualmente são um *modus vivendi* que a globalização introduziu e dos quais a migração não é mais que uma de suas formas. Enquanto fenômeno transversal contemporâneo, as mobilidades influenciam como a mobilidade humana, em senso estreito, é vivida pelos seus atores. Conceitos como desterritorialização e transnacionalismo buscam dar conta destas novas realidades.

Rogério Haesbert aprofundou, a partir da geografia humana, a categoria de desterritorialização como conceito explicativo de alguns dos fenômenos produzidos e relacionados à mobilidade humana. O conceito se relaciona ao tema do desenraizamento, também bastante utilizado, sobretudo em psicologia social, para trabalhar temas relacionados com a mobilidade humana. Desterritorialização é um conceito que põe na pauta do debate concepções diferentes e até divergentes de território, como explica o autor:

há um enfrentamento, hoje, entre a lógica funcional estatal moderna e a lógica identitária pós-moderna, contraditórias, reveladoras de dois sistemas de valores e de duas éticas distintas frente ao território. /.../ O território reforça sua dimensão enquanto representação, valor simbólico<sup>8</sup>.

Os discursos dos migrantes revelam como, de fato, esta concepção se desdobra, revelando e dando nomes aos significados de muitas das vivências que a experiência migratória reserva. Para Haesbert, território é uma categoria que tem a ver com a “mediação espacial do poder”<sup>9</sup>, algo que as comunidades imigrantes vivem constantemente nos processos de negociação de reconhecimento junto às comunidades autóctones. O autor

---

7. Idem, p. 108.

8. Haesbaert. *O mito da desterritorialização*, p. 71.

9. Idem, p. 93.

considera que as migrações “têm um papel fundamental”<sup>10</sup> no processo que faz com que, a cada desterritorialização, geográfica ou cultural, social ou política que seja, aconteça – ou sejam garantidos processos que favoreçam – a reterritorialização e a hibridação, não no sentido da assimilação ou guetização como foi o modelo colonial, mas no sentido de processos recriadores, geográfica e historicamente, de novas relações de poder e de identidade em um determinado território.

Mais do que conceitos como mobilidades, desterritorialização<sup>11</sup> ou mesmo translocalismo<sup>12</sup>, que é menos usado, mas é recorrente entre os estudiosos de migração, foi o conceito de transnacionalismo que mais influenciou o estudo da mobilidade humana nos últimos 20 anos. Os fluxos migratórios passaram a ser vistos, não mais como fluxos bilaterais e com prevalência unidirecionais, mas como realidades transnacionais, incluindo deslocamentos, atividades e espaços transnacionais. A nova perspectiva assume que as migrações internacionais incluem, além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino, variadas formas de comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo também outros países. Apesar do prefixo trans- ser atribuído a

---

10. Idem, p. 232-233. Haesbaert não considera que a migração, automaticamente, seja uma desterritorialização e trata amplamente sobre as formas de desterritorialização que se referem a contextos sociais de exclusão, mesmo sem mobilidade humana; todavia, ele sugere que os grupos em diásporas são os melhores representantes da reterritorialização em nível cultural e, citando Povia Neto, afirma que “a identidade, em seu sentido reterritorializador não constitui simplesmente um transplante da identidade de origem, mas um amálgama, um híbrido, onde a principal interferência pode ser aquela de leitura que o Outro faz do indivíduo migrante”, p. 249. A migração comporta sempre uma revisão e até uma transformação da relação com o território de origem e do peso que o mesmo exerce na configuração social, cultural e identitária dos migrantes.

11. Haesbaert, R. *O mito da*.

12. Appadurai, A. The production of locality. In: Fardon, L. (ed.). *Counterworks: managing the diversity of knowledge*.

Ortiz, que o teria usado pela primeira vez referindo-se à transculturação, em 1940, é sobretudo a Nina Glick-Schiller<sup>13</sup> e colegas que se deve a difusão do uso das categorias de transmigrantes e de transnacionalismo no estudo das migrações internacionais, especialmente a partir de 1992, com o volume publicado naquele ano sobre o transnacionalismo.

O principal ponto de partida do transnacionalismo proposto por Glick-Schiller e colegas é a noção de que “um novo tipo de migração da população está emergindo”<sup>14</sup> e, por isso, uma nova conceituação fazia-se necessária<sup>15</sup>. Segundo Glick-Schiller, trata-se de superar o modelo estático com o qual as ciências sociais têm analisado tradicionalmente as populações migrantes, pois as sociedades não são entidades fechadas, com economias, culturas e trajetórias culturais separadas. O transnacionalismo no estudo da mobilidade humana comporta a superação, entre outros aspectos, de uma visão fechada de cultura, dos processos

---

13. Cf. volume que é um clássico no tema e inclui bibliografia sobre os estudos afins que o precederam: Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton. (eds.). *Towards a transnational*. Segundo Itzigsohn e Saucedo, o transnacionalismo representa um novo paradigma no estudo da mobilidade humana, pois considera que os migrantes redefinem, mas não cortam, suas relações com o país de origem, criando até mesmo uma multiplicidade de relações em diferentes áreas de ação que transcendem as fronteiras nacionais. Cf. Itzigsohn; Giorguli Saucedo. Immigrant incorporation and sociocultural transnationalism. *International Migration Review*, v. 36, n. 3 p. 766-799.

14. Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton. Towards a definition of transnationalism: Introductory remarks and research questions. *Towards a transnational*, p. 1.

15. Em 2004, a Revista *International Migration Review* publicou um número especial sobre transnacionalismo com artigos dos principais expoentes norte-americanos sobre o tema: vol. 38, n. 3. No ano de 2008, em Barcelona, um evento sobre o transnacionalismo no estudo das migrações ofereceu estudos que contribuiriam a tornar-se sempre mais rigoroso o uso da categoria nos estudos sobre mobilidade humana. Cf. o volume dos atos do Simpósio internacional “Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones”. Universitat Autònoma de Barcelona, de 14-15 Febrero 2008: Solé; Parella e Cavalcanti (Coords.). *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*.



de análise dos dados das pesquisas sociais limitados ao contexto microestrutural e a visão tradicional de migrante como sendo unicamente trabalhador ou “unidade econômica”.

O contexto transnacional na vida dos migrantes se desenvolve pela interação recíproca entre múltiplos fenômenos: a experiência histórica, as condições estruturais e as ideologias do lugar de origem e da sociedade de destino<sup>16</sup>.

O ponto central é que, mais do que pensar em migrantes como pessoas que nasceram em um país e agora se encontram em outro, o transnacionalismo sugere que se fale de transmigrantes; trata-se de uma transformação na perspectiva a partir da qual se olha, se lê e se interpreta a realidade da mobilidade humana e seus atores.

A transformação do ponto de vista implica também a revisão dos conceitos usados para estado-nação, projeto político, soberania nacional e temas afins. Transmigrantes passam fronteiras nacionais que têm concepção de identidade, de direitos e de legislação totalmente discrepantes respeito aos conceitos tradicionalmente conhecidos sobre as mesmas realidades. Transmigrantes fazem circular pessoas, bens e ideias, e bens sociais e culturais, desconsiderando as barreiras dos estados-nação ou interpretando-as de maneira flexível e adaptando as regras estabelecidas pelos Estados às exigências e às possibilidades de seus percursos existenciais e de seus projetos pessoais e coletivos.

Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece manter

---

16. Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, C. Towards a definition, p. 8. Em artigo publicado em 2008, Glick-Schiller sublinha que o transnacionalismo não foi um fenômeno novo, mas representou novas lentes para ver o fenômeno migratório. Cf. Glick-Schiller. Nuevas y viejas cuestiones sobre localidad: teorizar la migración transnacional en un mundo neoliberal. *Nuevos retos del*, p. 30.

diversas identidades, o que os mantém conectados simultaneamente com mais de uma nação. Mantendo muitas diferentes identidades de raça, nação ou etnia, os transmigrantes são capazes de exprimir sua resistência à política global e às situações econômicas que os engloba...<sup>17</sup>.

O transnacionalismo<sup>18</sup> permite o estudo da mobilidade humana incluindo o processo e o progresso da experiência migratória, assim como a interpretação dos circuitos de mobilidade de pessoas, de informações e de bens que os migrantes produzem e promovem de forma diversificada e não homogeneizante. O conceito favorece a consideração das relações de interdependência entre os produtos que os migrantes produzem e fazem circular, seus respectivos significados simbólicos e as utilizações sociais e culturais dos mesmos. Estas podem ser atribuídas pelos migrantes mesmos ou são conferidas pelos interlocutores que a transmigração faz encontrar e adotadas pelos sujeitos da mobilidade humana. As estratégias transnacionais dos migrantes transformam suas relações familiares e comunitárias, *in loco* e transnacionalmente, seja pela interferência direta, que pelos efeitos de suas ações, mensagens e até mesmo pelo poder que os migrantes exercem sobre as realidades com as quais se relacionam nos locais

---

17. Idem, p. 11.

18. Seguindo a síntese proposta por Delmos Jones, cinco são as premissas para o conceito de transnacionalismo no estudo das migrações: 1) o primeiro é o conceito de unidade social de análise, que, ao invés de 'campo de ação social' utiliza uma unidade aberta, cujas fronteiras da ação estão sujeitas a mudanças constantes; 2) a segunda é que a experiência dos transmigrantes é indissolivelmente ligada às transformações do capitalismo global - portanto, segundo o autor, é necessário situar a migração no contexto das transformações de classes; 3) a terceira é que o transnacionalismo se baseia na vida cotidiana do povo; 4) a quarta refere-se aos processos múltiplos de construção identitária, que está construindo identidades diferentes entre si; e, 5) a última é que a existência de transmigrantes obriga os estudiosos a reconceitualizar as categorias de nacionalismo, etnicidade e raça. Jones. Which migrants? Temporary or permanent. *Towards a transnational*, p. 219-220.

de origem, seja onde quer que cultivem suas articulações “transnacionais”. Estas estratégias também ressoam na economia, na cultura e na política dos países de origem e daqueles de destino. As estratégias transnacionais, antes de tudo, nascem do cotidiano e das relações sociais contextuais dos transmigrantes, as quais transformam e modulam, principalmente, a vida dos homens e das mulheres que migram e daqueles que participam destas trajetórias, mesmo sem migrar. Carolle Charles, citando Portes e Walton, sugere que:

(...) mais do que um simples movimento de um lugar para outro, migração internacional é um processo de construção de rede, de laços em rede, de relações entre grupos e agentes sociais distribuídos por diferentes lugares, maximizando suas oportunidades econômicas através de múltiplos deslocamentos<sup>19</sup>.

O tema das redes em situação de mobilidade humana é reinterpretado e ampliado pelo transnacionalismo. A importância das redes em contexto migratório já foi muito explorado como uma categoria que ajudou e ajuda a explicar o fenômeno e as modalidades com as quais seus atores recriam soluções, desfrutam possibilidades e (re)inventam percursos de sociabilidade, mobilidade e reelaboração identitária. O transnacionalismo resgata a categoria de redes migratórias e amplia seu valor semântico e cultural dentro da complexidade da mobilidade humana. Portes e De Wind<sup>20</sup>, com Glick-Schiller, sublinham que transnacionalismo é uma nova perspectiva analítica no estudo da mobilidade humana, não um novo fenômeno nem uma nova técnica ou teoria introduzida pelos pesquisadores.

19. Charles. Translationalism in the construct of Haitian migrant' racial categories of identity in New York City". *Towards a transnational*, p. 101.

20. Portes; Dewind (ed.). *Rethinking migration. New theoretical and empirical perspectives*, p. 10.

Estudiosos das ciências sociais, a partir de diferentes contextos ou fluxos migratórios estudados, privilegiam a atenção às formas socioculturais do transnacionalismo. Todavia, são ainda prevalentes os discursos referentes aos aspectos macroeconômicos da globalização no estudo da mobilidade humana, sublinhando os efeitos do transnacionalismo nas práticas dos transmigrantes, do mercado e dos Estados, assim como dos demais atores que a mobilidade humana implica. Steven Vertovec indica que:

(...) as atuais práticas transnacionais entre alguns grupos de migrantes envolvem modos fundamentais de transformação que podem ser entendidas em, ao menos, três âmbitos basilares, que incluem: 1) transformação perceptiva, o que implica algo que pode ser descrito como a típica orientação “bifocal” dos migrantes, em âmbito sociocultural; 2) transformação conceitual dos significados dentro da tríade nocional de “identidades-fronteiras-ordens”, em âmbito político; e 3) transformação institucional, que interfere nas formas das transferências financeiras, nas relações público-privado e no desenvolvimento local, em âmbito econômico<sup>21</sup>.

---

21. Vertovec. Migrant transnationalism and modes of transformation. *Rethinking migration*, p. 150. A dimensão econômica dos transnacionalismo tem sido explorada por muitos países, com o pretexto de potenciar a relação entre migração e desenvolvimento. Críticos apontam questões problemáticas tais como a relação entre migração e desenvolvimento que tende a ser estabelecida sobre recursos dos migrantes, com o interesse na gestão das remessas, sem envolver de fato os migrantes. Outros problemas são os altos custos pagos pelos países e pelas populações de origem e a “indústria migratória”, sobretudo em algumas regiões, que tem multiplicado os mecanismos de exploração dos migrantes mais vulnerabilizados. Cf. Castaño Madroñal. El codesarrollo como estrategia de apoderamiento de sociedades silenciadas: un estudio de caso de las potencialidades en redes transnacionales de la Jbala (Marruecos). *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 33, p. 101-128 e Baggio. Migrazione e sviluppo: l'eticizzazione del nesso. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 33, p. 213-234.

O mesmo autor sublinha que o transnacionalismo dos migrantes, por si mesmo, dificilmente produz a transformação que a academia sugere, porém, as práticas dos transmigrantes pressionam e contribuem significativamente para a continuidade e o fortalecimento de processos de transformação que, na realidade, a globalização já desencadeou. Por sua vez, os e as transmigrantes podem ampliar, qualificar e diversificar tais processos de transformação de modo determinante e não somente para si mesmos. Nos processos transnacionais como em outros mais internos às comunidades locais, os ganhos que os migrantes forjam, em termos de transformações estruturais, os forjam para todos e todas, pois a mobilidade humana transforma, renovando para melhor, em muitos sentidos, a humanidade toda; e, sobretudo, as comunidades diretamente implicadas.

Entre os resultados do transnacionalismo para quem vive os fluxos migratórios, direta ou indiretamente, Castles<sup>22</sup> sublinha a evolução da experiência transnacional que desenvolve pertencas transnacionais, o que comporta consequências importantes nos processos identitários. Tais consequências interferem também na escala de valores e de prioridades com as quais as pessoas, amanhã, estabelecerão seus referencias identitários, valoriais, religiosos e éticos. Tais parâmetros podem transformar conceitos basilares como o de família, o de responsabilidade nas relações e o de cidadania, entre outros. Para Vertovec, o transnacionalismo e, mais especificamente, a dupla pertença nacional

(...) tem um impacto substancial nas estratégias e no curso da vida individual e familiar, no modo como as pessoas vivem individualmente e coletivamente o sentido de pertença, nas modalidades com as quais as pessoas e os grupam organizam a memória, nos padrões de consumo, nas práticas socioculturais coletivas, na abordagem

---

22. Castles. Migration and community formation under conditions of globalization. *International Migration Review*, v. 36, n. 4, p. 1143-1168.

adotada para a educação dos próprios filhos e em outras modalidades culturais de reprodução<sup>23</sup>.

O transnacionalismo no estudo das migrações leva à superação do tradicional modelo bipolar país de origem – país de destino como dois mundos contrapostos e, de certa maneira, irremediavelmente separados (e distantes), pela adoção de um modelo multilocal ou circular, no qual acontecem relações e movimentos que implicam diversos lugares, seja de origem, seja de trânsito ou de destino. Tais processos de transformação do significado do espaço comportam que um mesmo lugar pode revestir funções diferentes, sendo ao mesmo tempo lugar de chegada ou de trânsito, por exemplo. Novas perspectivas teóricas e a evolução do fato migratório no contexto da globalização desvendam a importância de abordar os processos de integração no país de chegada em perspectiva transnacional e vice-versa, adotando a perspectiva da cultura, da classe e das dinâmicas de poder em que estão situados empiricamente os migrantes, na abordagem que é feita do transnacionalismo<sup>24</sup>.

Estudiosos reconhecem que as comunidades transnacionais não cobrem a totalidade dos migrantes e que os migrantes que encarnam as características dos transnacionalismo representam ainda somente pequena parte do contingente total da população migrante no mundo, porém, o transnacionalismo pode,

a longo prazo, ter enormes consequências para a identidade social e as instituições políticas, seja no país de origem, seja no de destino dos fluxos<sup>25</sup>.

---

23. Vertovec. *Migrant transnationalism*, p. 156.

24. Rouse. *Making sense of settlement: class transformation, cultural struggle, and transnationalism among Mexican migrants in the United states. Towards a transnational*, p. 26. A produção bibliográfica sobre transnacionalismo no estudo das migrações é muito extensa. Para os fins deste estudo, além dos textos já citados, a bibliografia final indica os textos mais importantes.

25. Castles.; Miller. *The age of Migration*. *International population movements in the modern world*. 4a. ed., p. 48.

O transnacionalismo desafia os ideais e parâmetros identitários dos estados-nação e até configuração de família e de valores. Como de origem e de destino dos fluxos migratórios, provocando reflexões e até transformações nas políticas e nas leis, sejam aquelas sobre visto e residência, sejam as que se referem à obtenção de (dupla) nacionalidade, direitos de cidadania e até configuração de família e de valores.

## 2. Teorias para o Estudo da Mobilidade Humana

A mobilidade humana é um fenômeno que se impõe empiricamente à evidência, tanto para teóricos e pesquisadores quanto para agentes sociais e *policy makers*. Cada interlocutor é tocado pelo fato migratório e interpelado com base em suas pré-compreensões do fenômeno, sua implicação direta ou indireta nos processos que o fenômeno suscita localmente e as ferramentas que conhece ou dispõe para abordagem e conhecimento da realidade que se apresenta. A descrição de um fato e sua sistematização em tipologias, por exemplo, não constitui uma teoria que o explique, segundo Portes<sup>26</sup>. Para o sociólogo economista estadunidense, o

---

26. Cf. por exemplo: Portes. Immigration theory for a new century: some problems and opportunities. *International Migration Review*, v. 31, n. 4, p. 779-825; Idem Theoretical convergencies and empirical evidence in the study of immigrant transnationalism. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 874-892; Portes; de Wind (eds.). Conceptual and methodological developments in the study of international migration. *Special issue of International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 828-851; Idem Rethinking migration. Merecem destaque os dois números especiais da *International Migration Review* sobre teorias das migrações: o volume dos 25 anos da revista vol. 23 de 1989 e o vol. 38 de 2004. O último publica os atos da “Conference on Conceptual and Methodological Development in the study of International Migration” realizada em Princeton University, em maio de 2003. Segundo Portes e De Wind, no artigo introdutório ao volume, três são os eixos básicos que suportam as teorias das migrações: “1. O que motiva o povo a migrar através de fronteiras internacionais, muitas vezes por altos custos financeiros e psico-

avance na descoberta ou elaboração de marcos teórico é fruto da habilidade de reconstituir um campo de visão capaz de identificar conexões previamente não conhecidas. Segundo o mesmo autor, é tarefa da(s) teoria(s) das migrações entender as forças fundamentais que conduzem o(s) processo(s), aprofundando o conhecimento dos mesmos para entender

como as redes sociais, as expectativas normativas das comunidades e as estratégias das famílias se modificam e, a seu tempo, podem subverter os precedentes determinantes estruturais<sup>27</sup>

que se usavam para compreender o fenômeno. No mesmo artigo, Portes também analisa alguns problemas que os processos de construção teórica sobre mobilidade humana estariam apresentando. A apresentação crítica feita por ele aponta para o fato de que cada disciplina tem seus critérios e prioridades, mas que, nem por isto, não se possa trabalhar com rigor na construção e utilização de teorias para explicar a mobilidade humana. Há de se convir que a dialética pode ser mantida sem renunciar à tarefa de buscar abordagens articuladas para produzir um conhecimento da realidade em causa, sem negar seus aspectos cruciais e sem reduzir sua complexidade efetiva.

As críticas de Portes, traduzidas em modo de indicações metodológicas para um discurso teórico podem ser assim sintetizadas: a) muita informação não produz teoria; esta nasce de uma

---

lógicos? 2. Como os imigrantes mudam depois da chegada? (As respostas a estas perguntas apontam para questões como a adaptação, a assimilação, o pluralismo e a migração de retorno) 3. Qual o impacto dos imigrantes na vida americana, em sua realidade econômica e sociocultural e em suas instituições políticas?”. Cf. Portes; de Wind. A Cross-Atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 828-851.

27. Portes. Immigration theory, p. 803 e 801.



capacidade suplementar de cruzamento e análise aprofundada e intuitiva dos dados recolhidos; b) os sujeitos implicados nos processos estudados, não tem, necessariamente, a percepção dos significados e da qualidade das situações que vivem; c) tipologias, asserções, narrativas não são teorias, mas podem ser uma etapa que favorece a elaboração de uma teoria; d) não é viável uma teoria inclusiva de tudo o que o conhecimento pode dizer sobre a migração. Esta última asserção aparece repetidamente nos textos sobre teorias da mobilidade humana. Massey e colegas chegaram a estabelecer quatro elementos básicos para a produção de “qualquer explicação teórica que seja satisfatória sobre migrações internacionais”. Apesar do evidente foco socioeconômico da proposta de Massey, que foi elaborada por uma equipe interdisciplinar composta por uma socióloga, um sociólogo, dois economistas, um geógrafo e um demógrafo, a iniciativa merece destaque por seus quatro elementos basilares:

(...) o estudo das forças estruturais que promovem a emigração dos países em desenvolvimento; a caracterização das forças estruturais que atraem imigrantes aos países desenvolvidos; a consideração das motivações, das metas e das aspirações das pessoas que respondem a tais forças, transformando-se em migrantes internacionais; e, o estudo das estruturas sociais e econômicas que surgem para conectar áreas de saída e de destino da migração<sup>28</sup>.

As teorias das migrações mais recorrentes respondem a alguns tipos de questionamentos que são transversais a todos os fluxos e contextos onde se dá a mobilidade humana. Por que pessoas e grupos migram? Por que só alguns migram e a maioria não migra? O que determina que certos lugares sejam marcados por fluxos de emigração e outros de imigração? O que acontece nas sociedades onde chegam contingentes expressivos de migrantes

28. Massey. et al. *Worlds in motion*, p. 281.

portadores de outra cultura, outros valores, outro perfil profissional, outro(s) idioma(s)? E nas sociedades de onde partiram, o que faz com que alguns retornem? Quando e por que acontece o retorno? Como se transformam as sociedades pela e/imigração? E as pessoas? É consenso que nenhuma teoria explica toda a realidade da mobilidade humana.

O papel das teorias no estudo da mobilidade humana é fundamental para a qualidade do discurso que a pesquisa e a análise de dados empíricos ou estatísticos elabora (e divulga). A narração não explica um fenômeno, o apresenta. Os porquês do fenômeno migratório e as razões dos sujeitos que migram, assim como os processos por estes desencadeados ou suportados, indicam que o saber pede uma língua qualificada que disponha de categorias para elaborar a hermenêutica de fatos, dos processos e das experiências<sup>29</sup>. Sem a ajuda de tal suporte, que chamamos de teoria, o conhecimento não disporia das ferramentas para desvendar e penetrar suas fontes e, portanto, poderia somente entregar os dados à subjetividade conceitual e interpretativa, seja ela individual, setorial ou coletiva, midiática ou acadêmica.

Algumas disciplinas já propuseram a constituição de uma nova área do saber chamada “migratologia”<sup>30</sup> que se ocuparia da ampla e complexa temática da mobilidade humana. Seu objetivo seria o de desenvolver um discurso geral sobre a migração, que possa ir além da coleta e organização de dados estatísticos e informações empíricas ou de micro análises, típicas das pesquisas pontuais, que se multiplicaram exponencialmente nas últimas décadas, nas diferentes disciplinas. As principais são, além da de-

---

29. Segundo Diner. Os “*why*” da mobilidade humana estão no centro do estudo de teorias das migrações, pois a motivação que leva as pessoas a migrar é uma questão eternamente aberta. Cf. Diner. *History and the study of migration. Narratives of the particular. Migration Theory. Talking across disciplines*, p. 40.

30. Domenach. Sobre la migratología. *Notas de Población*, v. 26, n. 67-68, p. 101-118; Idem ¿Hai una teoría de las migraciones?. Congreso Argentino de Estudios sobre Migraciones Internacionales, Políticas Migratorias y de Asilo. Buenos Aires, Abril de 2006.

mografia<sup>31</sup>, da economia e da sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia social, a etnopsiquiatria, a geografia humana, a história, as ciências da religião, a comunicação, a teologia, o direito, entre outras. Domenach, demógrafo francês, considera que se justifica a formalização de uma “migratologia” pois

(...) considerando-se globalmente, o processo migratório permite entender a modernidade migratória segundo as transformações sociais contemporâneas... e, por outro lado, permite considerar a evolução consequente de suas duas dimensões analíticas fundamentais, que são: “espaço-tempo” e “fluxos-estoques”<sup>32</sup>.

Os argumentos que Domenach apresenta a favor de uma *migratologia*, entendida como discurso teórico e científico sobre as migrações são dois: por um lado a escassez de teorias que ajudem a entender a multiplicidade de aspectos que o complexo fenômeno da mobilidade apresenta e representa; por outro lado, a tendência que se registra nos estudos sobre mobilidade humana à “migratometria”, como limite epistemológico que leva a acreditar que, medindo estatisticamente e usando as informações de modo funcional, se chegue ao conhecimento da realidade migratória. As teorias da mobilidade humana podem ajudar a superar o forte

---

31. Apesar da importância dos dados estatísticos para o conhecimento da realidade migratória, em todos os níveis, utilizados por todas as disciplinas, a demografia não tem se destacado entre as principais disciplinas que estudam a mobilidade humana. Hemer afirma que conceitos demográficos como pressão demográfica, por exemplo, muito usado nas teorias clássicas das migrações “não são capazes de oferecer uma contribuição significativa à explicação dos processos migratórios em nível local e regional”. Cf. Hemer. Migration and population in German historical thought: Some critical reflections. *International Migration Research: Constructions, Omissions and the promises of interdisciplinarity*, p. 19-39.

32. Domenach. ¿Hay una teoría de las migraciones?”. Conferência inaugural no Congresso Argentino de Estudos “Migraciones Internacionales y políticas migratorias y de asilo”, p. 4.

interesse político que influencia as leituras que são feitas atualmente do fenômeno e favorecer uma maior abrangência, alcançando aspectos tradicionalmente menos estudados.

O fato migratório está mudando profundamente de natureza e a ciência deve tirar disto as consequências... se impõe gradualmente uma aproximação mais “migratológica”, inspirada pela necessidade de resituar os fenômenos migratórios no contexto global das mudanças da sociedade<sup>33</sup>.

A proposta de Domenach não parece ter encontrado muitos apoiadores nos contextos acadêmicos. A consideração que não existe uma teoria completa que permita explicar toda a mobilidade humana e que os esquemas descritivos, as técnicas e os métodos de pesquisa são forçadamente vários e heterogêneos, leva ao consenso na busca por abordagens interdisciplinares. Estas favorecem o encontro e a interação entre metodologias, disciplinas, mentalidades e conhecimentos que cruzam informações e chaves interpretativas. Tais processos promovem análises transversais, que estimulam e requerem novos conhecimentos, sistematizados e qualificados. Os mesmos esforços podem favorecer o surgimento e o fortalecimento de novas intuições para a tradução destes conhecimentos em percursos existenciais, sociais e políticos, culturais ou econômicos, de acordo com as realidades contingentes e o momento histórico das nações.

As publicações sobre teorias das migrações, abundantes em inglês, mas escassas nas línguas latinas e, no Brasil em particular, são estudos fundamentalmente sob forma de artigos e, no caso de livros, a grande maioria são publicações conjuntas. A interdisciplinaridade se impõe como um processo de diálogo e interação constantes, em que a diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas são garantidas pelos representantes das distintas

---

33. Domenach. ¿Hay una teoría, p. 8. También Domenach; Picouet. *Les migrations*, p. 37.

disciplinas, indicando que ainda não há consenso sobre ferramentas e discursos, conceitos e linguagem que possam recolher e representar uma transversalidade disciplinar, repetidamente almejada nos contextos acadêmicos que estudam a mobilidade humana. Um dos poucos estudos coletivos reconhecidos sobre teorias das migrações é fruto de um percurso de sete anos, iniciado em 1991 e publicado, em primeira edição, em 1998, assinado coletivamente por seis especialistas sobre migração, pertencentes às áreas disciplinares de economia, sociologia, geografia e demografia. Coordenada por Douglas S. Massey, a equipe trabalhou com o objetivo de aprofundar dois aspectos cruciais de teoria das migrações que são, ao mesmo tempo, enfoques sobre a referida realidade: por que se produz a migração internacional? E por que/como essa se sustenta?

O volume busca apresentar uma

compreensão teórica integral das forças sociais e econômicas responsáveis pelas migrações internacionais entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento<sup>34</sup>.

Diferente da organização clássica do estudo, a equipe optou por dividir a pesquisa em duas macrocategorias: processos responsáveis por provocar a emigração e processos responsáveis por sustentar os fluxos migratórios, fazendo um exercício imenso de análise da realidade migratória de cinco macro áreas geográficas (Ásia, Europa, América do Norte, incluindo Central e Caribe, América do Sul, Golfo). No referido volume, a equipe mostrou sua modalidade de utilização das teorias, que haviam sido por eles apresentadas em modo panorâmico nas primeiras 60 páginas do texto.

O mesmo estilo de abordagem das teorias das migrações se encontra em outras publicações, o que permite – visitando a literatura multidisciplinar disponível – compor um panorama das

---

34. Massey. et al. *Worlds in motion*, Preface, p. I.

principais teorias das migrações que instruíram o discurso e as políticas sobre as migrações nas últimas décadas.

A seguir, brevemente, são apresentadas as principais teorias que as ciências sociais construíram e utilizam no estudo da mobilidade humana.

### 3. Elementos de história das teorias das migrações

O primeiro estudo sistemático de teoria das migrações reconhecidamente citado é um artigo de 1885, ambientado no contexto inglês<sup>35</sup>, por obra de um geógrafo de nome Ernst Georg Ravenstein<sup>36</sup>, que sistematizou, a partir da observação empírica dos fluxos migratórios ingleses daquele momento histórico e dos dados do censo inglês de 1881, uma série de “leis” sobre os comportamentos registrados nos fluxos migratórios. Faist assim apresenta, sinteticamente, as hipóteses de regras migratórias de Ravenstein:

(1) A maioria das pessoas migra somente por curtas distâncias e então estabelece “correntes migratórias” para centros maiores. (2) Isto causa movimentos populacionais e processos de desenvolvimento relacionados com as populações das regiões de partida e de destino dos fluxos. (3) Os processos de dispersão e de absorção correspondem-se reciprocamente. (4) As correntes migratórias desenvolvem-se no tempo. (5) As correntes migratórias levam a movimentos de saída em direção aos centros de

35. No ano de 1889, o mesmo autor publicou um segundo artigo, ampliando os estudos apresentados no primeiro artigo, para outros vinte países.

36. Ravenstein. The laws of migration. *Journal of the Statistical Society on London*, v. 48, n. 2, p. 167-227; e idem The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 52, n. 2, p. 241-301. Cf. Também Arango. Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años después. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, v. 32, p. 7-26.

comércio e de indústria. (6) Pessoas residentes em áreas urbanas são menos propensas a migrar que pessoas que vivem em áreas rurais. (7) Isto é verdadeiro também para a população feminina<sup>37</sup>.

Depois de Ravenstein, a menção mais citada sobre teorias das migrações, para a maioria das disciplinas, é à “Escola de Chicago”<sup>38</sup> que, por praticamente um século, foi e de certo modo ainda é, referência obrigatória para o estudo das migrações. A primeira importante publicação daquela “escola” foi um famoso estudo de antropologia das migrações<sup>39</sup> realizado por Thomas e Znaniecki, resultado de grande trabalho de pesquisa de campo referente aos camponeses imigrantes poloneses na Europa e (como eles se ajustaram) nos Estados Unidos. A publicação consiste em cinco grandes volumes, contendo entrevistas, documentos e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e de outras que haviam emigrado para os Estados Unidos<sup>40</sup>. Segundo Howard Becker, um dos últimos professores da escola de Chicago, em entrevista dada no Brasil em 1990<sup>41</sup>, a Escola de Chicago iniciou suas pesquisas inventando a metodologia a ser utilizada, pois não existia antes daquele momento uma metodologia para o estudo de temas como a migração. O foco dos estudos sociais da Escola de Chicago foi a cidade, especificamente a cidade de Chicago, inicialmente. Foi realizando tais estudos que os pesquisadores se depararam com aspectos da realidade migratória da época e produziram teorias para explicá-la. Deve-se à Escola de Chicago

---

37. Faist. The crucial meso-level.” in Hammar, T. et al *International Migration*, p. 189.

38. Comumente chamada de “Escola de Chicago”, trata-se do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, inaugurado em 1895.

39. Thomas William; Znaniecki. *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana and Chicago.

40. Becker. Conferência: A Escola de Chicago. *MANA*, v. 2, n. 2, p. 177-188.

41. Rocha Flaksman. Uma entrevista com Howard S. Becker. *Estudos Históricos*, v. 3, n. 5, p. 114-136.

o conceito de assimilação<sup>42</sup> nos estudos dos processos de inserção dos migrantes em contextos urbanos, nos Estados Unidos. Este estudo ainda hoje é utilizado ou, ao menos, discutido em textos de teorias das migrações. Segundo B. Schmitter Heisler,

a perspectiva assimilacionista, cujos pioneiros foram os membros da Escola de Sociologia de Chicago nos anos de 1920 e 1930 e que foi redefinida pelos seus alunos nas três décadas seguintes, continuou sendo o paradigma sociológico dominante até o decurso dos anos de 1960<sup>43</sup>.

Mesmo sucessivamente, a assimilação continuou e continua sendo um conceito válido para entender processos produzidos pelos deslocamentos populacionais<sup>44</sup>.

---

42. Um *excursus* histórico da evolução do valor semântico atribuído pelos sociólogos americanos ao conceito de assimilação no estudo das migrações é apresentado em Alba; Nee. Rethinking assimilation theory for a new era of immigration. *International Migration Review*, v. 31, n. 4, p. 826-874 e idem Remaking the American mainstream: Assimilation and contemporary immigration. Cambridge, Harvard University Press.. Trata-se de um volume especial da *IMR – International Migration Review* de New York sobre incorporação de migrantes nas sociedades de chegada, no qual vários artigos retomam o tema da assimilação, contextualizando sua original concepção e novas propostas de re-semantização para explicar questões ligadas às novas migrações, especialmente nos Estados Unidos. Considera-se o conceito de assimilação tão central nas ciências sociais norte-americanas que “do assimilacionismo da Escola de Chicago, passando pelo multiculturalismo, até o neoassimilacionismo contemporâneo”, o nacionalismo metodológico ainda não permite que se renuncie à ligação estreita entre estudo da incorporação de imigrantes com a ideologia do estado-nação, para a qual o conceito de assimilação é uma ferramenta teórica ainda útil. Cf. Wimmer.; Glick-Schiller. Methodological nationalism, the social sciences and the study of migration: An essay in historical epistemology. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 584.

43. Heisler. The sociology of immigration. From assimilation to segmented assimilation, from the American experience to the global arena. *Migration Theory*, p. 83.

44. Na descrição de Ellie Vasta, “a tese da Escola de Chicago era que a sociedade de acolhida conta com um conjunto de valores, normas e padrões de



Em um amplo artigo sobre os cem anos do primeiro estudo de Ravenstein, Arango indica, entre os problemas no estudo das migrações contemporâneas, uma persistente dificuldade que ele denomina como “divórcio entre teoria e empiria”<sup>45</sup>, indicando a escassez e a discutível qualidade dos textos de teoria das migrações que eram disponíveis na primeira metade dos anos de 1980. Especialmente, lamenta o fato de ainda hoje os resultados de pesquisas empíricas raramente progredirem qualitativamente na formulação de textos teóricos e *inputs* para posteriores estudos. O mesmo autor lamenta a concentração dos estudos das migrações na economia, defendendo que uma visão de migrante somente como *homo economicus* não rende justiça à realidade do fato migratório, nem do perfil de seus atores reais. Do mesmo período, é o texto de Sayad. Este considera tautologia falar de migrante trabalhador, pois sem o trabalho a migração seria uma contradição. Afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho” e que, portanto, um “imigrante desempregado é um paradoxo”<sup>46</sup>. Tais exemplos indicam a importância da contextualização para a hermenêutica dos processos e do conhecimento da realidade dos indivíduos que compõem o fenômeno da mobilida-

---

comportamento que, geralmente, são aceitos e coerentes, os quais divergem respeito aos dos recém-chegados, o que leva a uma escassez de comunicação que pode causar conflitos, levando a problemas de ‘relações raciais’. /.../ Esse processo é resumido na definição de Park sobre ‘círculo de relações de raça’, no qual os grupos passam por diferentes etapas: contato, conflito, acomodação e assimilação (Park, 1950). Os conceitos do senso comum, que emergem desta posição, levam à afirmação que os migrantes tem que se assimilar ao modo de vida da cultura dominante...”, In Vasta; Vuddamalay. (eds.). *International migration and the social sciences. Confronting national experiences in Australia, France and Germany*, p. 31. Para uma apresentação geral da influência da Escola de Chicago nos estudos sobre migração nos Estados Unidos cf. Sasaki e Assis. Teorias das migrações internacionais. XII Encontro Nacional da ABEP. p. 4-6.

45. Arango. *Las leyes de*, p. 11.

46. Sayad. *A imigração ou*, p. 54-55. O texto citado refere-se a um artigo publicado originariamente por Sayad no ano de 1979, no contexto francês, referindo-se de modo especial ao fluxo migratório Tunísia-França.

de humana. Sem forçar a dialética entre as abordagens macro- e microestrutural, das quais se tratará a seguir, vale sublinhar que, na história das teorias da mobilidade humana, um dos problemas que permanecem abertos é a necessidade de manter e, possivelmente, cruzar abordagens, metodologias e disciplinas diferentes para abarcar o objeto de estudo. Por isso é fundamental a humildade como atitude epistemológica, ao reconhecer que nenhuma tentativa vai exaurir o conteúdo do fenômeno, o qual é um “fato social total” e, enquanto tal, por não ser estático, não se presta a conclusões definitivas. Migração é itinerário, projeto sempre refeito, dinamismo intrínseco que se reconfigura, transforma e reconstitui constantemente.

Algumas constantes aparecem na maior parte das resenhas sobre teorias das migrações. Trata-se de temas, de processos intrínsecos à mobilidade ou de interesses emergentes que a cada nova teoria ou metodologia de estudo, retornam com as mesmas ou com novas formulações. Estas, conseqüentemente, se impõem automaticamente como temas focais que dificilmente podem ficar despercebidos para quem e para onde a migração é uma novidade. Entre estes tópicos estão as causas e as conseqüências das migrações (ou *push-pull factors*), que Arango afirma terem sido introduzidas no circuito ainda por Ravenstein. Outros tópicos predominantes nas teorias das migrações são: o processo decisório; as vantagens e desvantagens (pra quem?) da migração; a inserção no país de chegada; o retorno, entre outras.

Por mais que seja lamentada a ausência de abordagem com sensibilidade de gênero no estudo das migrações, mulher e família são temas que aparecem repetidamente, ao menos na lista dos problemas que complicam o fato migratório. Os estudos mais recentes sobre mulher em mobilidade já superam o discurso “vitimista” sobre a mulher e elaboram análises mais situadas na complexidade das relações de gênero e de poder nos contextos migratórios<sup>47</sup>.

---

47. Um volume exemplar é oferecido por Briones. *Empowering migrant women. Why Agency and Rights are not enough.*

A história das teorias das migrações inclui a história dos tipos de fontes utilizados para este tipo de pesquisa. Censos e dados estatísticos construídos a partir de fontes diretas junto aos migrantes, como listas de passageiros ou documentos de departamentos de controle de imigração, foram e são as fontes privilegiadas. Porém, desde o volume sobre os camponeses poloneses, os escritos dos migrantes, suas narrativas e a etnografia em geral ganharam sempre mais estima e reconhecimento nos meios acadêmicos. Todavia, há uma crítica sobre o uso de fontes empíricas. Tal crítica aparece repetidamente entre alguns teóricos que preferem textos mais gerais e abstratos. Esta, refere-se à metodologia comparativa dos estudos antropológicos que se multiplicaram abundantemente nas últimas décadas, mas que não teriam a objetividade da sistematização focada na elaboração de macroteorias generalizadas ou generalizantes para o estudo da mobilidade humana – preocupação esta que é de interesse de outras disciplinas. Os estudos migratórios da antropologia preferem abordagens comparadas e investigação pontual.

Em termos de teorias gerais, a demografia e a economia foram as disciplinas que se anteciparam na formulação de teorias (e fórmulas) para o estudo (e as previsões) sobre os fluxos populacionais em deslocamento. Tal êxito deve-se ao fato de que, quer queiramos quer não, a mobilidade humana é um fator econômico-político determinante em época de *boom* econômico, para favorecer o desenvolvimento, como o foi nas primeiras décadas da Europa pós-guerra.

A maior parte dos estudos sistemáticos sobre mobilidade humana produzidos pela geografia, pela economia, pela sociologia, pela demografia e pelas ciências políticas tem o foco nos problemas socioeconômicos e demográficos que a migração produz ou revela nas sociedades em que acontece, em diálogo ou em contraposição com o uso estratégico que destes aspectos faz a política e a mídia<sup>48</sup>. O foco econômico-político da questão levou

48. Para citar somente alguns exemplos: Brotherton; Kretsedemas. *Keeping out the other. A critical introduction to immigration enforcement today*; Elliott.; Payne;

os estudos acadêmicos, influenciados também por constatações empíricas e *inputs* provenientes das organizações pelos direitos humanos das pessoas em mobilidade e pelas associações de migrantes, a ampliar de maneira inclusiva o leque de interesses e de implicações políticas e econômicas da mobilidade humana. Assim, foram incluídas a busca por macrossoluções e explicações macroestruturais de temas afins como justiça, direitos humanos, diversidade e desenvolvimento humano nos trabalhos e publicações de tipo acadêmico.

Neste processo variegado e flexível, novos temas e enfoques novos a velhos temas, foram desenvolvidos, com base em muitos fatores como os ritmos, os subtemas e a contingência de cada contexto local. Também a sensibilidade de quem pesquisa e de suas respectivas instituições e a disponibilidade e respectiva finalidade dos recursos disponíveis, assim como, as expectativas e solicitações de lideranças “empoderadas”, de organizações de coletivos migrantes ou de governos influenciaram os estudos. Entre os temas emergentes estão as redes, os retornados e os *left behind*; o desenvolvimento e as remessas; gênero e segunda geração; multiculturalismo e todas suas declinações como intercultura, racismo, discriminação, raça, classe, gênero; o trabalho; a segurança (de quem?) e a(s) violência(s); a religião e os direitos humanos; entre muitos outros. Novos temas foram introduzidos no debate também por novas disciplinas que, escutando e interpretando os processos vividos pelos protagonistas dos fluxos migratórios, entregaram aos sujeitos e aos colegas estudiosos e estudiosas enfoques novos como a saudade, a loucura, as transformações identitárias, o tráfico e o contrabando de pessoas, o reconhecimento (profissional e não só), a dupla ou tripla pertença jurídica, cultu-

---

Ploesch. *Global migration, social change and cultural transformation.*; Gutiérrez; Hondagneu-Sotelo. *Nation and migration. Past and Future.*; Kritz; Keely. *Global trends in migration. Theory and research on international population movements*; Hammar, et al (eds.). *International Migration*; Marciniak. *Alienhood. Citizenship, exile and the logic of difference*; Vasta; Vuddamalay. *International migration*; Vertovec. *Anthropology of migration and multiculturalism. New directions.*

ral, religiosa que são, ao mesmo tempo, interesses e nuances da complexa realidade da mobilidade humana.

A revisão bibliográfica não oferece nenhuma teoria das migrações que apresente uma discussão articulada e explicativa dos porquês e dos diferentes determinantes da migração irregular para seus atores, para os países implicados e para os significados dos processos que os migrantes em situação irregular vivem, sofrem e provocam. Os estudos teóricos carecem de explicações aprofundadas sobre temas como direitos humanos das pessoas em mobilidade (por escolha ou por força) ou defesa da vida dos sujeitos que migram, diante das ameaças e dos riscos vividos por causa de comportamentos e processos praticados por governos ou por cidadãos, pelo simples fato de serem migrantes, independentemente da etapa em que se encontram em seu projeto migratório ou da situação administrativa que vivem. O que têm as teorias das migrações a explicar sobre mortes na fronteira, assassinatos de migrantes em países de trânsito, comercialização internacional de migrantes feita por quadrilhas de contrabando, ou ainda, sobre governos que adotam políticas discriminatórias que criminalizam a migração? O que podem explicar as teorias da mobilidade humana sobre tráfico de seres humanos, negação de direitos a filhos de mãe-imigrante cujo pai é cidadão de país receptor, racismo nos estabelecimentos de serviço público, discriminação por fenotípia ou nacionalidade de origem?

Para a apresentação mais analítica das principais teorias, as referências são a algumas das obras panorâmicas que apresentam criticamente as teorias das migrações. Cada publicação organiza a matéria a partir da perspectiva disciplinar de quem realiza a obra ou dos interesses principais da publicação. Igualmente, neste trabalho, os estudos de teorias das migrações foram criticamente e criativamente analisados na perspectiva que o caracteriza. Com o panorama apresentado a seguir busca-se recolher ferramentas teóricas para a abordagem da mobilidade humana que

valorize os sujeitos que compõem os fluxos como protagonistas e testemunhas privilegiados para a coleta de dados. Tal abordagem permite conhecer nuances, processos, significados e aportes da mobilidade humana que os estudos que não partem dos sujeitos diretamente implicados, dificilmente conseguem abarcar. Não sendo objetivo do presente estudo uma resenha exaustiva das teorias das migrações existentes, a síntese é corroborada por ampla bibliografia indicada em rodapé e, sobretudo, no final do texto<sup>49</sup>.

Em 1993, Stephen Castles e Mark J. Miller publicaram, nos Estados Unidos, um volume<sup>50</sup> que obteve outras três edições revisadas e ampliadas até 2009 e que se tornou, em nível internacional, o principal “manual” para o estudo das migrações, com particular atenção às migrações econômicas. O volume não inclui aprofundamentos sobre outras formas de mobilidade humana,

---

49. As principais publicações que foram referência para esta parte são: Alba; Neer *ethinking assimilation theory*, p. 826-874; Ambrosini. *Sociologia delle migrazioni*.; Bommès; Morawska. *International Migration Research*; Brettell; Hollifield. *Migration Theory*; Castles; Miller. *The age of migration*; De Wind; Kasanitz *Everything old is new again? Processes and theories of immigrant incorporation. International Migration Review*, v. 31, n. 4, 1997a, p. 1096-1111; Domenach; Picouet, M. *Les migrations*; Elliott; Payne; Ploesch. *Global migration*; Esser. Does de ‘new’ immigration require a ‘new’ theory of intergenerational integration?. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 1126-1159; Fawcett. Networks, linkages and migration system. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 671-680; Hammar, et al (eds.). *International Migration, immobility*; Hans; Hoffmann. A sociological approach toward a general theory of migration. *Global trends*; Massey, et al. *Worlds in motion*; Meo. *Lo straniero inventato. Riflessioni sociologiche all’alterità*; Morawska. *A sociology of immigration. (Re)making multifaceted America*; Pécoud; de Guchteneire. *Migration without borders. Essays on the free movement of people*; Portes. *Immigration theory for*; Portes; de Wind. *Rethinking migration*; Vasta; Vuddamalay. *International migration and*; Vertovec. *Anthropology of migration*; Zlotnik. Théories sur les migrations internationales. *Démographie: analyse et synthèse. IV Les déterminants de la migration*, p. 55-78.

50. Castles; Miller. *The age of*. O último volume traz a novidade de um site web com artigos e informações complementares: <http://www.age-of-migration.com/uk/index.asp>.

como as migrações forçadas, por exemplo. Os autores descrevem a realidade migratória no mundo e aprofundam alguns temas entre os que registram maior interesse na atualidade, mudando, em parte, os temas apresentados a cada edição: segurança, políticas migratórias, minorias, desenvolvimento, entre outros. Após a introdução, o primeiro capítulo é reservado às teorias das migrações. Os autores consideram que as teorias têm a função de explicar a migração, a formação de minorias ligadas aos fluxos migratórios e, notadamente, favorecer a compreensão do processo migratório como um todo. Entre os objetivos explicitamente declarados no volume está a busca por explicações sobre as transformações que a mobilidade humana produz ou provoca na sociedade, a fim de entender os problemas que tais transformações trazem consigo e as políticas mais pertinentes a serem desenvolvidas em resposta. O foco dos autores está na emergente diversidade étnica vivida pelas sociedades marcadas por movimentos populacionais<sup>51</sup>. De modo geral, a obra considera que a teoria das migrações constitui a explicação do processo migratório como um todo. Porém, no desenvolvimento do discurso, os autores elaboram aprofundamentos de algumas temáticas que se referem a etapas e aspectos determinados como o tema das redes ou o processo de inserção e de estabelecimento de imigrantes no novo contexto.

Outro volume, escrito coletivamente por uma equipe coordenada por Massey<sup>52</sup>, desenvolve a análise da mobilidade humana considerando a teoria das migrações como sendo a explicação das forças sociais, econômicas e políticas que geram e/ou perpetuam as migrações internacionais no mundo. A abordagem sugere a teoria das migrações como a explicação de dois movimentos ou etapas principais: o por quê as migrações iniciam e a razão e as determinantes de sua continuidade. Uma característica marcante da abordagem da equipe de Massey é o peso específico das condições contextuais para explicar o fenômeno da mobilidade humana, es-

51. Castles; Miller. *The age of*, p. 16-17.

52. Massey, et al. *Worlds in motion*, p. 3.

pecialmente o contexto social e econômico. O volume é referência para muitas disciplinas sobre teoria no estudo das migrações e sobre abordagem interdisciplinar da mobilidade humana<sup>53</sup>.

Um singular estudo de teoria das migrações foi apresentado por uma equipe de estudiosos europeus de diferentes disciplinas (ciências políticas, sociologia, economia e geografia), em 1997. Apesar do foco prioritário do estudo ser a relação entre migrações internacionais e desenvolvimento, os autores insistem em ilustrar conceitos chaves que ajudam a analisar a mobilidade humana em três diferentes perspectivas ou níveis: macro, meso e micro. A proposta do grupo consegue superar significativamente a dicotomia entre abordagem econômica e demais abordagens, mas como o foco é o desenvolvimento, trata-se de uma proposta analítica de ampliação da abordagem econômica a um raio maior de disciplinas, incluindo considerações sobre o desenvolvimento que a geografia, a sociologia e a ciência política podem acrescentar ao discurso dos economistas.

Hania Zlotnik, em 2003, publicou, na França, uma resenha exemplar sobre teorias das migrações, entendendo-as como esquemas teóricos para explicar a natureza, a origem e o desenvolvimento de tipos particulares de migração<sup>54</sup>. A autora organiza as teorias historicamente mais importantes em teorias da abordagem econômica e teorias originadas por abordagens a partir de outras disciplinas, elencando-as. A apresentação a seguir sobre as teorias econômicas seguirá o roteiro apresentado por Zlotnik.

Voltando ao contexto anglo-americano, outro volume com o foco nas teorias das migrações que tem registrado sucesso tornan-

---

53. Outro texto interessante de análise interdisciplinar para o conhecimento da mobilidade humana é o artigo de Ewa Morawska no volume especial sobre transnacionalismo da *International Migration Review*: Morawska, E. "Disciplinary agendas and analytic strategies of research on immigration and transnationalism: challenges of interdisciplinary knowledge" in *International Migration Review*, v. 37, n. 3, 2003, p. 611-640.

54. Zlotnik. "Théories sur les, p. 55.



do-se uma referência em nível internacional foi a coletânea multidisciplinar, cuja última edição foi publicada em 2008, por uma antropóloga e um economista político. Sem pretensão de apresentar sínteses, os autores se propõem a expor experiências de esforços exitosos em relação às principais teorias utilizadas no estudo da mobilidade humana. Tomam a palavra, além dos autores, representantes das seguintes disciplinas: economia, história, sociologia, geografia, direito e demografia. Cada artigo é um panorama sobre a história da teoria das migrações da respectiva disciplina.

Em 2007, Portes e De Wind curaram a edição dos atos de uma Conferência Internacional realizada em 2003: “Conceptual and methodological developments in the study of international migration”. O volume recolhe artigos sobre os principais temas que alimentam o debate sobre imigração nos Estados Unidos como, por exemplo, a segunda geração, o empreendedorismo, a religião, a incorporação na realidade local. O artigo de introdução, elaborado pelos curadores, apresenta um panorama sobre teorias das migrações. Eles consideram que as principais teorias utilizadas nas últimas décadas foram funcionais para a busca de respostas às três grandes interrogações que as migrações internacionais apresentam ainda hoje<sup>55</sup>: o que motiva um povo a migrar para o exterior, apesar dos custos psicológicos e financeiros da migração? Como se transformam ao chegar em terra estrangeira? Qual o impacto que a imigração produz na sociedade de chegada (no caso, na *American life* e em suas instituições econômicas, socioculturais e políticas)? Portes e De Wind oferecem, no artigo citado, elementos de reflexão sobre migração irregular, tema que, apesar da atualidade, está, de modo geral, paradoxalmente ausente na maioria dos textos de estudo teórico da mobilidade humana. No mesmo volume, merece um destaque o artigo de Castles, que desenvolve um discurso teórico sobre políticas migratórias a partir da categoria de processo migratório como cate-

---

55. Portes; de Wind. *Rethinking migration*, p. 4.

goria compreensiva ou, ao menos, convergente para as múltiplas variáveis que configuram o fato migratório.

Ainda sobre o contexto norte-americano, que é onde as teorias das migrações mais se têm desenvolvido e as publicações abundam, Ewa Morawska publicou um volume monográfico de sociologia das migrações no qual declara situar-se teoricamente no estruturalismo como modelo de referência<sup>56</sup>. A autora propõe uma nova abordagem teórica do tema. Este será apresentado no ponto 1.2.4, abaixo.

Na Itália<sup>57</sup>, além dos estudos de história da emigração italiana que há décadas produz muitas publicações, é a sociologia que mais trabalha a temática. Recentes volumes de sociologia das migrações apresentam resenhas sobre as teorias tradicionalmente utilizadas, apresentando uma atenção privilegiada à nova situação multicultural e multiétnica que marca o contexto italiano nas últimas décadas, em consequência do aumento de imigrantes no território nacional.

O tema da diversidade étnica e cultural foi estudado, sobretudo, pelos profissionais da educação, que produziram ampla bibliografia sobre educação intercultural, segunda geração e temas afins. Assim como em todos os países de forte imigração, também na Itália se multiplicaram, nas últimas décadas, as publicações sobre aspectos e temas pontuais que surgiram no debate nacional ou no contexto acadêmico, em consequência dos fluxos particulares de imigração. Outros apresentam leituras transversais dos conflitos e dos processos que a mobilidade humana traz à tona, pois, com suas dinâmicas, esta os fortalece ou desvela, uma

56. Morawska. *A sociology of immigration*, p. 2-3.

57. Cf. por exemplo Ambrosini. *Sociologia delle*; e Zanfrini. *Sociologia delle migrazioni*. Uma coletânea de textos que propõem elementos de análise teórica das migrações internacionais, em perspectiva transnacional, considerando temáticas novas emergentes e colocando em relação à interdependência entre migração e as dinâmicas em curso nos países de origem foi publicada por Ambrosini; Berti. *Persone e migrazioni. Integrazione locale e sentieri di co-sviluppo*.

vez que já existiam no contexto local. Um exercício exemplar sobre temas como a violência, a discriminação e a exclusão social, é oferecido por Dal Lago<sup>58</sup>.

O estudo das migrações tem, no idioma espanhol, ampla produção bibliográfica especialmente na Espanha, na Argentina e, sobretudo, no México, onde muitas pesquisas empíricas foram realizadas *in loco* ou nos Estados Unidos e muitos volumes clássicos foram publicados ou republicados. Duas referências sobre o estudo da mobilidade humana em espanhol merecem destaque. Por um lado, a atenção à metodologia no estudo das migrações<sup>59</sup>, com espaços de debate entre profissionais, inclusive com interação interdisciplinar, especialmente no México<sup>60</sup>. Por outro lado, a importância do estudo longitudinal para entender a complexidade, as dinâmicas, as variáveis e a profundidade dos processos que a mobilidade humana representa e produz nas sociedades implicadas. Um exemplo especialmente interessante é o MMP – “Proyecto sobre Migración Mexicana”<sup>61</sup>, que se realiza desde 1982, por um grupo interdisciplinar de pesquisadores, coordena-

58. Cf. Por exemplo: Dal Lago. *Lo straniero e il nemico. Materiali per l'etnografia contemporanea*; Idem *Giovani, stranieri e criminali*; Idem *Non-persone. L'esclusione dei migranti in una società globale*.

59. Cf. Por exemplo: Aragonés, et al. Nuevos migrantes en la globalización y determinantes teóricos. Congreso Internacional Migraciones Globales. Mazatlán, Sinaloa. Disponível em <http://interpol.uasnet.mx/migracionesglobales/>; García Borrego. Acerca de la teoría y la práctica de la investigación sobre inmigración en España. *Empiria: revista de metodología de ciencias sociales*, n. 4, p. 145-164; Sanchez. *Encuentros disciplinarios y debates metodológicos: la práctica de la investigación sobre migraciones y moviidades* Santamaria. *Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales*; Pedone Cadenas y redes migratorias: propuesta metodológica para el análisis diacrónico-temporal de los procesos migratorios. *Empiria – Revista de metodología de ciencias sociales*, n. 19, p. 101-132; Sinatti. Migraciones, Transnacionalismo y locus de investigación: multi-localidad y la transición de “sitios” a “campos”. *Nuevos retos del*, p. 91-112.

60. Cf. Por exemplo os Seminários Permanentes do Colef: <http://www.colef.mx/migracioninternacional>.

61. Cf. Histórico, metodologia e resultados no site do Projeto: <http://mmp.opr.princeton.edu/>

do pelo antropólogo Durand do Centro de Estudios sobre Movimientos Sociales de la Universidad de Guadalajara e o sociólogo Massey, do Departamento de Pesquisas Populacionais da Universidade de Princeton. Desde o início, o “MMP se concentrou na tarefa de recolher informações sociais, econômicas e demográficas sobre o processo migratório entre o México e os Estados Unidos”, cujos resultados estão no site do Projeto e estão abertos para consulta pública gratuita. O Projeto desenvolveu, no decorrer de quase 30 anos de trabalho, uma metodologia própria<sup>62</sup>.

Brettell e Hollifield notam<sup>63</sup>, na introdução do volume de diálogo interdisciplinar sobre teorias das migrações, que o conhecimento das mesmas muda profundamente se a abordagem é qualitativa ou quantitativa, se os dados sobre os quais se trabalha são de fonte direta ou indireta, se são gerais (como os sensores) ou específicos (como dados obtidos diretamente dos migrantes), se a pesquisa é pontual ou longitudinal, entre outras variáveis. Assim sendo, os paradigmas possíveis dentro dos quais se podem entender fluxos ou processos circunscritos de mobilidade humana podem caracterizar-se por parâmetros muito diferentes, e não por isto, contradizerem-se. Podem completar-se e complementarem-se.

Não era objetivo deste *excursus* apresentar um elenco exaustivo das publicações sobre teorias das migrações, mas somente indicar a diversidade e algumas das tipologias mais importantes dos trabalhos disponíveis. Segue uma breve apresentação das principais abordagens.

#### 4. As abordagens econômicas

Desde Ravenstein, para o qual “a chamada para o trabalho em nossos centros industriais e no comércio é a primeira causa daquelas correntes migratórias”<sup>64</sup>, as causas econômicas são as mais

62. <<http://mmp.opr.princeton.edu/research/design-es.aspx>>.

63. Cf. Introdução de Brettell; Hollifield. *Migration Theory*, p. 12-13.

64. Ravenstein. *The laws of*, p. 198.

utilizadas para explicar as migrações. Também chamados *labour migration* ou *migrations de travail*, os fluxos migratórios que não têm como principal causa desencadeadora motivos de força maior como guerras ou desastres naturais, têm sido consideradas tradicionalmente “migrações econômicas”<sup>65</sup>. Em senso estrito, tais migrações seriam aquelas compostas de sujeitos economicamente ativos, daí a conjugação automática que por décadas levou o imaginário coletivo a considerar o perfil de migrante como homem, jovem e só. Com o tempo, ficou evidente que mesmo os fluxos de pessoas em deslocamentos internacionais motivados por razões de trabalho e de renda, além de homens, nem todos são jovens, contavam com mulheres e com inteiras famílias. Ficou conhecida mundialmente a frase do sociólogo suíço Max Frisch: “Nós queríamos trabalhadores, recebemos pessoas”<sup>66</sup>. A famosa frase foi reinterpretada como “fomos buscar braços e nos chegaram homens. E mulheres”<sup>67</sup>.

Segundo Hania Zlotnik<sup>68</sup>, são cinco as principais teorias econômicas que tradicionalmente foram utilizadas para estudar a mobilidade humana. A autora afirma que as primeiras teorias elaboradas para explicar as migrações para trabalho se inspiram no pensamento de Adam Smith e outros economistas de sua época, “sugerindo que a migração de trabalhadores seria causada pela lacuna entre a oferta e a demanda de trabalho prevalecente em diferentes lugares”. Adam Smith defendia o:

(...) desmantelamento das barreiras à livre circulação do trabalho para permitir a manifestação da tendência natural dos trabalhadores de mover-se das áreas de baixos

65. Mesmo a mobilidade humana para estudo, para realização de sonhos pessoais, para reunião familiar, entre outras, têm um aspecto econômico relevante, considerado pelos governos e também por muitos estudiosos.

66. Keeley. *International migration. The human face of globalization*, p. 27.

67. Cf. Ducoli. Croci e incroci migratori e culturali. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 26-27, p. 55-75.

68. Cf. Zlotnik, H. “Théories sur les.

salários para áreas de salários altos, para favorecer, através de tal movimento, não somente o progresso econômico nos lugares de partida e de chegada, mas também para melhorar o bem-estar dos mesmos migrantes<sup>69</sup>.

#### 4.1 A teoria neoclássica

Nas décadas de 1960 e 1970, economistas adaptaram a teoria clássica de Adam Smith<sup>70</sup>, desenvolvendo a teoria neoclássica da migração, que tem uma versão macroeconômica e uma microeconômica. Esta tem o foco nos indivíduos que agiriam no mercado de trabalho como atores racionais que decidem pela migração com base em cálculos claros e exatos de custo-benefício.

Em sua versão microestrutural, esta teoria considera que os indivíduos decidem racionalmente pela migração, porque o cálculo do custo-benefício os leva a esperar um retorno final positivo, geralmente monetário, do movimento migratório. Deste modo, a teoria ofereceu espaço ao conceito de migração internacional como sendo um modo de acreditar / de investir em capital humano. Tal visão, na verdade, foi estudada por pesquisas sucessivas que mostraram ser uma perspectiva muito discutível. De fato, muitas pessoas, com a migração, vêm seu capital humano sacrificado, por não reconhecimento ou falta de possibilidade real de acesso ao mercado de trabalho segmentado das economias capitalistas. Por sua vez, as possibilidades de valorização do capital humano se reduzem, normalmente, a experiências trabalhistas em setores do mercado de trabalho inferiores ao perfil que tais profissionais ocupavam antes da migração<sup>71</sup>.

69. Idem, p. 56. A apresentação das teorias econômicas das migrações segue em grandes linhas este artigo. Outras fontes utilizadas são claramente citadas no rodapé. As teorias econômicas, geralmente, são apresentadas com nuances e aspectos diferenciados pelos diferentes autores. Para o presente estudo, é suficiente uma introdução geral, como segue.

70. Economista e filósofo escocês, viveu entre 1723-1790.

71. Ellie Vasta lembra que “a pesquisa marxista e feminista muitas vezes desafiou a abordagem baseada na teoria do capital humano que tende a concentrar-se nas

Em sua versão macroestrutural, a teoria postula que os países onde a relação trabalho-capital é elevada, tendem ao equilíbrio adotando baixos salários, enquanto que os países onde esta relação é reduzida, tendem a ter salários mais altos. A diferença de salário que resulta destes diferentes processos, motiva os trabalhadores dos países onde vigem menores salários a migrar para aqueles onde os salários são melhores. Tais movimentos migratórios deveriam produzir um equilíbrio, cujo preço seria o custo pago pela migração. Os fluxos migratórios tenderiam a cessar, uma vez que fosse alcançado o equilíbrio nos salários entre o local de origem e o local de destino dos mesmos.

Em ambos os casos, teoria micro ou macroeconômica, o preço é pago pelos migrantes, que investem na migração (viagem, estabelecimento, procura de emprego, adaptação) e dependem, além das características individuais para obter sucesso no investimento (capital humano), de outros elementos macroestruturais que não podem controlar. Entre estes estão as diferenças nos níveis de emprego entre o país de origem e o de destino, a efetiva diferença de salário quando é o momento real para um dado migrante entrar no mercado de trabalho, sem contar os problemas familiares, legislativos e pessoais que a migração pode produzir ou simplesmente revelar, assim como as condições político-econômicas do país de destino.

Castles e Miller questionam os fundamentos da teoria neoclássica, especialmente por ser incapaz de explicar os atuais movimentos populacionais, pois:

(...) parece absurdo tratar os migrantes como atores individuais no mercado, que teriam informação completa sobre suas opções e liberdade para fazer escolhas racionais. Pelo contrário, os migrantes têm informações limitadas e muitas vezes contraditórias e são sujeitos a

---

características individuais e ignora as desvantagens estruturais vividas por migrantes e seus filhos”. Cf. Vasta; Vuddamalay. *International migration and*, p. 16.

uma série de restrições (especialmente falta de poder perante empregadores e governos)<sup>72</sup>.

Os mesmos autores apontam a ligação desta teoria com as teorias clássicas de inspiração demográfica, em parte ainda hoje adotadas por sociólogos, demógrafos e geógrafos. Eles consideram a teoria neoclássica o exemplo das teorias gerais que adotam abordagens que enfatizam tendências de alguns fluxos numericamente intensos ou põem as migrações em relação com as flutuações do mercado. Tais abordagens são conhecidas como *push-pull theories* porque entendem que as causas das migrações se baseiam em uma combinação de *push-factors*, que expulsam ou ao menos de certa forma “empurram” o povo a deixar sua terra de origem e *pull-factors*, que os atraem para certos destinos:

“*Push factors*” incluem crescimento demográfico, baixas condições de vida, falta de oportunidades econômicas e repressão política, enquanto que os “*pull factors*” incluem demanda de trabalho, disponibilidade de terra, boas oportunidades econômicas e liberdade política<sup>73</sup>.

A *Push-pull Theory* se explica pelo contexto paradigmático que a tornou conhecida: o estudo da grande migração transatlântica da era industrial. As novas formas de migração que não existiam na era industrial, não podem ser explicadas por teorias gerais que nasceram para explicar outra realidade, ou ao menos, são insuficientes e muito parciais.

---

72. Castles.; Miller. *The age of*, p. 23.

73. Idem, p. 22. Segundo Monica Boyd, as teorias *push-pull factors* assumiam implicitamente a imobilidade de fato, uma vez que não saiam da relação entre local de origem e de destino, sem possibilidade de tratar mudanças em tais fluxos, além do principal limite que é a ênfase no movimento de população como se fosse um movimento racionalmente calculado e decidido com conhecimento de causa pelos indivíduos. Cf. Boyd. Family and personal networks in migration. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 640.



Além do fator econômico, a pressão demográfica já foi considerada determinante para explicar a migração internacional, com a *Push-pull Theory*. Segundo Massey, no volume citado, esta é uma ideia que deve ser categoricamente rejeitada, pois diferenças demográficas por si mesmas são irrelevantes na decisão de migrar, pela simples razão que os países de maior densidade demográfica, maior fertilidade e maior aumento populacional não por isto enviam seus cidadãos pelo mundo. E os fatores de atração, como é o caso da baixa fertilidade nos países de destino dos fluxos, podem contar na determinação dos mesmos, mas não devem ser considerados como demasiado determinantes, pois, sozinhos, estes fatores não influenciam as tendências dos fluxos migratórios internacionais.

Os limites desta teoria são amplamente conhecidos, a saber:

sua incapacidade a levar em conta o contexto político e econômico internacional, assim como os efeitos econômicos em nível nacional e as decisões políticas que influenciam as decisões individuais de migrar ou não migrar<sup>74</sup>.

Segundo Massey, o “edifício conceitual neoclássico” é inadequado para explicar a complexidade da realidade atual da mobilidade humana, especialmente porque “as disparidades econômicas sozinhas não são suficientes para explicar movimentos internacionais de população”<sup>75</sup>. As diferentes condições no mercado de trabalho e na economia podem ajudar a explicar a migração, mas além de não serem suficientes, podem não ser os fatores mais importantes para motivar uma decisão de migrar. E, diferentemente do que as teorias pregaram por muito tempo, o desenvolvimento local pode não significar o fim da emigração internacional.

---

74. Zlotnik. *Théories sur les*, p. 57.

75. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 8.

Apesar do crescimento econômico em países pobres reduzir, no decorrer do tempo, o incentivo a emigrar por causa do aumento no padrão de vida e da diminuição do abismo econômico com os países que potencialmente poderiam ser destino de migrantes, em um breve período, todavia, aumenta a pressão para a emigração, com consistentes deslocamentos populacionais<sup>76</sup>.

#### 4.2 A teoria da nova economia das migrações

Trata-se de uma nova versão da teoria microeconômica neoclássica, elaborada a partir do reconhecimento dos limites desta. Esta teoria põe o acento no nível microeconômico, porém considera que as pessoas agem coletivamente, em nível familiar, por exemplo, seja para maximizar os ganhos que para minimizar os custos e os riscos do fato migratório.

Segundo esta abordagem, as famílias tendem a minimizar os riscos incorridos para alcançar seu bem-estar econômico, diversificando as atribuições da força de trabalho familiar. Desse ponto de vista, enviar alguns membros da família para trabalhar em outro país, onde os salários e as condições de emprego são amplamente independentes das condições econômicas locais, é uma forma de assegurar-se contra os riscos da deterioração do nível de vida familiar<sup>77</sup>.

A teoria ajuda a explicar a relação entre migração internacional e desenvolvimento. Segundo esta teoria, o aumento da renda familiar e a diminuição / diversificação dos riscos são consideradas motivações para a emigração, pois permitem a construção de um discurso que assume que o desenvolvimento local não

---

76. Idem, p. 10.

77. Zlotnik. *Théories sur les*, p. 58.

necessariamente diminui o fluxo migratório e que a migração, mais que o equilíbrio socioeconômico dos países implicados, tem como foco a melhoria de vida dos sujeitos que migram.

A pertinência desta teoria foi amplamente confirmada, porém a consideração que seu contexto privilegiado é a migração de origem rural e sua aplicação concentrou-se em contexto de migração de longa duração, levou a que estudiosos que trabalham migrações temporárias e outras novas formas de mobilidade, mostraram a insuficiência do modelo teórico, apesar dos consensos obtidos em muitas realidades de migração internacional. Especialistas<sup>78</sup> insistem no fato de que esta teoria poderia ser muito mais eficaz, se levasse em consideração questões sociológicas, antropológicas e psicológicas, que incidem nas dinâmicas familiares, mesmo em modelos muito delimitados e contextuais, como propõe a teoria da nova economia das migrações.

A unidade de análise desta teoria, portanto, não é o indivíduo, mas o grupo social, a partir do qual se busca entender os processos de decisão de migração, considerando já não mais somente os motivos de pressão e atração do mercado de trabalho, mas também uma série de outros fatores, relativos à casa, à família e à comunidade:

Tais coletivos podem decidir que um ou mais membros devem migrar, não somente para ter maiores salários, mas também para diversificar as entradas e prover recursos para investimento em atividades já existentes, como na fazenda familiar, por exemplo<sup>79</sup>.

Enfim, pesquisadores na área de direito, ciências políticas e relações internacionais colocam em evidência que a soberania nacional e os debates sobre cidadania podem transformar totalmente a realidade que esta teoria pressupõe como base para o

78. Cf. Brettell; Hollifield. *Migration Theory*, p. 10-11.

79. Castles; Miller. *The age of*, p. 24.

processo decisório e, sobretudo, a evolução que tal mobilidade pode encontrar. Assim, a pertinência contextualizada da teoria não confirma a possibilidade de seu uso com êxito na maioria dos atuais contextos de migração internacional. De fato, o peso das leis e políticas dos estados-nação, especialmente o controle de fronteiras e, atualmente, a criminalização da migração, para citar somente dois exemplos, descaracterizam totalmente a descrição do fenômeno que a teoria da nova economia das migrações havia desenhado<sup>80</sup>.

#### 4.3 A teoria da migração familiar e da seletividade da migração

Segundo Zlotnik, esta é mais uma variável da teoria neoclássica, desenvolvida para incluir o fato da migração de inteiros núcleos familiares e não mais só de sujeitos economicamente ativos, dato este que é empiricamente reconhecível. Assim explica a autora:

Admitindo que uma família é composta de, pelo menos, dois adultos casados, com ou sem crianças, Jacob Mincer (1978) mostra que a migração pode suscitar entusiasmo ou resistência e que a diferença entre as estratégias ideais em nível individual e como casal depende do grau de coerência entre os benefícios esperados, respectivamente pelo marido e pela esposa<sup>81</sup>.

A teoria ajuda a explicar a seletividade que os processos migratórios apresentam sobre a população que potencialmente poderia emigrar em base à diferença de salário entre o lugar de origem e o de destino, em relação ao perfil profissional e de qualificação dos sujeitos. Emigra quem tem um perfil mais próximo

80. Este tipo de *input* crítico às teorias clássicas vem sendo registrado há décadas. Cf. Por exemplo, Zolberg. The next waves: migration theory for a changing world. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 405.

81. Zlotnik. Théories sur les, p. 60.

ao da oferta do mercado de trabalho. O mesmo critério vale para selecionar quem deve ficar, verificando as chances de valorizar o mercado de trabalho no local de origem.

Pelas razões já apresentadas, não são as teorias clássicas as que mais ajudam a explicar e interpretar a mobilidade humana atual, todavia o fato que o tema família tenha feito brecha no *corpus* teórico da abordagem econômica clássica das migrações é sugestivo. Emerge o reconhecimento da pertinência de estudar a migração familiar em relação e conjuntamente com o estudo dos fatores econômicos e macrossociais que determinam os processos referentes à migração, não só sua origem e configuração, mas igualmente as transformações e as razões, as modalidades e os processos de sua continuidade no tempo.

Pryor Robin J.<sup>82</sup>, trabalhando teorias das migrações em outro contexto, duas décadas antes do texto de Zlotnik, sugere a seletividade como um elemento importante na análise dos processos geradores de migração internacional. Considerando o migrante não somente um ator econômico, mas um sujeito com um papel social, cultural e político, no local de origem como no de imigração, Pryor adota a perspectiva sugerida por Zolberg que a “avaliação dos custos e dos benefícios da migração comporta a discussão sobre a relação entre dois conjuntos de elementos: o individual e o coletivo”<sup>83</sup>. Segundo Pryor, já Znaniecki e Thomas, estudando os poloneses nas primeiras décadas de 1900, souberam valorizar os comportamentos coletivos como elementos relevantes para explicar o fenômeno migratório. A proposta de Pryor, situada no modelo microeconômico, oferece estrutura teórica para analisar o processo de *migration decision-making* como um dos processos ilustrativos da participação de outros atores no projeto migratório individual. A convergência

---

82. Cf. Pryor. Integrating international and internal migration theories. *Global trends in*.

83. Cf. Zolberg. International migration in political perspectives. *Global trends in*, p. 25.

de muitos elementos num todo complexo aparece, mesmo sem ser teorizado, no início dos anos de 1980, como uma exigência fundamental no estudo das migrações.

#### *4.4 A teoria do duplo mercado de trabalho (ou mercado segmentado)*

A teoria do duplo mercado de trabalho desenvolve-se como um modelo macroeconômico. Este postula que a migração internacional é o resultado de uma necessidade permanente de trabalhadores estrangeiros, inerente à estrutura econômica dos países desenvolvidos. Trata-se de uma demanda estrutural, sustentada por uma série de fatores economicamente relevantes: salários, hierarquia profissional, desinteresse dos trabalhadores locais para certos trabalhos, organização dos diferentes setores de trabalho e sua relação com o capital, entre outros. A teoria enfatiza que na origem da migração estão os fatores estruturais das modernas economias capitalistas, as quais incluem contradições estruturais que afetam o mercado de trabalho onde vão se inserir os migrantes. Tais contradições são a forte demanda por trabalho não qualificado e possivelmente irregular, o trabalho informal e sem alguma segurança e garantia, a implícita aceitação de imigrantes irregulares onde a exploração trabalhista barateia os custos e a indústria da migração para o benefício de contrabandistas e traficantes de seres humanos. O mercado do trabalho segmentado faz parte das problemáticas, pois certos setores não permitem o acesso aos migrantes e outros ficam exclusivamente reservados aos mesmos.

A teoria do mercado de trabalho segmentado sustenta que a migração internacional é causada pela permanente demanda por trabalho imigrante, uma crônica necessidade de trabalhadores estrangeiros, que é inerente à estrutura econômica dos países desenvolvidos. As causas de expulsão dos países de origem seriam praticamente irrelevantes aos fins de explicar o fenômeno. A teoria é ainda bastante usada para explicar as dinâmicas do

mercado de trabalho segmentado onde se insere grande parte dos trabalhadores migrantes, sobretudo quantos não tem qualificação profissional ou são pouco qualificados:

O valor negativo que o povo atribui para empregos de baixos salários em países industrializados, por exemplo, pode abrir mais oportunidades de emprego para trabalhadores estrangeiros, aumentando assim os lucros por estes esperados, ampliando sua habilidade em superar riscos e restrições no crédito e permitindo às famílias de alcançar maior renda, com o envio de alguns membros ao exterior<sup>84</sup>.

Segundo Castles e Miller<sup>85</sup>, esta teoria representa uma tentativa de introduzir na pesquisa econômica em migrações o mais amplo raio possível de fatores. A teoria da “Dual (or segmented) Labour Market” mostra a influência de fatores como raça, gênero e instituições na segmentação do mercado de trabalho.

Os trabalhadores no mercado de trabalho primário são positivamente selecionados com base em capital humano, porém muitas vezes, também em relação à pertença ao grupo étnico majoritário, ao gênero masculino e, no caso de migrantes, em base ao *status* de sua condição de regular ou irregular<sup>86</sup>.

A divisão do trabalho com base em critérios de raça, etnia e gênero leva, não somente ao dualismo entre *high e low payed jobs*, mas também a segmentações mais complexas do mercado de trabalho. Entre estas estão os enclaves econômicos e étnicos do empreendedorismo. A teoria do mercado de trabalho segmentado ajuda a explicar a importância do papel dos empregadores e dos governos para explicar as migrações internacionais

84. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 33.

85. Castles; Miller. *The age of*, p. 23-25.

86. Idem, p. 22.

e a persistência da migração mesmo quando uma melhor renda já não é mais motivação para a emigração.

O principal limite desta teoria se refere às explicações que oferece sobre a motivação da mobilidade humana. Os estudos analíticos demonstram, sempre mais, que uma única razão não explica um fenômeno migratório, e, na combinação de motivos diversos, os fatores de expulsão do lugar de origem veem registrando maior peso que os motivos de atração nos países de destino. Assim se expressa Zlotnik sobre o assunto:

as análises estatísticas dos determinantes dos fluxos migratórios que levam em conta as variáveis relativas – seja dos países de origem seja dos de chegada – revelam que as características dos países de origem parecem ter maior poder explicativo<sup>87</sup>

do fato migratório.

As diferenças e os limites das abordagens econômicas clássicas da mobilidade humana, considerando inclusive suas implicações políticas, apontam para uma necessidade crucial: as migrações não podem ser entendidas simplesmente através de análises econômicas. Urgem pesquisas bem mais amplas, para trabalhar com conceitos que considerem a migração como um processo complexo, que inclui, ao mesmo tempo, fatores econômicos, sociais, culturais, psicológicos, políticos e até mesmo ambientais. Algumas propostas teóricas, que Zlotnik, diferentemente de outros autores, categoriza como sendo de abordagem econômica, tentam ampliar tal perspectiva. Uma das principais propostas elaboradas neste movimento de reação e ampliação das abordagens econômicas, fortemente defendida e promovida nos anos de 1980, é a *World Systems Theory*.

---

87. Zlotnik. *Théories sur les*, p. 61.



#### 4.5 A *World Systems Theory*

Segundo Zlotinik, esta teoria explicativa da migração internacional vincula-se às ideias de Marx sobre o funcionamento do capitalismo internacional. Esta abordagem postula que as origens da migração podem ser encontradas nos desequilíbrios institucionais ou setoriais introduzidos no sistema capitalista mundial pelas intervenções dos Estados. O trabalho é entendido como sendo dividido em três áreas geograficamente distintas: o centro, a periferia próxima e a periferia propriamente dita. A natureza da interdependência política e econômica entre as três áreas, assim como a direção e a natureza dos fluxos de bens e capitais, estruturam a composição dos movimentos de trabalhadores entre as diferentes áreas. Desta maneira, segundo esta teoria, a migração é mais provável entre as potências coloniais e suas ex-colônias e os fluxos de mão-de-obra migrante tendem a se concentrar nas grandes cidades das potências coloniais, considerando a grande demanda de serviços não qualificados que tais cidades registram, por causa da concentração, nestas mesmas (poucas) cidades, dos grandes serviços profissionais e das grandes infraestruturas *high-tech*.

A *World Systems Theory* sublinha o fato de que tomar o Estado (os governos também) como unidade de análise dos fenômenos ligados à mobilidade humana é imprescindível. E, entre as teorias econômicas, ela é a que oferece maior possibilidade de integração de elementos da complexidade migratória no esquema teórico que tenta explicá-la.

Nos anos de 1980, a *World Systems Theory* emergiu como uma grande alternativa, seja às abordagens macroeconômicas em geral, seja às abordagens microeconômicas que isolavam os indivíduos dos macrossistemas e das estruturas que os condicionavam e até determinavam, sem que as teorias pudessem explicar tais processos. A nova teoria se afirmou como uma proposta que inclui a dimensão estrutural e suas dinâmicas, ao mesmo tempo

em que assume, em parte, a dimensão cultural e suas dinâmicas<sup>88</sup>. A abordagem desta teoria é multidimensional, fundada na teoria dos sistemas sociais, cujo maior sucesso foi ter proposto, pela primeira vez, uma abordagem global do fato migratório, contemplando dados, atores e processos, ao mesmo tempo, e colocando a compreensão da mobilidade humana no conjunto mais amplo dos temas e dos processos que são estudados e tratados pelas ciências sociais. Esta teoria permitiu a Pryor afirmar que a migração é um “sistema circular, interdependente, progressivamente complexo e que se automodifica”<sup>89</sup>. Segundo Massey, graças a esta teoria, foi possível explicar a migração internacional, não como o produto de indivíduos ou famílias, mas como consequência da expansão dos mercados na hierarquia política global. A *World Systems Theory* explica que a penetração de relações econômico-capitalistas dentro de sociedades não-capitalistas produz a mobilidade da população”<sup>90</sup>.

Esta teoria recolhe elementos de diversas teorias sociais que nos anos de 1970 e 1980 tentaram explicar as desigualdades sociais e econômicas vigentes em nível internacional, atualmente consideradas precursoras das teorias forjadas pela globalização. A teoria da dependência, de linha marxista, também contribuiu para entender as migrações internacionais no conjunto dos movimentos pelos quais regiões periféricas menos desenvolvidas se incorporam ou são incorporadas na economia global controlada pelas nações centrais do capitalismo. Estudiosos da *World Systems Theory*, a partir dos anos de 1970, analisaram as migrações internacionais para trabalho como um dos modos pelos quais atuavam as relações de dominação entre as economias centrais do capitalismo e as periferias subdesenvolvidas. Segundo Castles e Miller “a migração fortalece os efeitos da hegemonia militar e do controle do comércio mundial e dos investimentos na manuten-

88. Hans; Hoffmann. A sociological approach. *Global trends in*.

89. Pryor. Integrating international and, p. 122.

90. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 34-36.

ção da dependência do Terceiro Mundo respeito ao Primeiro”<sup>91</sup>. A conclusão de Castles e Miller é sugestiva:

(...) as perspectivas neoclássica e histórico-estrutural parecem demasiadamente unilaterais para analisar adequadamente a grande complexidade das migrações contemporâneas. A abordagem neoclássica negligencia as causas históricas dos movimentos e minimiza o papel do Estado, enquanto que a abordagem histórico-funcional enfatiza as estruturas econômicas e sociais, e muitas vezes interpretou os interesses do capital como totalmente determinantes, sem dar adequada atenção ao fator humano (as motivações e ações dos indivíduos e dos grupos envolvidos)<sup>92</sup>.

Segundo Brettel e Hollifield, a *World Systems Theory* é a manifestação de uma macro abordagem que tentou superar os conflitos entre aqueles que abordavam o tema a partir de um nível macro, examinando as condições estruturais (legais, políticas e econômicas) que formam os fluxos migratórios e aqueles que se engajavam na pesquisa em nível micro. Na abordagem micro, os estudiosos analisam como as forças determinam as decisões e ações dos indivíduos e das famílias ou como afetam e transformam as comunidades. Mesmo assim, esta como qualquer outra teoria, não obteve consenso generalizado na comunidade acadêmica. “Os cientistas políticos tendem a ser críticos sobre a *World Systems Theory*”<sup>93</sup> pelo tipo de argumentação com o foco na globalização, que, muitas vezes, é elaborada a partir desta teoria.

Estudiosos e estudiosas da mobilidade humana, sobretudo na Europa, produziram na última década ampla bibliografia, mais analítica que teórica, tentando explicar os processos sociopolíticos que o fenômeno suscitou naquele contexto. Questiona-se,

91. Castles; Miller. *The age of*, p. 26-27.

92. Idem, p. 27.

93. Brettell; Hollifield. *Migration Theory*, p. 9.

neste quadro, a posição epistemológica dos estudos acadêmicos. Os especialistas são simbolicamente convocados a estudar o fenômeno migratório, ao mesmo tempo, seja pelos sujeitos migrantes, seja pelos governos que, sempre mais, buscam fechar as portas às migrações. Os estudiosos são, de certo modo, chamados pelos sujeitos que migram e pelos seus defensores a aprofundar razões, modalidades e oportunidades que a mobilidade humana proporciona aos países que a vivem. Por outro lado, são desafiados pelos governos a sustentar ou ao menos a posicionar-se respeito às políticas migratórias dos governos, que podem sustentar posições opostas às dos migrantes. Os Estados, a partir de uma clara leitura dos mesmos dados e da mesma realidade que a academia dispõe (ou propõe), podem desenvolver estratégias voltadas ao fechamento das fronteiras, à criminalização da imigração irregular, à securitização das políticas migratórias e à adoção até mesmo de políticas discriminatórias e xenófobas em tema de mobilidade humana e cidadania.

## 5. Outras abordagens clássicas das principais disciplinas afins

A distinção-separação entre disciplinas para o estudo das teorias das migrações é simplesmente um modo de organizar a matéria, pois sua viabilidade na prática é menos evidente, apesar da pesquisa e da produção científica serem muito divididas entre as diferentes áreas do saber. Grande parte dos economistas e dos sociólogos investigam a mobilidade humana com o foco nas causas que as motivam. Todavia, em geral, as ciências sociais atualmente, mais do que questionar o porquê das migrações, colocam a ênfase nos processos humanos e socioculturais que os sujeitos (indivíduos e populações) em mobilidade vivem. Tais processos referem-se ao desenvolvimento do projeto migratório, desde sua origem até o momento em que a pessoa, sentindo-se parte da nova realidade, já não se considera mais migrante. Tais estudos referem-se, especialmente, aos percursos de incorporação dos

migrantes nas novas realidades, nas quais a migração introduz os sujeitos e a evolução que as vivências dentro do novo contexto podem provocar, mesmo em longo prazo.

A imensa quantidade de publicações revela também uma ampla variedade de perspectivas, metodologias e epistemologias no estudo da mobilidade humana. Não é objetivo deste texto uma apresentação exaustiva, mas somente uma visão panorâmica de algumas leituras que ajudam a entender e situar o objeto em estudo. As teorias e os autores apresentados exemplificam os procedimentos teóricos internacionalmente adotados e reconhecidos.

Se os níveis para a análise são ao menos três – micro, meso e macro – as unidades de análise no âmbito da mobilidade humana podem ser infinitas: a pessoa, sua consciência ou memória ou saúde ou seus projetos, a família, as mais variadas formas de agregação, os comportamentos, os processos, o trabalho, o lazer, a religião, os estados, as leis, entre outras. Antes e independentemente da disciplina que estuda o fenômeno, vale sublinhar que o rigor metodológico seguido, a qualidade e a quantidade dos dados utilizados, a “mentalidade disciplinar”, o risco de etnocentrismo<sup>94</sup> e o uso do poder simbólico dos sujeitos que elaboram e divulgam informações e teorias interferem na construção do saber sobre a mobilidade humana. Assim, toda elaboração teórica, mesmo a mais abstrata, adota linguagem, categorias, epistemologia e visão que são contextualizadas no espaço-tempo que as geraram e que caracterizam os profissionais que as sistematizaram, o que torna toda teoria, e entre estas, as teorias das migrações, parciais, datadas e contextualizadas. Nem por isto toda contribuição é menos válida para os fins funcionais e sociais da

---

94. Segundo Ellie Vasta, “os cientistas sociais são fortemente influenciados pelas experiências da história e da tradição da própria nação, inclusive pelo processo de colonização, por precedentes experiências migratórias e por suas concepções de raça, etnicidade e cultura. Os cientistas sociais são influenciados também pelas modas da disciplina em voga no momento em que pesquisam e escrevem”. Cf. Vasta; Vuddamalay. *International migration and*, p. 15.

produção científica. Portanto, as teorias são ferramentas indispensáveis, apesar de limitadas para a explicação, o entendimento e a interpretação do fenômeno e de seus atores. A consciência humilde e dialogada sobre estas interferências ajuda a neutralizar seus efeitos nefastos, mas nunca garante sua efetiva superação. Portanto, todo estudo não é mais do que uma contribuição ao conjunto do saber sobre o tema.

Delimitada a meta, assume-se, neste trabalho, algumas aquisições de estudos interdisciplinares sobre migrações, que ajudam a situar a reflexão sobre a complexidade da mobilidade humana em alguns eixos que orientam seu conhecimento.

A partir das teorias clássicas, uma ampla gama de estudos tomaram corpo, impulsionados por encontros entre abordagens teóricas diferentes e estimulados por outras teorias sociais e econômicas ou simplesmente forjados pelos contextos locais onde as realidades da mobilidade humana se impuseram aos pesquisadores. As características e os processos próprios de um determinado contexto migratório influenciam os estudos sobre o mesmo.

A organização das abordagens apresentada a seguir é uma proposta para expor parte da riqueza de estudos sobre a mobilidade humana, que não as separam nem contrapõem entre si: abordagens de perspectiva, de processualidade e por mosaico.

### *5.1 Abordagens de perspectiva: top-down e bottom-up*

Favell<sup>95</sup> afirma que estudar as migrações, cruzando abordagens qualitativas e quantitativas, é um imperativo fundamental atualmente, pois esta seria a prova da interdisciplinaridade. Faz-se necessário

---

95. Favell. Rebooting migration theory. Interdisciplinarity, globality, and postdisciplinarity in migration studies. *Migration Theory*, p. 259-278.

de alguma maneira casar fontes de dados quantitativos e basilares análises econômicas e demográficas da migração com a etnografia e a história oral sobre o sentido, a vida e as experiências dos migrantes<sup>96</sup>.

Os procedimentos e as ferramentas teóricas das ciências políticas, da demografia e da economia, por exemplo, (*top-down*) que estudam o *background* estrutural que explica as migrações se completam com os procedimentos, os conceitos e as análises da antropologia, da psicologia e de todas as disciplinas que estudam a mobilidade humana com o foco nos sujeitos que vivem tais processos (*bottom-up*).

Mesmo quando são elaboradas em contextos e com metodologias diferentes, as diversas abordagens *top-down* ou de abordagem macroestrutural no estudos das migrações podem produzir conhecimentos sobre a mobilidade humana, particularmente valiosos, por serem enriquecidos pelo diálogo entre as disciplinas, o que pode garantir abrangência, qualidade e profundidade aos resultados. Alguns escritos denunciam como parciais, ineficientes e limitados os estudos que não apresentam tais características.

A perspectiva *bottom-up* é sempre mais valorizada e difundida, pois a função social e a qualidade de uma produção científica não dependem, *a priori*, só do tipo de procedimentos adotados para sua realização, nem de uma avaliação de valor generalizada sobre as disciplinas, suas ferramentas e metodologias. A crítica alimenta a expectativa de que conhecimentos analíticos que implicam os sujeitos que integram os temas ou processos estudados, realizados com rigor e avaliados qualitativamente pelos *peers*, contribuam na elaboração de referenciais teóricos que permitam o desenvolvimento do diálogo interdisciplinar e interinstitucional que os desafios sociais e políticos da mobilidade humana fazem almejar.

---

96. Brettell; Hollifield. *Migration Theory*, p. 260.

A abordagem *bottom-up*, também chamada “a partir de baixo”, é desenvolvida em estudos microestruturais que buscam valorizar a perspectiva dos sujeitos na compreensão e análise do fenômeno migratório. A antropologia é uma das disciplinas que mais se desenvolveu no estudo que envolve diretamente os sujeitos dos fluxos migratórios; entretanto outras disciplinas usando história oral, estudo de caso e fontes diretas, tem garantido a atenção e a escuta dos migrantes no estudo da mobilidade humana, especialmente a psicologia, a história e a pedagogia. Segundo Favell<sup>97</sup>, as metodologias *bottom-up* tem a capacidade de revelar aspectos e tendências que vão além do paradigma tradicional, influenciado pelo nacionalismo metodológico e, portanto, focalizado na perspectiva dos estados-nação. Esta é também a escolha metodológica e epistemológica deste estudo. Como claramente afirma Croci, “o nó central não é tanto aquele das fontes sobre as quais focar a pesquisa, quanto aquele dos pontos de perspectiva a partir dos quais se faz a abordagem”<sup>98</sup>. O primeiro e mais famoso estudo *bottom-up* é o monumental trabalho publicado entre 1918 e 1920 sobre os camponeses poloneses, mas a abordagem e a reflexão a partir dos sujeitos protagonistas dos fluxos permeiam muitos estudos recentes também, inclusive muitos dos trabalhos sobre transnacionalismo e migrações<sup>99</sup>. Vertovec, para explicar a pertinência e os critérios de procedimento rigorosos para o estudo teórico da mobilidade humana, citando Brettel, afirma que a abordagem antropológica das migrações:

---

97. Favell. Integration nations: The Nation-State and research on immigrants in Western Europe.. *International Migration Research*, p. 52 e 60.

98. Croci. Studiare le migrazioni dal basso? Appunti per un dibattito tra Italia e Brasile. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 33, p. 243.

99. Thomas William.; Znaniecki. *The Polish Peasant*. Cf. também Guarnizo; Smith. The Locations of Transnationalism. *Transnationalism from below*. Vol. 6, p. 3-34; Poot; Waldorf; Van Wissen. *Migration and Human Capital*; Vangelista. *Le braccia per la fazenda. Immigrati e caipiras nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930)*; Zamudio Grave. *Rancheros en Chica-go: vida y conciencia en una historia de migrantes*.



deveria sublinhar ambos aspectos: a estrutura e o elemento humano; deveria olhar para questões do contexto macro-social, para estratégias de nível micro e processos de decisão, e, ao mesmo tempo, estruturas de relações a nível mesoestrutural dentro das quais os indivíduos agem. Trata-se de articular ambos: indivíduos e processos<sup>100</sup>.

Os processos são entendidos na perspectiva dos indivíduos e não somente os indivíduos entendidos dentro dos processos.

Evidentemente, as duas abordagens não se contrapõem, se complementam e se influenciam reciprocamente, pois é o fenómeno migratório que é intrinsecamente dinâmico, como sugere, de modo particularmente claro, Massey:

assim como os países de destino ajustam suas políticas em resposta às condições que mudam, os migrantes ajustam suas estratégias e adaptam seus esquemas para penetrar [e superar] as leis e as regras<sup>101</sup>

que os estados impõem.

## 5.2 Abordagens de processualidade

As abordagens por processualidade assumem que a mobilidade humana é um projeto, constantemente reelaborado, que progride por processos internos e coletivos, pessoais ou sociais, locais e até nacionais ou internacionais, mas, sobretudo, que se trata de um conjunto complexo e interligado que precisa ser entendido como um todo. Tais abordagens adotam a visão de que os sujeitos da mobilidade humana não se repetem e que a evolução do projeto de cada um e de cada uma transforma quem o vive,

100. Vertovec. *Anthropology of Migration*, p. 9.

101. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 13.

portanto a cada nova fase, a realidade e os significados mudam. Existem processos que marcam o início da migração, outros que representam o meio do ciclo e uma possibilidade teoricamente infinita de soluções finais para o ciclo migratório de uma pessoa ou de um grupo humano. Um mesmo ciclo pode ter configurações diferentes para uns e para outros, tomados individualmente, e ainda um terceiro significado, se tomados coletivamente.

Castles e Miller<sup>102</sup>, criticando o dualismo que é produzido ou perpetuado em certos ambientes entre migração e integração, sustentam que esta é uma distinção artificial, em detrimento de uma compreensão global do processo migratório. Para os autores citados, o estudo das migrações tem que acontecer em sentido amplo, incluindo seja a migração propriamente dita sejam os modos como esta transforma as sociedades que implica. Assim, eles preferem a categoria de processo migratório como um conceito que “recolhe o complexo conjunto de fatores e interações que levam às migrações internacionais e influenciam seu curso. A migração é um processo que afeta todas as dimensões da existência social e que desenvolve suas próprias dinâmicas complexas”<sup>103</sup>.

Outras propostas de abordagem teórica que podem ser situadas nesta perspectiva podem ser: a “Migration Systems Theory”, que tem suas raízes na geografia; a “Migration Network Theory”<sup>104</sup> que se origina da sociologia e da antropologia; o transnacionalismo – já apresentado acima, trabalhado sobretudo pela sociologia; o processo migratório como dinâmica social; as teorias das redes sociais; a abordagem sistêmica; entre outras. Cada uma das perspectivas citadas é brevemente apresentada a seguir.

As teorias do “Migration Systems” e do “Migration Network” avocam que os movimentos migratórios podem ser en-

---

102. Castles; Miller. *The age of*, p. 20.

103. Idem, p. 21.

104. Ambas apresentadas por Castles e Miller como teorias que marcaram a passagem da fase clássica à fase interdisciplinar dos estudos sobre a mobilidade humana. Cf. Castles; Miller. *The age of*, p. 27-28.

tendidos como resultado de *cumulative causation* e que, uma vez iniciados, podem ser *self-sustaining social processes*, gerando por sua vez até mesmo suas próprias infraestruturas econômicas e sociais. Isto significa que a desencadear a migração podem estar causas micro, meso e macro estruturais. Os elementos macroestruturais incluem a política econômica internacional e os fatores institucionais de larga escala; a influência mesoestrutural está ligada às instituições que assumem papéis de apoio ou de exploração no percurso migratório, como os atores da indústria da migração, organizações que intermedeiam a migração, igrejas e organizações sociais, incluindo até mídia e organismos internacionais que entram no circuito da mobilidade humana. As microestruturas são:

(...) redes sociais informais desenvolvidas pelos migrantes mesmos, com o fim de lidar com a migração e a inserção em novo contexto. No passado, estudiosos usavam o conceito de correntes migratórias nesse contexto (Price, 1963: 108-11). /.../ Hoje, muitos autores sublinham o papel do capital cultural (informação, conhecimento de outros países, capacidades em organização de viagens, busca de trabalho e adaptação a novos ambientes) para iniciar e sustentar movimentos migratórios. Redes informais garantem recursos vitais para indivíduos e grupos e podem até mesmo serem consideradas como capital social (Bourdieu e Wacquant, 1992: 119), o que inclui relações pessoais, família e padrões familiares, amizades e laços comunitários, assim como ajuda mútua e questões econômicas e sociais. Redes informais unem 'migrantes e não-migrantes conjuntamente em um espaço complexo de papéis sociais e relações interpessoais' (Boyd, 1989: 639)<sup>105</sup>.

Macro, meso e micro estruturas são interligadas no processo migratório. Não existe uma causa que possa explicar suficientemente por que o povo migra nem uma teoria que explique em que consiste a experiência migratória e todas as suas determinan-

105. Castles; Miller. *The age of*, p. 28.

tes, seus problemas, seus resultados. Se por um lado as teorias ajudam a ter uma visão global, os estudos analíticos aprofundam aspectos que, no conjunto, podem tornar-se invisíveis ou serem mal interpretados. No que se refere, por exemplo, ao processo de tomada de decisão de emigrar, o que a:

*Migration Systems Theory* sublinha é que tais decisões são sempre tomadas dentro de um específico contexto econômico, político e cultural, que é por sua vez determinado por macroestruturas e oportunidades, que se refletem nas famílias, nos bairros, no ambiente de trabalho e na comunidade<sup>106</sup>.

Os questionamentos sobre os problemas sociais e políticos que a imigração provoca e revela nos países de maior intensidade dos fluxos de entrada sugeriram, nos últimos anos, análises sobre as consequências da visão parcial focada na dimensão econômica dos fluxos migratórios. Existe um poder de dinamismo interno dos fluxos internacionais de população que pode fazer emergir conflitos entre expectativas e objetivos dos sujeitos de tais fluxos. Entretanto, os *policy-makers* dos países implicados nos fluxos, seja na origem, seja no percurso ou no destino dos mesmos, investem em objetivos e estratégias de gestão migratória que influenciam o modo como os migrantes vivem nas respectivas sociedades. Entender a migração como um fenômeno social e político significa superar a ilusão de que a migração pode ser encerrada como se

---

106. Faist. *The crucial*, p. 199. Segundo Monica Boyd, além de favorecer a compreensão das relações entre macro e micro abordagens no estudo das migrações, as abordagens estruturais, entre as quais a do *migration systems*, ajudam a enfatizar as conexões existentes entre as sociedades implicadas pelos fluxos migratórios, mostrando a interdependência e a reciprocidade entre as sociedades de origem e de destino dos mesmos, o que é fundamental para sua compreensão e para sua interpretação como produto social, estritamente relacionado com questões sociais como família, habitação e redes sociais. Cf. Boyd. *Family and personal*, p. 641-642.

desliga um botão, através da mudança de políticas que influenciam custos e benefícios da mobilidade para os migrantes. A migração se autosustenta por fatores sociais, mesmo quando foram fatores econômicos que a desencadearam inicialmente. As questões sociais tem até mesmo o poder de transformar socialmente e culturalmente os fatores iniciais que desencadeiam um fluxo migratório. Uma visão mais global da mobilidade humana como um processo complexo e diversificado, mas que se autoexplica no seu conjunto, mostra que, de certo modo:

(...) o processo migratório funciona em modo similar em qualquer lugar [do mundo], no que se refere ao mercado de trabalho segmentado, à segregação residencial e à formação de grupos étnicos. As principais diferenças devem ser encontradas nas atitudes públicas e nas políticas dos governos sobre imigração, inserção, cidadania e pluralismo cultural<sup>107</sup>.

Segundo Zlotnik, uma das características que distinguem o estudo teórico das migrações da sociologia é o tema das redes<sup>108</sup>, apesar do mesmo atualmente ser utilizado por quase todas as disciplinas. O conceito de redes de migrantes inclui “todas as relações interpessoais entre migrantes, velhos migrantes e não-

---

107. Castles; Miller. *The age of*, p. 245.

108. Massey et al. afirmam que “em todos os países de maior envio de migrantes, como o *Asian Pacific System*, redes mostraram-se significativas em perpetuar-se, uma vez que um pequeno número de pioneiros inicia a estabilizar-se no lugar de destino. Tal é o caso das Filipinas”, por exemplo. Cf. Castles; Miller. *The age of*, p. 186. Claudia Pedone mostra criticamente como a maioria dos estudos sobre redes migratórias enfatizam seus aspectos positivos ou se referem às redes, segundo a autora, em modo metafórico ou retórico, de certo modo simplificando a realidade e apresentando uma caricatura pouco conforme à complexidade e variedade do tema. Cf. Pedone. *Cadenas y redes*, p. 104. *A Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* 17, n. 32. Cf. especialmente o artigo crítico de Rezende. *The role of social networks in human migration. REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 32, p. 5-23.

-migrantes das áreas de origem e de destino”<sup>109</sup> ou até mesmo de outras regiões do mundo. As redes migratórias são, de certa forma, extensão das redes de parentesco e incluem redes de amizade, de pertença ou qualquer outra forma de interesse ou de necessidade, constituindo-se forma privilegiada de capital social dos migrantes e, ao mesmo tempo, espaços de conflitos e de gestão de interesses. As redes são espaço que produz e que de certo modo contém as *social remittances*, que constituem um potencial impacto da população migrante sobre seus contextos de origem. Segundo Levitt, as remessas sociais são as ideias, os comportamentos, as identidades e o capital social que flui das comunidades de destino para as comunidades de origem dos migrantes<sup>110</sup>. Segundo Massey e colegas<sup>111</sup>, que formalizam a teoria do capital social no estudo das migrações, as articulações em redes constituem uma forma de capital social sobre a qual o povo pode contar, especialmente no casos de migração, pois estas não só facilitam o acesso ao capital financeiro, como também favorecem o acesso a outras expressões de capital social como informações para emprego, fortalecimento de relações sociais, acesso a instituições e redes sociais “outras” do contexto de destino, assim como acesso a não-migrantes que podem ter informações e recursos que são necessários para o êxito do processo migratório.

---

109. Zlotnik. *Théories sur les*, p. 65.

110. Levitt. *Social remittances: Migration driven, local-level forms of cultural diffusion*. *International Migration Review*, v. 32, n. 4, p. 926-948. Aqui p. 926. Segundo Levitt, existe uma evolução no processo de produção das remessas sociais: “Os migrantes interagem a vários níveis com a sociedade de acolhida. Elaboram o sentido de suas experiências usando quadros interpretativos que carregam consigo. /.../ Em alguns casos, ideias e práticas que existiam precedentemente permanecem sem mudar. Em outros casos, novos elementos são inxertados naqueles existentes. Em outros casos ainda, acontece a creolização, onde novas relações sociais e novos padrões culturais são criados pelo entrelaçamento entre o migrante e as formas em que acontece a acolhida no novo país”. Levitt. *Social remittances*, p. 930.

111. Cf. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 42-43.

A abordagem sistêmica ou *global approach*<sup>112</sup>, promovida com força em alguns contextos nos anos de 1990, se funda no conceito de migração como

redes de países ligados pelas interações realizadas pelas migrações, cujas dinâmicas são amplamente determinadas pelo funcionamento de uma gama de redes que conectam atores migrantes a diferentes níveis de agregação.

A abordagem utiliza como unidade de análise seja o estado sejam a comunidade e o indivíduo. Inclui, ainda, uma atenção à migração como um processo continuado. A abordagem pressupõe cinco premissas teóricas:

A primeira é que a migração cria um “espaço unificado” que engloba, ao mesmo tempo, o ar de origem e o ar de destino, de modo que, para compreender a migração... é necessário levar em consideração este espaço unificado. A segunda é que a migração não é que um dos processos que ligam o ar de origem e o de destino: está em estreita relação com outros processos, os quais são, muitas vezes, profundamente enraizados na história. A terceira é que /.../ a migração é notadamente suscetível de evolver. /.../ A quarta é que o Estado joga um papel crucial na determinação dos fluxos migratórios internacionais [e] /.../ a quinta é que faz-se necessário identificar os mecanismos através dos quais as forças macro, que influenciam os fluxos migratórios, se traduzem em determinantes da migração em nível micro, naquele nível em que os indivíduos tomam as decisões<sup>113</sup>.

---

112. Kritiz; Lin; ; Zlotnik *International migration systems, a global approach*.

113. Zlotnik. *Théories sur les*, p. 70.

### 5.3 *Abordagens por mosaico ou estudos por tópicos emergentes*

São muitas as propostas teóricas e metodológicas que aprofundam temáticas específicas relacionadas à mobilidade humana.

Um tópico tradicional, que é um aporte específico do estudo demográfico das migrações, é o debate sobre a transição demográfica como tema migratório. Zlotnik cita como referente sobre o tema Wilbur Zelinsky (1971). Inspirado em Ravenstein, o autor propôs o conceito de “transição da migração”, em referência ao conceito de “transição demográfica”<sup>114</sup> que foi utilizado para observar a evolução das migrações internacionais e para tentar identificar suas leis internas. Assim como outros enfoques, este conceito, sozinho, é insuficiente. Da demografia, porém, todas as disciplinas recebem contribuições preciosas. Mais do que através de conceitos, são aportes na forma de dados estatísticos, porque estes são ferramentas valiosas e imprescindíveis para a interação interdisciplinar que o conhecimento da mobilidade humana requer.

Algumas disciplinas, por sua metodologia e por interesses temáticos específicos, tendem a tratar a mobilidade humana a partir de situações ou aspectos mais pontuais. Alguns exemplos: o direito tende a tratar temas de interesse específico no que se refere à legislação de um determinado país e de suas implicações no processo migratório; as disciplinas focadas nas relações

---

114. Trata-se de um conceito da demografia “que é definida como uma alteração no comportamento da curva demográfica. O conceito se refere a uma transição entre duas situações de crescimento demográfico. Na primeira fase, o crescimento é reduzido devido às altas taxas de mortalidade e natalidade. Durante a fase de transição, registra-se um crescimento demográfico acelerado, devido à redução na taxa de mortalidade provocada pelas melhorias sanitárias advindas da modernização, e à manutenção de altas taxas de natalidade. Na segunda fase, o crescimento é reduzido devido à redução nas taxas de natalidade, equilibrando o sistema.” Cf. “A Previdência Social Brasileira após a Transição Demográfica: Simulações de Propostas de Reforma”, p. 13 In: <[http://www.fazenda.gov.br/spe/publicacoes/estudos/a\\_previdencia\\_social\\_brasileira\\_apos\\_a\\_transicao.pdf](http://www.fazenda.gov.br/spe/publicacoes/estudos/a_previdencia_social_brasileira_apos_a_transicao.pdf)>.



internacionais em geral e mais especificamente a ciência política também, na maioria das publicações, trata temas que lhe são próprios por excelência, como cidadania, nacionalidade, soberania nacional, relação indivíduo-estado. Uma gama de textos se interroga, teoricamente, sobre as transformações ao conceito tradicional de estado-nação produzido ou desafiado pela mobilidade humana internacional. A questão parece ainda totalmente aberta, em busca de teorias que a expliquem, sem simplismos<sup>115</sup>. A contribuição da ciência política é fundamental, segundo Castles<sup>116</sup>, para entender a mobilidade humana contextualizando-a no quadro maior das relações Norte-Sul na fase atual da globalização. A mobilidade humana, em geral, e as redes migratórias, em particular, estão marcadas pelos dinamismos políticos e econômicos internacionais que especialistas de ciência e economia política podem ajudar a explicar e situar.

Entre os principais tópicos que promoveram a produção de inúmeros estudos estão o conceito de assimilação e a relação entre migração e desenvolvimento, como temas transversais, provavelmente porque emergem pela incidência que exercem nas realidades onde a mobilidade é um fenômeno numericamente consistente.

Brettell e Hollifield indicam que para a economia, a sociologia, a antropologia e a geografia, o *assimilation model* é o “paradigma dominante em teoria da migração”<sup>117</sup>. A afirmação é indicativa do peso histórico que a herança da Escola de Chicago teve no estudo teórico sobre temas referentes à mobilidade humana. Apesar de ser só uma fase do projeto migratório, a incorporação nas realidades de destino é um dos aspectos mais estudados. Sobre esse

---

115. Favell apresenta uma interessante análise sobre a influência da mentalidade de estado-nação na formulação e no uso do conceito de integração nas ciências sociais, especialmente para o estudo das migrações, em: Idem *Integration nations: The Nation-State and research on immigrants in Western Europe.. International Migration Research*, p. 41-67.

116. Castles. The factors that make and unmake migration policies. *Rethinking migration*, p. 29-61.

117. Brettell; Hollifield. *Migration Theory*, p. 16-19.

tema a interlocução interdisciplinar de estudiosos das migrações é mais ampla que para outros temas relacionados. A migração cobre todo o arco da vida de uma pessoa que, vivendo as situações mais variadas da experiência humana em contexto migratório, absorve em suas vivências as influências de sua condição de migrante ou de refugiada. Tais condições mudam a cada fase do projeto migratório e, portanto, determinam vivências e processos que se transformam a cada nova etapa. Considerada por muitos autores uma categoria superada ou, ao menos, não suficiente para explicar os processos sociais e culturais que os migrantes vivem nos países de destino, a assimilação ainda é tema de muitas publicações<sup>118</sup> e, sobretudo nos Estados Unidos, tem recebido novas formulações para se adequar às novas formas de mobilidade humana e ao contexto sociopolítico, cultural e jurídico contemporâneo.

A teoria da assimilação analisa os processos de inserção dos migrantes nas sociedades de acolhida, as transformações que as sociedades vivem em tais processos e as estratégias que migrantes e autóctones adotam no decorrer das diferentes fases do projeto migratório para se adaptar aos desafios e às situações novas. O conceito de assimilação foi substituído, no decorrer do tempo e segundo as preferências das disciplinas e dos estudiosos que se ocupam da questão, por outros conceitos que agregam aspectos novos da visão e interpretação da realidade para a qual a categoria assimilação foi inicialmente usada: incorporação, inserção, multiculturalismo, integração, acomodação, adequação, interculturalidade são as mais usadas.

---

118. Cf. Por exemplo: Alba; Nee. Rethinking assimilation; Brubaker. The return of assimilation? Changing perspectives on immigration and its sequels in France, Germany, and the United States. *Ethnic and Racial Studies* 24, n. 4, p. 531-548; de Wind; Kasanitz. Everything old is; Hans; Hoffmann. A sociological approach; Heisler. The sociology of immigration. From assimilation to segmented assimilation, from the American experience to the global arena. *Migration Theory*; Kivisto. *Incorporating diversity: Rethinking assimilation in a multicultural age*.

No contexto europeu, segundo Morawska<sup>119</sup>, é o conceito de integração que representa a ampla gama de significados e realidades que o conceito de assimilação reveste nos Estados Unidos, em termos de “fenômeno multidimensional”. Este tema engloba indicadores como educação, moradia e respectivas análises referentes à eventual segregação espacial, familiaridade e problemas com idioma, cultura e legislação local, estruturas, relações sociais, participação política, naturalização, cidadania<sup>120</sup>, questões identitárias, entre outras. Ewa Morawaska também, como outros autores, sugere a pertinência do conceito de assimilação / integração, sugerindo, todavia, que seja adotada uma noção flexível, capaz de integrar as variáveis de classe, gênero, raça e geração. O que se quer é valorizar o conceito, amplamente utilizado há décadas, adaptando-o conforme o contexto e a disciplina que o adota. Tal conceito pode favorecer, sobretudo em estudos longitudinais, “representações teóricas diversificadas, multifacetadas e lineares dos processos migratórios”<sup>121</sup>. O uso do conceito assimilação no contexto europeu é tradicionalmente contraposto à integração, uma vez que tradicionalmente foi combinado ao modelo francês de política social de integração, considerado tradicionalmente “assimilacionista”, em contraposição ao modelo mais conhecido na Alemanha, que, tradicionalmente, sustentava uma política que considerava os trabalhadores imigrantes *Gast Arbeiter*, trabalhadores hóspedes, e, portanto, de

---

119. Morawska. *A sociology of immigration*, p. 227.

120. Brettell. Theorizing migration in Anthropology. The social construction of networks, identities, communities and global escapes.. *Migration Theory*, p. 123: a autora, citando Maira (2004), sugere o conceito de “*cultural citizenship*”, referente a um processo de integração de migrantes que considera o direito a ser diferente (em termos de raça, etnia e língua materna), sem comprometer o risco de pertencimento, no sentido de plena participação aos processos democráticos do país de imigração.

121. Brettell. Theorizing migration, p. 239. Cf. Também Brettell.; Hollifield. *Migration Theory*, p. 8-20 e 224-225.

passagem<sup>122</sup> e não cidadãos que poderiam percorrer processos e inserção e integração no território.

Migração-desenvolvimento é um binômio que está no centro do interesse de políticos, acadêmicos e organizações de migrantes, há tempo, e está destinado a continuar, considerando a relevância dos fatos e dos determinantes implicados<sup>123</sup>. Não se trata aqui de fazer uma apresentação completa da questão, mas somente sugerir elementos para a colocação do tema no quadro mais amplo das teorias que explicam os fenômenos ligados à mobilidade humana. Dentre todos, o desenvolvimento é um dos temas que mais realiza a convergência – consonante ou dissonante – dos atores implicados na mobilidade humana: migrantes, pessoas e grupos *left behind*, agências de fomento e de apoio à migração, estados, mídia, mercado, sociedade de imigração.

Na última década, com o aumento da quantidade de remessas que os migrantes enviam aos países de origem, este tema atraiu o foco do debate sobre migração e desenvolvimento. Não tardaram a surgir vozes críticas que chamaram a atenção de todos os atores, inclusive dos estudiosos, para o fato de que as remessas podem até melhorar as condições de vida ou, ao menos, a capacidade de participação no mercado de quem as recebe, mas desta afirmação à declaração que tenta assegurar que as remessas possam ser efetivamente fator de desenvolvimento, existe um percurso muito

---

122. Um estudo comparado sobre mobilidade humana na França e na Alemanha foi publicado por VASTA, E.; VUDDAMALAY, V. (eds.). *International migration and*.

123. Uma das principais referências em nível internacional para o estudo da relação migração X desenvolvimento é a *Red Internacional de Migración y Desarrollo*, que além de muitas publicações, uma revista científica sobre o tema (*disponível on line*) e ampla articulação entre os principais estudiosos que, no mundo, estudam o tema, também participa dos espaços transnacionais onde o tema se cruza com debates políticos e governamentais ou em espaços onde as articulações das organizações atuam pelos direitos humanos de migrantes e refugiados. Cf. O site oficial da rede: <<http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/rimd/index.php>>.

longo a ser percorrido. Em particular, a hipótese que as remessas possam ser fator de desenvolvimento, deixa totalmente em aberto o tema do desenvolvimento humano. A relação entre remessas e desenvolvimento é uma questão complexa e flexível que se presta a diferentes abordagens e que se diferencia notavelmente de país a país, dependendo muito da fase em que se encontram os sujeitos migrantes em seu projeto migratório e da situação socioeconômica geral do país.

A relação entre migração e desenvolvimento se relaciona com outras questões focais como o respeito dos direitos humanos das pessoas em mobilidade, o acesso à cidadania e as possibilidades de reconhecimento e acesso à nacionalidade dos países implicados, a mobilidade social das pessoas em mobilidade, o impacto socioeconômico e cultural da migração nas sociedades implicadas, o acesso e as formas de exploração do trabalho regular (e irregular), a migração irregular, entre outros. Para os fins deste estudo, como exemplo de estudo teórico e interpretativo do fato migratório na perspectiva do desenvolvimento, segue breve apresentação da análise de Hamar e colegas no volume “International Migration, immobility and development: multidisciplinary perspectives”. Trata-se de um estudo elaborado com debate interdisciplinar entre especialistas europeus de ciência política, sociologia, economia política, economia e geografia. Considerando o desenvolvimento como um processo de melhora no bem-estar social, econômico e político, os autores apresentam uma abordagem não puramente quantitativa, mas também qualitativa da relação desenvolvimento-migração.

A equipe analisa a mobilidade humana em relação ao desenvolvimento, assim como em relação à imobilidade da maior parte da humanidade que não emigra. Recorrendo às teorias tradicionais, os autores interrogam igualmente a mobilidade como a imobilidade. Por exemplo: no processo de decisão de emigrar, os elementos considerados para partir valem também como elementos a motivar a escolha de permanecer, de modo que não existe uma teoria que possa explicar a imobilidade, assim como

nenhuma isoladamente explica a mobilidade humana. Entre os elementos que mais contam na determinação dos processos, está o contexto, especialmente no caso da mobilidade, porque migração gera mais migração e migração exitosa, ainda mais; da mesma maneira que boa e intensa relação com o espaço é um importante fator de contenção da migração.

O fator desenvolvimento entra no processo de decisão, mais como elemento macroestrutural que como fator contingente ligado ao contexto e à realidade específica de quem analisa vantagens e desvantagens da migração para si mesmo ou para alguém de seu núcleo familiar. As relações macroestruturais entre lugar de origem e de destino dos fluxos são fundamentais na determinação da migração como fator de desenvolvimento e, no caso, para definir quem vai emigrar. Não é fácil demonstrar que a migração possa transformar-se em fator de desenvolvimento para o país de origem, nem mesmo para aqueles países, como Equador e Filipinas<sup>124</sup>, que têm políticas claras de incentivo à emigração. O que emerge dos estudos sobre o tema é que os fatores microeconômicos têm escasso ou irrelevante papel na determinação do desenvolvimento macroeconômico dos países implicados, mas considera-se que, em condições favoráveis, em nível macroestrutural, os processos microestruturais convergem e participam do desenvolvimento. Apesar de não serem possíveis asserções gerais sobre o tema, os autores afirmam que<sup>125</sup> a) estudos empíricos mostram que, a curto prazo, as migrações produzem efeitos positivos na economia dos países implicados, dependendo da situação concreta de cada realidade local; entretanto b) de modo ainda mais claro, o desenvolvimento provocado ou promovido pelas migrações internacionais “depende do nível de desenvolvimento econômico”<sup>126</sup> em curso em cada país. A migração pode exercer

124. Cf. Massey et al. *Worlds in motion*, p. 191.

125. Cf. Fischer; Martin; Straubhaar. Interdependencies between development and migration.. *International migration*, p. 91-132.

126. Idem, p. 129.

um impacto impulsionador para o desenvolvimento dos países implicados, desde que um processo de desenvolvimento esteja em curso. Migração não produz automaticamente desenvolvimento, mas pode fortalecê-lo. Portanto:

as decisões sobre migrar ou permanecer, tomadas pelas famílias e por indivíduos, não somente influenciam decisões tomadas sucessivamente por outras pessoas e famílias, mas também ajudam a determinar, a longo prazo, as arrumações sociais e econômicas dentro das famílias, entre os parentes e nas comunidades de origem. Além disso, mesmo mudanças nas redes e nas coletividades no país de origem podem ser esperadas durante a ausência dos migrantes ou a seguir de seu retorno<sup>127</sup>.

As ideias que afirmam a ligação entre migração e desenvolvimento, raramente consideraram que existem muitas formas de violação de direitos trabalhistas e econômicos mesclados nos processos migratórios. Estas formas de violação precisam ser consideradas no contexto mais amplo dos critérios para estabelecer se o fenômeno migratório em causa é um processo que fortalece ou não o desenvolvimento integral. A questão *brain-drain* também é um aspecto muito citado e pouco aprofundado. Para que o fenômeno, geralmente chamado fuga de cérebros, se transforme em vantagem também para o país de origem, requerem-se

fortes políticas locais nos países em desenvolvimento, por exemplo, incentivos para motivar migração de retorno e a promoção do empreendedorismo customizado, no qual as remessas podem ser canalizadas em investimentos produtivos, ao invés que somente para o consumo<sup>128</sup>.

---

127. Hammar. *International migration*, p. 212-213.

128. Poot; Waldorf; Van Wissen. *Migration and Human*, p. 17.

## 6. Exemplos de leituras teóricas mais recentes

A partir dos anos de 1990, mais do que estudos sobre as teorias da mobilidade humana em geral, multiplicam-se estudos contextuais, realizados a partir de pesquisas pontuais e, normalmente, modeladas a partir das ferramentas metodológicas e conceituais das respectivas disciplinas. Baseadas muitas vezes em teorias pré-constituídas, as pesquisas pontuais são aportes que enriquecem o saber sobre o fenômeno. A multiplicidade de níveis em que acontecem simultaneamente os processos da migração internacional não só permite, mas requer, para seu conhecimento, tanto explicações lógicas quanto empíricas. De fato, “cada teoria captura alguns elementos da realidade”<sup>129</sup>. A circulação dos resultados de tais pesquisas através dos muitos canais de divulgação e reprodução do saber, atualmente sempre mais disponíveis, como eventos e publicações coletivas, tem favorecido o cruzamento de informações e ajudado no conhecimento dos atores e dos processos que a mobilidade humana produz, provoca e/ou contém<sup>130</sup>.

Os volumes coletivos compõem a quase totalidade das publicações relativas à matéria. Destas, a sociologia, a antropologia e as ciências políticas, são as disciplinas que mais corajosamente entraram no debate e promovem publicações interdisciplinares e

---

129. Poot; Waldorf; Van Wissen. *Migration and Human*, p. 106.

130. Alguns autores lamentam que atualmente, ainda, seja a agenda política a estruturar, prevalentemente, o conhecimento em nível nacional, dos estudos referentes à mobilidade humana, porém “o pensamento acadêmico, atualmente, está indo além de um trabalho puramente de denúncia das consequências Negativas da imigração (como os estudos sobre racismo) e cresce a conceituação sobre soluções práticas de integração e trajetórias de mudança social multicultural”. Cf. Favell. *Integration nations: The Nation-State and research on immigrants in Western Europe. International Migration Research*, p. 47. Por outro lado, autores especializados em teorias das migrações como Douglas Massey (cf. por exemplo o volume *Worlds in motion*), desenvolvem seus estudos sem referências aos temas sociais que a agenda política e a realidade migratória produz, como direitos humanos ou questões de discriminação e exclusão social ou racial.



temáticas. Entre os novos temas, emergem: diversidade cultural e identidade; gênero (e família); e, religião<sup>131</sup>.

Junto à multiplicação de pesquisas e publicações sobre temas ou realidades pontuais, o estudo das migrações vem ampliando e diversificando as perguntas de fundo. Já não nos perguntamos simplesmente porque as pessoas migram e porque outros não migram; nem buscamos saber teoricamente por quanto tempo migram, pois sabemos empiricamente que não pode existir uma única regra ou resposta para tal questão. Os temas de interesse já não são tanto sobre questões de tempo, natureza e estrutura. Hoje o principal foco está nos problemas e na respectiva busca de soluções. Por um lado, macroprocessos como políticas migratórias, concepção de estado-nação e de cidadania, interdependência entre a circulação de bens, serviços, capitais e pessoas, legislação; por outro lado, significados e microprocessos ligados às vivências dos sujeitos migrantes e das comunidades implicadas como educação, geração, identidade e temas afins como interculturalidade e diversidade. Do comportamento das massas em deslocamento

---

131. Alguns exemplos de tal bibliografia: Benhabib; Resnik. *Migrations and mobilities. Citizenship, borders and gender*. New York University Press; Benmayor; Skotnes. *Migration and Identity*. Oxford University Press; Bonifacio; Angeles. *Gender, religion and migration. Pathways of integration.*; Bramadat; Koenig. *International migration and the governance of religious diversity* Briones. *Empowering migrant women*; Ebagh; Saltzman Chafetz. *Religion and the new immigrants: Continuities and adaptations in immigrant congregations*. Altamira Press; Hirschman. The role of religion in the origins and adaptation of immigrant groups in the United States. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 1206-1233; Ossman. *The places we share. Migration, subjectivity and global mobility*; Pécoud; de Guchteneire. *Migration without*; Pessar; Mahler. Transnational migration: Bringing gender in. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 812-846; Poot; Waldorf; Van Wissen. *Migration and Human Capital*; Roulleau-Berger. *Migrer au féminin*. Presses Universitaires de France; Spellman. *Uncertain identity. International migration since 1945*. London: Reaktion Books, 2008; Vertovec, S. (ed.). *Anthropology of migration*; Vertovec; Wessendorf. *Migration and cultural, religious and linguistic diversity in Europe* An overview of issues and trends. State of the Art Paper Prepared for Cluster B6 of the Imiscoe Network. Osford: Compas, 2005; Zamudio Grave. *Rancheros en Chicago*.

em nível internacional passou-se aos comportamentos dos atores, sejam estes os estados, ou os indivíduos e as respectivas comunidades étnicas, linguísticas ou culturais que os agregam ou às quais pertencem, mesmo sem agregar-se.

Faz diferença o fato de que “o migrante é um *gendered subject*, incorporado em um amplo raio de relações sociais”<sup>132</sup>, como lembram Castles e Limmer, os quais também avaliam que os migrantes e seus descendentes

não têm identidades estáticas, fechadas e homogêneas; ao contrário, contam com identidades dinâmicas e múltiplas, influenciadas por uma variedade de fatores culturais e sociais, entre outros<sup>133</sup>.

Na conclusão deste breve *excursus* sobre teorias das migrações, segue a indicação de uma abordagem que quer ser global ao fenômeno da mobilidade humana, proposto por uma estudiosa, migrante, especialista em abordagem histórica e sociológica do tema, com muitas publicações em seu *curriculum*. Trata-se de um dos mais recentes volumes de abordagem teórica das migrações no contexto norte-americano e se apresenta como uma obra que estuda as migrações a partir do modelo do (neo)estruturalismo. Tal perspectiva de análise da mobilidade humana oferece uma estrutura teórica coerente e até mesmo um conjunto coerente de elementos teóricos que ajudam a estudar a migração dentro de uma visão geral do fenômeno. Ewa Morawska assim define o referencial teórico adotado:

o processo do estruturalismo pode ser resumido como apresentado a seguir. Enquanto que a pressão de forças nas camadas estruturais superiores (sistemas econômico e político, formação cultural, civilização tecnológica) de-

---

132. Castles; Miller. *The age of*, p. 38.

133. Idem, p. 41.

fine o ‘*dynamic limits*’ do possível e do impossível dentro do qual as pessoas agem, é nos níveis secundários que os indivíduos e os grupos avaliam suas situações, definem suas metas e empreendem ações. As consequências previstas e, muitas vezes imprevistas de tais atividades individuais e coletivas incidem, por sua vez – sustentam ou transformam – no nível local e, com o passar do tempo, nas estruturas de grande porte<sup>134</sup>.

A perspectiva do estruturalismo adotado por Morawska é útil para a interpretação não somente dos atores ou, em contraposição, dos contextos e processos nos quais estes se encontram, mas das interações entre ambos, situados no tempo e no espaço em que acontecem. Considerando a processualidade própria da evolução do projeto migratório e suas transformações, junto as que acontecem com as pessoas implicadas e nos contextos em que se desenvolvem, o modelo estrutural, segundo a autora, favorece o estudo de tal dinamismo e suas configurações, sempre marcadas por pluralismo e diversidade. Declaradamente, a autora assume quatro premissas sobre o fenômeno migratório, pertinentes com o quadro teórico adotado: 1. As atividades dos imigrantes transformam as sociedades nas quais se incorporam; 2. Existe uma ampla variedade de resultados dos processos de negociação dos atores implicados nas estruturas sociais, influenciados pelos diferentes *backgrounds* dos imigrantes e suas situações em constante mudança; 3. Tais resultados são determinados pela relação entre recursos e metas socioeconômicas e culturais perseguidas pelos imigrantes e as limitações que as condições estruturais de fato permitem; e, 4. O processo interativo citado e os produtos que gera podem ser melhor compreendidos se estudados em pesquisa comparada<sup>135</sup>. Com tais pressupostos, a autora aprofunda alguns dos temas emergentes no contexto sociopolítico norte-americano referente à mobilidade humana, reconhecendo estruturalmente a

134. Morawska. *A sociology of immigration*, p. 3 e 43.

135. Morawska. *A sociology of immigration*, p. 4-6.

multiplicidade de mecanismos que, simultaneamente, iniciam e sustentam fluxos transnacionais de população atualmente.

De sua análise, Morawska conclui que: a) a ampla diversidade de resultados dos processos interativos entre atores migrantes e as estruturas sociais é uma constatação; b) os e as migrantes e transmigrantes (*human agency*) pessoalmente, com seu capital humano e social e suas especificidades, jogam um papel cada vez maior na determinação do tipo e da direção de processo desencadeado na realização do próprio projeto migratório; c) os processos de incorporação diferem notavelmente de uma geração de migrantes a outra e isto precisa ser considerado conceitualmente e metodologicamente pelas ciências sociais; d) os procedimentos de incorporação ou integração dos migrantes nas sociedades onde imigram acontecem diferentemente seja por comunidades, seja até mesmo por âmbitos da vida de cada indivíduo; e, e) os processos sociais, econômicos e políticos das sociedades de origem, de trânsito ou de destino, com as quais os migrantes se relacionam, exercem influência sobre a qualidade e os ritmos dos processos que estes vivem<sup>136</sup>.

---

136. Idem, p. 223-225.

## Referências Bibliográficas

### Capítulo I

ARIAS, P. e DURAND, J. **Mexicanos en Chicago**. Diario de campo de Robert Redfield, 1924-1925. México: Miguel Ángel Porrúa, 2008.

BARLEY, N. **El antropólogo inocente**. Barcelona: Ana-grama, 1983.

BERNARD, H. R. **Handbook of Methods in Cultural Anthropology**. California: Altamira Press, 1998.

BERTHELSEN, D. **La vida cotidiana de Sigmund Freud y su familia**. Recuerdos de Paula Fichtl. Barcelona: Península, 1995.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C. e PASSERON, J.-C. **A profissão de sociólogo** – Preliminares epistemológicas. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BRAUDEL, F. **La historia y las ciencias sociales**. Madrid Alianza Editorial, 1970.

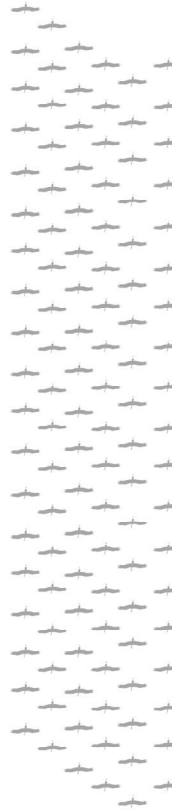
BRAUDEL, P. Braudel antes de Braudel. In **Primeras Jornadas Braudelianas**, varios autores, 1993, 84-103. México: Instituto Mora.

CASTRO, V., ALDUNATE, C. e HIDALGO, J. (Org.). **Nispa Ninchis**. Conversaciones con John Murra. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2000.

CLIMENT, E. **Climent**. México: Joaquín Mortiz, 1977.

CONNELLY, M. **El último coyote**. Barcelona: La Trama, 2006.

CONAN DOYLE, A. **As aventuras de Sherlock Holmes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.



DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. Ijuí: Martin Claret, 2001.

DURAND, J. La aventura intelectual de Pedro Armillas (entrevista). In **Caminos de la antropología**, organizado por Jorge Durand y Luis Vásquez, p. 15-56. México: Instituto Nacional Indigenista/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1987.

DURAND, J. e MASSEY, D. S. **Miracles on the Border. Retablos of Mexican Migrants to the United States**. Tucson: Arizona University Press, 1995.

\_\_\_\_\_.(Org.). **Crossing the Border**. Research from the Mexican Migration Project. Nueva York: Russell Sage Foundation, 2004.

ECO, U. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, U. Cuernos, cascos, zapatos: algunas hipótesis sobre tres tipos de abducción. In **El signo de los tres: Dupin, Holmes, Peirce**, editado por Umberto Eco y Thomas A. Sebeok. Barcelona: Lumen, 1989.

GINZBURG, C. **Pesquisa sobre Piero**. Barcelona: Muchnik, 1984.

\_\_\_\_\_.**Mitos, emblemas, indicios**. Barcelona: Gedisa, 1989.

GODOY, R. The Background and Context of Redfield's Tepoztlán. In **Journal of the Steward Anthropological Society**, vol. 10, n. 1., 1978, p. 47-79.

GONZÁLEZ, L. **El oficio de historiar**. Zamora: El Colegio de Michoacán, 1987.

GUIBERT, R. **Siete voces**. México: Novaro, 1974.

LEVI-STRAUSS, C. Le métier d'ethnologue. **Les Annales**, 1961, 129: 5-17.

- \_\_\_\_\_. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LATOURET, B. **Pasteur, una ciencia, un estilo, un siglo**. México: Siglo XXI Editores, 1995.
- MALVIDO, A. Fotógrafos del unomásuno. La mirada de Manuel Becerra Acosta, detonador para el nuevo fotoperiodismo. **Cuarto Oscuro** 66, año XI, 2004 (junio-julio): 13.
- MANSELL, H. **El hombre sonriente**. Barcelona: Tusquets, 1994.
- \_\_\_\_\_. **La quinta mujer**. México: Tusquets, 1996.
- Pisando los talones**. México: Tusquets, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- MCWILLIAMS, C. **Al norte de México**. México: Siglo XXI Editores, 1968.
- MERQUIER, A. M. Lévi-Strauss, cien años. **Proceso** 2008, 1673: 58-60.
- MILLER, A. **Einstein y Picasso**. El espacio, el tiempo y los estragos de la belleza. Barcelona: Tusquets, 2007.
- MILLS, C. W. **La imaginación sociológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.
- MURRA, J. **Formaciones económicas y políticas del mundo andino**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1975.
- PALMER, V. **Field Studies in Sociology. A Students Manual**. Chicago: The University of Chicago Press, 1928.
- PÉREZ CASTRO, A. B., GUADALUPE OCHOA AVILA, M. e DE LA PAZ SORIANO PÉREZ, M. **Antropología sin Fronteras**. Robert Redfield. Volumen I. Antología. México:

UNAM, Instituto de Investigaciones Antropológicas-Fideicomiso para la Cultura México-USA-Fundación Rockefeller-Fundación Cultural Bancomer-Fondo Nacional para la Cultura y las Artes, 2002.

REVE, K. v. H. El doctor Freud y Sherlock Holmes. **El Malpensante**, 2005, 97: 37-45.

SEBEOK, T. **Sherlock Holmes y Charles Peirce**. El método de investigación. Barcelona: Paidós, 1987.

SERNA, E. **Genealogía de la soberbia intelectual**. México: Taurus, 2013.

TERRADAS, I. **Elisa Kendall**. Reflexiones sobre una antibiografía. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1992.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

WALLERSTEIN, E. Braudel sobre el capitalismo y todo al revés. In **Primeras Jornadas Braudelianas**, varios autores. México: Instituto Mora, 1993.

## Capítulo II

ALBA, R. Immigration and the American realities of assimilation and multiculturalism In **Sociological Forum** v. 14, n. 1, 1999, p. 3-25.

ALBA, R.; NEE, V. Rethinking assimilation theory for a new era of immigration, In **International Migration Review** v. 31, n. 4, 1997, p. 826-874.

\_\_\_\_\_. **Remaking the American mainstream**: Assimilation and contemporary immigration. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.



AMBROSINI, M. **Sociologia delle migrazioni**. Bologna: Il Mulino, 2005.

\_\_\_\_\_.Un'altra globalizzazione. **La sfida delle migrazioni transnazionali**. Bologna: Il Mulino, 2008.

AMBROSINI, M. e BERTI, F. **Persone e migrazioni. Integrazione locale e sentieri di co-sviluppo**. Milano: FrancoAngeli, 2009.

ARANGO, J. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra, In **Migración y Desarrollo** n. 1, 2003, p. 4-22. Disponível em: <<http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/modulos/ve1/JoaquinArango.pdf>>.

\_\_\_\_\_.Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años despuésI In **Revista Española de Investigaciones Sociológicas** v. 32, 1985, p. 7-26.

ARAGONÉS, A. M. et al. Nuevos migrantes en la globalización y determinantes teóricos. Paper apresentado en el **Congreso Internacional Migraciones Globales**. Mazatlán, Sinaloa, 21 a 24 de março de 2007. Disponível em <http://interpol.uasnet.mx/migracionesglobales/>.

ASIS; M. M.; BAGGIO, F. (eds.). **Moving Out, Back and Up**. Quezon City: Scalabrini Migration Center, 2008.

BAUBÖCK, R.; HELLER; A. e ZOLBERG, A. R. (eds.). **The challenge of diversity: integration and pluralism in societies of immigration**. Aldershot: Avebury, 1996.

BAGGIO, F. Migrazione e sviluppo: l'eticizzazione del nesso, In **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 17, n. 33, 2009, p. 213-234.

BECKER, H. Conferência: A Escola de Chicago, In **MANA** v. 2, n. 2, 1996, p. 177-188.

BENHABIB, S.; RESNIK, J. (ed.). **Migrations and mobilities.** Citizenship, borders and gender. New York; London: New York University Press, 2009.

BOMMES, M.; MORAWSKA, E. (eds). **International Migration Research:** Constructions, Omissions and the promises of interdisciplinarity. Aldershot: Ashgate Publishing, 2005.

BONIFACIO, G. L. A. T. e ANGELES, V. S. M. (ed.). **Gender, religion and migration.** Pathways of integration. Maryland: Lexington Books, 2010.

BOYD, M. Family and personal networks in migration, In **International Migration Review** v. 23, n. 3, 1989, p. 638-670.

BOYD, M.; GRIECO, E. **Women and Migration:** Incorporating Gender into International Migration Theory, 2003. Disponível em: <<http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?id=106>>.

BRETTELL, C. B. **Anthropology and migration:** essays on transnationalism, ethnicity and identity. Walnut Creek: Altamira Press, 2004.

\_\_\_\_\_; HOLLIFIELD, J. F. (ed.). **Migration Theory.** Talking across disciplines. 2a. ed. New York / London: Routledge, 2008.

BRIONES, L. **Empowering migrant women.** Why Agency and Rights are not enough. Farnham; Burlington: Ashgate, 2009.

BRYCESON, D. F.; VUORELA, U. **The transnational family.** New European frontiers and global networks. Oxford/ New York: Berg, 2002.

BRUBACKER, R. The return of assimilation? Changing perspectives on immigration and its sequels in France, Germany, and the United States, In **Ethnic and Racial Studies** 24, n. 4, 2001, p. 531-548.

CAGIANO DE AZEVEDO, R. **Le migrazioni internaziona-  
li**. 3a. Ed. Torino: G. Giappichelli, 2007.

CALAVITA, K. Gender, migration and law: Crossing borders and bridging disciplines, In **International Migration Review** v. 40, n. 1, 2006, p. 104-132.

CASTAÑO MADROÑAL, Á. El codesarrollo como estrategia de apoderamiento de sociedades silenciadas: un estudio de caso de las potencialidades en redes transnacionales de la Jbala (Marruecos), In **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 17, n. 33, 2009, p. 101-128.

CASTLES, S. How Nation-States respond to immigration and ethnic diversity?, In **New Community** v. 21, n. 3, 1995, p. 293-208.

\_\_\_\_\_. Migration and community formation under conditions of globalization, In **International Migration Review** v. 36, n. 4, 2002, p. 1143-1168.

\_\_\_\_\_; DAVIDSON, A. **Citizenship and migration: globalization and the politics of belonging**. London: Macmillan, 2000.

\_\_\_\_\_; MILLER, M. J. **The age of migration. International population movements in the modern world**. 4a. ed. New York / London: The Guilford Press, 2009. (First edition in 1993).

COHEN-EMERIQUE, M. **Pour une approche interculturelle en travail social**. Théories et pratiques. Rennes : EHESP, 2011.

CROCI, F. Studiare le migrazioni dal basso? Appunti per un dibattito tra Italia e Brasile, In **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 17, n. 33, 2009, p. 235-254.

DAL LAGO, A. **Lo straniero e il nemico**. Materiali per l'etnografia contemporanea. Genova: Costa & Nolan, 1997.

\_\_\_\_\_. **Giovani, stranieri e criminali**. Roma: Manifestolibri, 2001.

\_\_\_\_\_. **Non-persone. L'esclusione dei migranti in una società globale.** Milano: Feltrinelli, 2004.

DAVIDSON, A. Multiculturalism and citizenship: silencing the migrant voice, In *Journal of Intercultural Studies* v. 18, n. 2, 1997b, p. 77-92.

DE JONG, G. F. ; CHAMRATRITHIRONG, A. e TRAN, Q. For better, for worse: Life satisfaction consequences of migration, In *International Migration Review* v. 36, n. 3, 2002, p. 838-863.

DESMOULIN, J. **Entre le même et l'autre.** Le devenir du sujet dans la migration culturelle. Essai d'Anthropologie philosophique. Paris: Auto Edition, 2009.

DE WIND, J.; KASANITZ, P. Everything old is new again? Processes and theories of immigrant incorporation, In *International Migration Review* v. 31, n. 4, 1997, p. 1096-1111.

DOMENACH, H. Sobre la migratología..., In *Notas de Población* v. 26, n. 67-68, 1998, p. 101-118.

\_\_\_\_\_. Hay una teoría de las migraciones?. **Conferência inaugural no Congresso Argentino de Estudos** Migraciones Internacionales y políticas migratorias y de asilo. Buenos Aires, 25-27 de abril de 2006, 17 p.

\_\_\_\_\_; PICOUET, M. **Les migrations.** Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

DUCOLI, B. Croci e incroci migratori e culturali, In *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobiliade Humana* v. 17, n. 26-27, 2006, p. 55-76.

EADE, J.; JAHJAH, A.; SASSEN, S. **Identities on the move.** London: British Council, 2004.

ELLIOTT, E.; PAYNE, J.; PLOESCH, P. (eds.). **Global migration, social change and cultural transformation**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

ESSER, H. Does de “new” immigration require a “new” theory of intergenerational integration?, In **International Migration Review** v. 38, n. 3, 2004, p. 1126-1159.

ESTÉVEZ LÓPEZ, A. La relación estructural entre la globalización y la migración: implicaciones para una ciudadanía universal, In **Foro Internacional** 197, v. 49, n. 3, 2009, p. 559-594.

FAWCETT, J. T. Networks, linkages and migration system, In **International Migration Review** v. 23, n. 3, 1989, p. 671-680.

FAZITO, D. A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação. Texto apresentado no **Seminário as Famílias e as Políticas Públicas no Brasil** - Belo Horizonte, 21 e 22 de novembro de 2005. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/DimitriFazito.pdf>>.

\_\_\_\_\_. The role of social networks in human migration, In **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 17, n. 32, 2009, p. 5-23.

FITZGERALD, D. Toward a theoretical ethnography of migration, In **Qualitative Sociology** n. 29, 2006, p. 1-14.

GEORGE, S. M. **When women come first: Gender and class in transnational migration**. Berkeley: University of California Press, 2005.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (eds.). **Towards a transnational perspective on migration**. Race, class, ethnicity and Nationalism reconsidered. New York: The New York Academic of Sciences, 1992.

\_\_\_\_\_. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration, In **Anthropological Quarterly** n. 68, 1995, p. 48-63.

GO, S. P. Detailed case study of the Philippines, In IREDALE, R.; HAWKSLEY, C. and LYON, K. (eds.). **Migration research and policy landscape: case studies of Australia, the Philippines and Thailand**. Wollongong: Asian-Pacific Migration Research Network, 2002, p. 61-89.

GOHARD-RADENKOVIC, A. Comment analyser les rapports identitaires entre groupes et entre individus en situation de mobilité ?, In Laura SANTONE (a cura di), **Lingue/Culture/Identità**, Igitur 8, Gennaio-Dicembre, 2007, p. 43-58.

\_\_\_\_\_. e RACHEDI, L. (eds.). **Récits de vie, récits de langues et mobilités**. Nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'altérité. Paris: L'Harmattan, 2009.

GORDAN, M. M. **Assimilation in American life: the role of race, religion, and national origins**. New York: Oxford University Press, 1964.

GRILLO, R.; PRATT JEFF, C. (eds.). **The politics of recognizing difference: Multiculturalism Italian style**. Basingstoke: Ashgate, 2002.

GUARNIZO, L.; SMITH, M. P. The Locations of Transnationalism, In IDEM. (eds.). **Transnationalism from below**. Comparative Urban and Community Research. New Brunswick, NJ: Transactions Publishers. Vol. 6, 1998, p. 3-34.

GUTIÉRREZ, D. G.; HONDAGNEU-SOTELO, P. (ed.). **Nation and migration. Past and Future**. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2009.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAMMAR, T. et al (eds.). **International Migration, immobility and development: multidisciplinary perspectives**. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997.

\_\_\_\_\_.HAMMAR, T. et al (eds.). **International Migration, immobility and development: multidisciplinary perspectives**. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997.

HANS, J.; HOFFMANN, N. A sociological approach toward a general theory of migration, In KRITZ, Mary M.; KEELY, Charles B.; TOMASI, Silvano M. (eds.). **Global trends in migration**. Theory and research on international population movements. New York: Center for Migration Studies, 1981, p. 64-83.

HIRSCHMAN, C.; DE WIND, J. (eds.). **The handbook of International Migration: The American Experience**. New York: Russell Sage Foundation, 2000.

\_\_\_\_\_. The role of religion in the origins and adaptation of immigrant groups in the United States, In **International Migration Review** v. 38, n. 3, 2004, p. 1206-1233.

HONDAGNEU-SOTELO, P. e AVILA, E. **I'm here but I'm there'**: The meanings of Latina transnational Motherhood, In **Gender and Society** v. 11, n. 5, 1997, p. 548-571.

HOOGHIEMSTRA, E. Migrants, partner selection, and integration: Crossing borders? , In **Journal of Comparative Family Studies** v. 32, n. 4, 2001, p. 601-628.

ITZIGSOHN, J.; GIORGULI SAUCEDO, S. Immigrant incorporation and sociocultural transnationalism, In **International Migration Review** v. 36, n. 3, 2002, p. 766-799.

JAWORSKY, N. Transnational Migration Studies: Past development and future trends, In **Annual Review of Sociology** v. 33, 2007, p. 129-156.

KEELEY, B. **International migration**. The human face of globalization. OECD, 2009.

KIVISTO, P. Theorizing transnational migration: a critical review of current efforts, In **Ethnic and Racial Studies** v. 24, n. 40, 2001, p. 549-577.

\_\_\_\_\_. Social spaces, transnational immigrant communities and the politics of incorporation, In **Ethnicities** n. 3, 2004, p. 5-28.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Incorporating diversity: Rethinking assimilation in a multicultural age**. Boulder: Paradigm, 2005.

KNÖRR, J.; MEIER, B. (eds.). **Women and Migration**. Anthropological perspectives. Frankfurt/New York: Campus Verlag /St. Martin's Press, 2000.

KRITZ M. M.; LIN; L. L.; ZLOTINIK, H. (eds.). **International migration systems, a global approach**. Oxford: Clarendon Press, 1992.

LEVITT, P.; DE WIND, J.; VERTOVEC, S. (eds.). Transnational migration: International perspectives, special issue of **International Migration Review** 37, n. 3, 2003.

LEVITT, P. e GLICK SCHILLER N. Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society, In **International Migration Review** v. 38, n. 3, 2004, p. 1002-1039. Cf. versão em espanhol: Idem. Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad, **Migración y Desarrollo** Segundo Semestre, 3, p. 60-91, 2004. Disponível em: <<http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/modules/ve3/6.pdf>>.



LEVITT, P. Social remittances: Migration driven, local-level forms of cultural diffusion, In **International Migration Review** v. 32, n. 4, 1998, p. 926-948.

LEE, S. M. Issues in research on women, international migration and labour, In **Asian and Pacific Migration Journal** n. 5, 1996, p. 5-26.

LINARD DE GUERTECHIN, T. Migrações internacionais e desenvolvimento humano na globalização financeira, In **REM-HU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 17, n. 33, 2009, p. 199-212.

MAHLER, S. J. e PESSAR, P. R. Gender matters: ethnographers bring gender from the periphery toward the core of migration studies, In **International Migration Review** v. 40, n. 1, 2006, p. 27-63.

MAHALINGAM, R. (ed.). **Cultural Psychology of immigrants**. Mahwah, NJ: Lawrence, Erlbaum, 2005.

MASSEY D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G. e TAYLOR, J. E. Theories of international migration: a review and appraisal, In **Population and Development Review** n. 19, 1993, p. 431-466.

\_\_\_\_\_. An evaluation of international migration theory: the North American case, In **Population and Development Review** n. 20, 1994, p. 699-754.

MASSEY, D. S. et al. **Worlds in motion**. Understanding international migration at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005.

“Migração e identidades”. **REM-HU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** v. 18, n. 34, 2010.

“Migrações internacionais e direitos humanos”. **REM-HU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** 16, n. 31, 2008.

MORAWSKA, E. Disciplinary agendas and analytic strategies of research on immigration and transnationalism: challenges of interdisciplinary knowledge, In **International Migration Review** v. 37, n. 3, 2003, p. 611-640.

\_\_\_\_\_. **A sociology of immigration.** (Re)making multifaceted America. Essex: PalgraveMacmillan, 2009.

NAÏR, S. DE LUCAS, J. **El desplazamiento en el mundo:** inmigración y temática de identidad. Madrid: Instituto de mayores y Servicios Sociales, 1998.

ODED, S. (ed.). **Migration theory, human capital and development.** Greenwich: JAI Press, 1986.

ORELLANA, M. F. et al. Transnational childhoods: The participation of children in process of family migration, In **Social Problems** v. 48, n. 4, 2001, p. 572-591.

PÉCOUD, A.; DE GUCHTENEIRE, P. (ed). **Migration without borders.** Essays on the free movement of people. Paris; New York; Oxford: UNESCO; Publishing & Berghahn Books, 2007.

PEDONE, C. **Estrategias migratorias y poder.** Tú siempre jallas a los tuyos. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2006.

PESSAR, P.; MAHLER, S. J. Transnational migration: Bringing gender in, In **International Migration Review** v. 37, n. 3, 2003, p. 812-846.

POOT, J.; WALDORF, B.; VAN WISSEN, L. (eds.). **Migration and Human Capital.** Cheltenham / Northampton: Edward Elgar, 2008.

PORTES, A. Immigration theory for a new century: some problems and opportunities, In **International Migration Review** v. 31, n. 4, 1997, p. 779-825.

\_\_\_\_\_. Theoretical convergencies and empirical evidence in the study of immigrant transnationalism, In **International Migration Review** v. 37, n. 3, 2003, p. 874-892. Disponível em espanhol em: *Migración y Desarrollo*, n. 4, 2005 In: <<http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/modules/v24/1.pdf>>.

PORTES, A. e DE WIND, J. (eds.). A Cross-Atlantic dialogue: The progress os research and theory in the study of international migration, In **International Migration Review** v. 38, n. 3, 2004, p. 828-851.

\_\_\_\_\_. **Rethinking migration**. New theoretical and empirical perspectives. New York / Oxford: Berghahn Books, 2007.

PORTES, A.; GUARNIZO, L.; LANDOLT, P. (Coord.). **La globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo**. México: FLACSO, 2003.

PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan: FAPERJ, 2005.

PRYOR, R. J. Integrating international and internal migration theories, In KRITZ, M. M.; KEELY, C. B.; TOMASI, S. M. (eds.). **Global trends in migration**. Theory and research on international population movements. New York: Center for Migration Studies, 1981, p. 110-129.

QUIMINAL, C. Entreprenre un anthropologie des migrations: retour sur terrain, In **Revue Européenne des Migrations Internationales** v. 25, n. 3, 2009, p. 115-132.

RAMIREZ, G. E. **Etnicidad, identidad y migraciones**. Teorías, conceptos y experiencias. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration, In **Journal of the Statistical Society on London** v. 48, n. 2, 1885, p. 167-227.

\_\_\_\_\_. The laws of migration, In **Journal of the Royal Statistical Society** v. 52, n. 2, 1889, p. 241-301.

ROOT, B. D.; GORDON, F. D. Family migration in a developing country, In **Population Studies** n. 45, 1991, p. 221-234.

SAMERS, M. **Migration**. London; New York: Routledge, 2010.

SANTAMARIA, E. **Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales**. Barcelona: Anthropos, 2008.

SASAKI, E. M e ASSIS, G. de O. Teorias das migrações internacionais. Paper apresentado no **XII Encontro Nacional da ABEP**. Caxambú, outubro de 2000. Disponível em: <[www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Natalia%20Cristina%20Iha.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Natalia%20Cristina%20Iha.pdf)>.

SASSEN, S. **Guests and aliens**. New York: The New Press, 1999.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SMITH, M. P. **Transnational urbanism: locating globalization**. Malden: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_; GUARNIZO, L. (eds.). **Transnationalism from below**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

SOLÉ, C; PARELLA, S y CAVALCANTI, L. (Coords.). **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Madrid: Observatorio Permanente de la Inmigración, 2008.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **The Polish Peasant in Europe and America. Urbana and Chicago**: University of Illinois Press, 1984.

TROUNG, T. D. Gender, international migration and social reproduction: implications for theory, policy, research and networking, In **Asian and Pacific Migration Journal** n. 5, 1996, p. 27-52.

VASTA, E.; VUDDAMALAY, V. (eds.). **International migration and the social sciences**. Confronting national experiences in Australia, France and Germany. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

VERTOVEC, S. Transnationalism and identity, In **Journal of Ethnic and Migration Studies** v. 27, n. 4, 2001, p. 573-582.

\_\_\_\_\_. Migrant transnationalism and modes of transformation, In **International Migration Review** v. 38, n. 3, 2004, p. 970-1001.

\_\_\_\_\_ (ed.). **Anthropology of migration and multiculturalism**. New directions. London; New York: Routledge, 2010.

VERTOVEC, S.; COHEN R. (eds). **Migration, diasporas and transnacionalism**. Cheltenham and Northampton, MA: Elgar, 1999.

ZANFRINI, L. **Sociologia delle migrazioni**. Bari: Editori Laterza, 2007.

ZHOU, M. Segmented assimilation : Issue, controversies, and recent research on the new second generation, In **International Migration Review** v. 31, n. 4, 1997, p. 975-1008.

ZLOTNIK, H. Théories sur les migrations internationales, In CASELLI, G.; VALLIN, J. et WUNSCH, G. (eds.). **Démographie: analyse et synthèse. IV. Les déterminants de la migration**. Paris: Editions de l'Institut National d'Etudes Démographiques, 2003, p. 55-78.

WALTON-ROBERTS, M. Transnational migration theory in population geography: Gendered practices in networks linking

Canada and India, In **Population, Space and Place** v. 10, 2004, p. 361–373.

WIMMER, A.; GLICK-SCHILLER, N. Methodological nationalism, the social sciences and the study of migration: An essay in historical epistemology, In **International Migration Review** v. 37, n. 3, 2003, p. 576-610.

WINGENS M; WINDZIO M.; DE VALK H.; AYBEK, C. (Eds.). **A Life-Course Perspective on Migration and Integration**. Dordrecht Heidelberg London New York: Springer, 2011.

<b>Título</b>	Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações
<b>Autores</b>	Jorge Durand Carmem Lussi
<b>Coordenação Editorial</b>	Kátia Ayache
<b>Assistência Editorial</b>	Augusto Pacheco Romano
<b>Capa e Projeto Gráfico</b>	Marcio Arantes Santana de Carvalho
<b>Assistência Gráfica</b>	Bruno Balota
<b>Preparação e Revisão</b>	Renata Moreno
<b>Formato</b>	14 x 21 cm
<b>Número de Páginas</b>	136
<b>Tipografia</b>	Adobe Caslon Pro
<b>Papel</b>	Alta Alvura Alcalino 75g/m <sup>2</sup>
<b>Impressão</b>	Psi7
<b>1ª Edição</b>	Abril de 2015

---

Caro Leitor,

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões escrevendo para:

atendimento@editorialpaco.com.br

---

Compre outros títulos em

**[www.livrosdapaco.com.br](http://www.livrosdapaco.com.br)**

Professor tem desconto especial

---

## Publique Obra Acadêmica pela Paco Editorial



### Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



### Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas. Livros resultantes de eventos acadêmicos e institucionais.



### Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.

Saiba mais em

**[www.editorialpaco.com.br/publique-pela-paco/](http://www.editorialpaco.com.br/publique-pela-paco/)**

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br